

Tassiani Miguel Lopes Cançado

TRANSITIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO

NO *CORPUS* PARALELO

INTERVIEW WITH THE VAMPIRE/ENTREVISTA COM O VAMPIRO

Universidade Federal de Minas Gerais

Faculdade de Letras

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Belo Horizonte - Março/2005

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Tassiani Miguel Lopes Cançado

TRANSITIVIDADE E REPRESENTAÇÃO DO DISCURSO

NO CORPUS PARALELO

INTERVIEW WITH THE VAMPIRE/ENTREVISTA COM O VAMPIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de Concentração: Lingüística Aplicada

Linha de Pesquisa: Estudos da Tradução

Orientadora: Profª. Dra. Célia Maria Magalhães

Belo Horizonte

2005

Dissertação intitulada: Transitividade e representação do discurso no *corpus* paralelo *Interview with the vampire/Entrevista com o vampiro*, aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos professores:

Profa. Dra. Célia Maria Magalhães – UFMG
(Orientadora)

Profa. Dra. Stella Esther Ortweiler Tagnin – USP

Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano – UFMG

Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves – UFOP

Belo Horizonte, de março de 2005

AGRADECIMENTOS

Agradeço muito

a minha orientadora, Prof. Dra. Célia Maria Magalhães, pela dedicação, competência e generosidade;

à CAPES, pela concessão da bolsa de estudos no primeiro ano do curso;

à Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano e ao Prof. Dr. Fábio Alves, pela enorme capacidade de transmitir e compartilhar conhecimentos;

à Joani, Tássani e Tassni, mais que mãe e irmãs: Amigas;

ao Milton, pelo convívio poético, carinhoso e companheiro;

à Flávia Lins, Janaína, Anamaria, Vívian, Magda, Tadeu, André Luis, Maria Cecília, Daniel, João Santiago, Flávia Nunes, Oséias, Andrey, Luiz Henrique, André, Júnior, Lawana, Matheus, Taquinho – presenças imprescindíveis;

aos colegas pesquisadores, em especial, Cláudio, Cristina, Marcos, Marcela, Camila, Viviane, Osilene e Roberto Carlos, pelo grande incentivo e apoio logístico;

ao Mr. Caldeira, Antônio Eustáquio Araújo Silva e José de Oliveira Leite, verdadeiros anjos-da-guarda;

a Deus e entidades de luz, que me guiaram pelos melhores caminhos: os da serenidade e perseverança.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama representativo da estrutura do CORDIAL	48
--	----

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado, em 1ª pessoa	88
Gráfico 2: Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado, em 3ª pessoa	88
Gráfico 3: Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistador	91
Gráfico 4: Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado em 1ª pessoa	106
Gráfico 5: Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado em 3ª pessoa	106
Gráfico 6: Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistador	107

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Classificação dos verbos de elocução de Neves (1999:48)	30
Quadro 2: Classificação apresentada por Thompson (1994:33)	35
Quadro 3: Classificação apresentada por Halliday (1994:252)	39
Quadro 4: Classificação apresentada por Thompson (1994:33)	69
Quadro 5: Síntese da proposta de categorização dos verbos como processos de transitividade de Halliday (1994)	70
Quadro 6: Linhas de concordância de <i>Interview with the vampire</i>	74
Quadro 7: Linhas de concordância de <i>Entrevista com o vampiro</i>	74
Quadro 8: Dados do <i>corpus</i> paralelo, obtidos pela ferramenta <i>Viewer and Aligner</i>	75
Quadro 9: Verbos introdutores do discurso do entrevistado, na narrativa em 1ª pessoa	85
Quadro 10: Verbos introdutores do discurso do entrevistado, na narrativa em 3ª pessoa	86
Quadro 11: Verbos introdutores do discurso do entrevistador	86
Quadro 12: Exemplos de elipse na retextualização do verbo <i>say</i> , introdutores da fala do entrevistado	94
Quadro 13: Padrões de retextualização do verbo <i>say</i> por outras categorias de verbos de elocução	95
Quadro 14: Retextualizações do verbo <i>say</i> (neutro) por <i>responder</i> (ajuste da mensagem)	96
Quadro 15: Padrões de retextualização dos verbos de elocução por categorias diferentes	97
Quadro 16: (Re)textualizações da mesma categoria de verbos de elocução com variação lexical	98
Quadro 17: Exemplos de elipse na retextualização do verbo <i>say</i> , introdutor da fala do entrevistador	99

Quadro 18: Padrões de retextualização do verbo neutro <i>say</i> por verbos de ajuste da mensagem	100
Quadro 19: Padrões de retextualização dos demais verbos de elocução, referentes ao entrevistado	101
Quadro 20: Processos de transitividade para o entrevistado, na narrativa em 1ª pessoa	104
Quadro 21: Processos de transitividade para o entrevistado, na narrativa em 3ª pessoa	105
Quadro 22: Processos de transitividade utilizados para o entrevistador	105
Quadro 23: Padrões de retextualização de processo verbal na representação do entrevistado	110
Quadro 24: Retextualização de processo comportamental na representação do entrevistado	111
Quadro 25: Padrões de retextualização de processo material na representação do entrevistado	111
Quadro 26: Retextualização do processo mental na representação do entrevistado	111
Quadro 27: Padrões de retextualização de processo material na representação do entrevistador	112

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Lista dos verbos de elocução em projeção paratática em <i>Interview with the vampire</i>	78
Tabela 2: Lista dos verbos de elocução em projeção paratática em <i>Entrevista com o vampiro</i>	80
Tabela 3: Representação da entrevista na narrativa em 1ª pessoa, nas quatro partes do livro	82
Tabela 4: Representação da entrevista na narrativa em 3ª pessoa, nas quatro partes do livro	83
Tabela 5: Verbos de elocução introdutórios do discurso do entrevistado	89
Tabela 6: Verbos de elocução introdutórios do discurso do entrevistador	91
Tabela 7: Representação da entrevista na narrativa em 1ª pessoa, nas quatro partes do livro	102
Tabela 8: Representação da entrevista na narrativa em 3ª pessoa, nas quatro partes do livro	103
Tabela 9: Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado	107
Tabela 10: Processos de transitividade na representação do discurso do rapaz-entrevistador	107

RESUMO

Este trabalho busca analisar a representação do discurso de dois personagens no corpus paralelo *Interview with the vampire*, de Anne Rice, e *Entrevista com o vampiro*, de Clarice Lispector. Como foco de análise, destacam-se os verbos de elocução e os processos de transitividade, observando-se os padrões de (re)textualização que representam o discurso dos dois personagens envolvidos na entrevista narrada no romance. A investigação baseou-se nos pressupostos teóricos dos Estudos da Tradução em diálogo com a lingüística sistêmica e a lingüística de corpus. A metodologia consistiu na classificação dos verbos introdutores dos discursos diretos do entrevistador e do entrevistado no romance, através das categorias de verbos de elocução e de processos de transitividade, com o auxílio dos recursos disponibilizados pelo programa de computação *WordSmith Tools*. Os resultados das análises revelaram que, embora a distribuição dos verbos e processos apresentem poucas diferenças entre os dois textos, os padrões na retextualização do romance constata o uso mais acentuado de elementos característicos do gênero “entrevista”, em comparação com os padrões utilizados na sua textualização.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa insere-se no campo dos Estudos da Tradução, direcionada por uma abordagem funcional, na interface da lingüística sistêmica, da lingüística de *corpus* e de teorias sobre representação do discurso. Através deste diálogo interdisciplinar, este estudo se propõe a identificar, analisar e comparar os padrões de (re)textualização dos verbos de elocução e processos de transitividade no *corpus* paralelo *Interview with the vampire*, de Anne Rice, e *Entrevista com o vampiro*, de Clarice Lispector.

Meu primeiro contato com o romance de Anne Rice foi através de sua tradução para o português brasileiro, e não o livro original em inglês, por dois motivos: primeiro, pela facilidade de acesso ao livro, com grande distribuição em todo Brasil; e segundo, pela curiosidade em torno de uma tradução feita por Clarice Lispector, escritora de romances os quais já conhecia e admirava bastante. Com o livro original em mãos, procurei observar os possíveis caminhos de investigação dentro do escopo do projeto CORDIAL (Corpus Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias), seguindo as sugestões de minha orientadora.

Posso afirmar que minha principal motivação para realizar tal investigação foi, desde o início, o fascínio em revelar aspectos da tradução de um texto ficcional considerado por muitos críticos como “literatura maldita”, e traduzido por uma escritora que sempre exerceu grande influência em minha formação pessoal e acadêmica. Conforme declara Baker (1993:233) “nosso entendimento sobre as questões políticas, de arte e de várias outras áreas que são centrais em nossas vidas são tão dependentes da tradução quanto o nosso entendimento da literatura do mundo, [uma vez que] os textos traduzidos

desempenham um papel muito importante em modelar nossa experiência de vida e nossa visão de mundo.”¹

Quanto à vertente discursiva empregada nesta pesquisa, utilizei, principalmente, a segunda edição de *An introduction to functional grammar*, de M.A.K. Halliday (1994), que analisa a linguagem através de sua função dentro das relações sociais. Para isso, Halliday propõe três metafunções que se inter-relacionam e se autocomplementam, estabelecendo modelos de análise textual (focalizada na organização da mensagem do texto), de análise interpessoal (relacionada com o modo pelo qual o texto realiza a interação social), e de análise ideacional (relacionada com a forma de organização das experiências e visão de mundo das pessoas).

A partir da consideração das três metafunções (ideacional, interpessoal e textual) como elementos constitutivos de sistemas inerentes a qualquer tipo de texto, oral ou escrito, procurei focalizar a análise discursiva nos processos de transitividade – sistema que realiza a metafunção ideacional – para o estudo da tradução do romance supracitado.

Por sua vez, a vertente da lingüística de *corpus* proporciona um modelo teórico e metodológico para análise de textos em formato eletrônico, com o objetivo de ampliar os conhecimentos sobre a linguagem em uso. O principal idealizador deste campo de estudos é Sinclair (1991), cujo trabalho apresenta as técnicas de criação e aplicabilidade de um *corpus* de grandes dimensões. Já em Berber Sardinha (1999), temos a descrição dos três *corpora* de língua inglesa que são considerados marcos na história da lingüística de *corpus*: o *Brown Corpus*; o *Birmingham* (que se tornou o *Bank of English*, em 1997); e o *British National Corpus* (BNC).

¹ Todas as traduções dos textos teóricos originais consultados nesta dissertação são de minha responsabilidade.

Com o desenvolvimento de programas de computação voltados para análises específicas a determinados campos de estudo, a lingüística de *corpus* tem alcançado cada vez mais reconhecimento como ferramenta importante para as investigações lingüísticas. Em especial, destaca-se o programa *WordSmith Tools*, desenvolvido por Mike Scott em 1996, o qual, entre outros, torna possível a aplicação da teoria e metodologia da lingüística de *corpus* aos Estudos da Tradução, aplicação esta comprovada na presente pesquisa com *corpus* paralelo de pequena dimensão.

Além das vertentes da lingüística sistêmica funcional de Halliday e da lingüística de *corpus*, esta pesquisa contou com a contribuição de noções teóricas sobre gênero discursivo e hibridismo de gêneros, mais especificamente, de noções sobre o gênero “romance” e o gênero “entrevista”, uma vez que *Interview with the vampire* é um romance sobre uma entrevista (representada de forma diferente nas quatro partes do livro), tendo como protagonistas dois personagens: o rapaz-entrevistador – cujo nome não é citado – e o vampiro entrevistado, *Louis*. A consideração desses aspectos teóricos e sua relação com questões abordadas pela crítica literária, referentes ao romance e aos dados biográficos da autora e da tradutora, servem de suporte à análise comparativa dos verbos de elocução e processos de transitividade que representam o discurso dos personagens envolvidos na entrevista contida no romance.

A partir das abordagens acima referidas pretende-se, com esta pesquisa contribuir para os Estudos da Tradução, sobretudo para o estudo discursivo ligado a aspectos da tradução, através da utilização teórico-metodológica de *corpus*. Além disso, procurei apresentar um estudo capaz de servir para o aprimoramento das investigações desenvolvidas pelos pesquisadores do CORDIALL. Como objetivos específicos a presente dissertação se propõe a:

- 1) Verificar como é representado o gênero “entrevista” no *corpus* paralelo *Interview with the vampire* e *Entrevista com o vampiro*;
- 2) Pesquisar as escolhas feitas na retextualização dos verbos de elocução e processos de transitividade, introdutores dos discursos do entrevistador e do entrevistado, na representação do discurso da entrevista nos dois romances;
- 3) Apresentar exemplos do *corpus* de pesquisa, com o intuito de ilustrar e esclarecer os pontos revelados nas análises lingüístico-discursivas dos verbos e processos; e
- 4) Utilizar as ferramentas e metodologia da Lingüística de *corpus* como auxiliadoras no processo de explicitação do estudo comparativo proposto, em particular, através dos dados fornecidos pelo programa de computação *WordSmith Tools*.

Para atingir tais objetivos, contei, principalmente, com o auxílio dos trabalhos de Alves, Magalhães e Pagano (2004), Assis (2004), Baker (1992,1993, 1995, 1996b, 2000), Berber Sardinha (1999), Biber et al. (1999), Caldas-Coulthard (1994), Coulthard (1991, 1992), Cruz (2003), Ghadessy e Gao (2001), Gelder (1994), Gotlib (1995), Halliday (1973, 1994), Hoffnagel (2003), Jesus (2004), Kenny (2001), Laviosa (1997a, 1997b), Lodi (1974), Magalhães (2001, 2004), Maldonado (1991), Mauri (2003), Medina (1986), Munday (1998, 2001), Neves (1999), Pagano (2003), Short (1988, 1996), Simpson (1993), Sinclair (1986, 2001), Sinclair et al. (1993), Tagnin (2004), Thompson (1996), Tymoczko (1998) e Vasconcellos (1997, 1998).

Dentre os resultados destacam-se aqueles que evidenciam a representação do gênero “entrevista” (com maior interação entre entrevistador e entrevistado) nas primeira e última² partes do romance, apresentando mais características e convenções desse gênero na retextualização do mesmo. Nas segunda e terceira partes, a narrativa predominante é em 1ª pessoa, onde o entrevistado apresenta sua própria fala e a de outros personagens, descaracterizando a entrevista como diálogo e dando lugar ao tipo de entrevista, denominada por Medina (1986) como “neoconfissão” (cf. Capítulo 2), em que a figura do entrevistador é praticamente suprimida da narrativa. Constatou-se, também, a representação do vampiro-entrevistado como um personagem mais humanizado e sensível em comparação ao rapaz-entrevistador, representado como um personagem com comportamentos animais e muito menos reflexivos.

A presente pesquisa se divide em três capítulos. O primeiro capítulo apresenta uma revisão de estudos sobre a lingüística sistêmica funcional de Halliday (1994), sobre o surgimento e desenvolvimento da lingüística de *corpus*, e a articulação dessas duas áreas de investigação com os Estudos da Tradução. Além disso, são apresentadas algumas abordagens teóricas sobre verbos de elocução e estudos realizados por pesquisadores do projeto CORDIAL, dentro do qual se insere a presente pesquisa. No segundo capítulo, são abordadas questões sobre a metodologia de pesquisa, a saber, o *corpus* de pesquisa, os dados biográficos da autora e da tradutora, teorias sobre os gêneros “romance” e “entrevista”, e os procedimentos metodológicos para a realização da análise comparativa do *corpus* paralelo. O terceiro capítulo apresenta a análise quantitativa e qualitativa dos dados disponibilizados pelo programa de computação *WordSmith Tools*, em relação aos padrões

² Com o objetivo de tornar mais clara a distinção na redação de primeira e terceira pessoas das quatro partes do livro, utilizarei números para me referir às 1ª e 3ª pessoas e a escrita por extenso para me referir às quatro partes do romance.

de (re)textualização evidenciados em *Interview with the vampire* e *Entrevista com o vampiro*. Finalmente, apresento as considerações finais sobre o trabalho realizado e alguns anexos necessários que integram o paratexto das obras do *corpus*.

CAPÍTULO 1

Abordagens Funcionais da Tradução

Embora Halliday tenha tecido poucas reflexões³ a respeito da tradução, suas teorias, em especial, a teoria da Gramática Sistêmica Funcional, serviram de apoio e embasamento para muitas outras reflexões sobre a tradução, influenciando pesquisadores como House (1977), Baker (1992), Hatim e Mason (1990,1997), Munday (1998, 2001), Coulthard (1991, 1992), entre outros.

Em seu livro, Munday (2001) faz uma revisão das teorias que contextualizam o desenvolvimento dos estudos da tradução, desde seus primórdios. Partindo das noções calcadas no debate infrutífero entre tradução literal (palavra-por-palavra) e tradução livre (sentido-por-sentido), o autor traça uma evolução das discussões teóricas da recente disciplina “Estudos da Tradução” e cita, em seu sexto capítulo, uma nova dimensão reflexiva para a disciplina com o advento de teorias discursivas, destacando-se a de Halliday (1994) como base teórica para as demais teorias apresentadas pelo autor nesse capítulo.

Nos anos 90, a influência do modelo Hallidayano encontra respaldo nos trabalhos de Coulthard (1991, 1992), com a proposta dos conceitos pioneiros de “textualização” e “re-textualização” aplicados aos estudos da tradução. Segundo Coulthard (1991:2-3) qualquer texto escrito deve ser considerado como “uma possível ‘textualização’ da mensagem do autor”, já que “é sempre possível revisar e melhorar o texto mais de uma vez”. A tradução deste texto, então, será vista como uma “retextualização” destinada para um outro leitor

³ Cf. Halliday (1956, 1962, 2001) – reflexões sobre a tradução.

ideal. Vale ressaltar a importância dos conceitos de Coulthard para a presente pesquisa, apesar da não utilização pelo autor dos recursos da lingüística de *corpus* como suporte teórico-metodológico em seus estudos.

A seguir, abordaremos os elementos de contextualização histórica da lingüística, a partir do surgimento da teoria da Gramática Sistemática Funcional de Halliday, focalizando-se o sistema da transitividade como ponte teórica para o diálogo com os Estudos da Tradução.

1.1 – A Linguagem como representação: a transitividade⁴

A Gramática Sistemática Funcional surge, então, na década de 70, momento em que predominava na Lingüística a análise sintagmática da língua, ou seja, uma gramática formal, focalizada na estrutura organizacional do texto, propondo normas fixas para a análise da língua. Sob outro enfoque, Halliday propunha uma análise paradigmática da língua, a fim de tornar a gramática um sistema constitutivo da prática social, direcionada para o entendimento do texto como um todo e não apenas para o mapeamento das realizações lingüísticas isoladas desse texto. Ou seja, para o autor, da mesma forma que o texto não existe isolado de um contexto - o “contexto de situação” - a língua não está isolada de seu meio - o “contexto de cultura”. Desse modo, o texto, o contexto, a linguagem e a cultura são elementos inter-relacionados na teoria funcional desse autor.

Com isso, Halliday define três funções principais da língua, que operam de forma concomitante e articulada:

⁴ Os termos da Gramática Sistemática Funcional (GSF) utilizados nesta pesquisa, seguiram, como referência, a lista de termos, traduzida para o português, apresentada e aprovada para utilização das equipes de pesquisas da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e do Projeto DIRECT da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP, disponível no sítio eletrônico: <http://lael.pucsp.br/sistemica/aprovados-05-09.doc>

- 1) Função Interpessoal: expressa o papel do falante na situação discursiva, seu compromisso pessoal e sua interação com os outros. Em outras palavras, o falante usa a linguagem como um meio de sua própria participação dentro do evento discursivo: seus comentários, atitudes e avaliações e a relação que ele estabelece consigo mesmo e com o ouvinte. É a função que está relacionada com o sistema de modo e modalidade;
- 2) Função Ideacional: é através desta função que o falante ou escritor incorpora na linguagem sua experiência dos fenômenos do mundo real, e isto inclui sua experiência do mundo interior, de sua própria consciência: suas reações, cognições e percepções e seus atos lingüísticos de fala e entendimento do mundo. A essa meta-função relaciona-se o sistema da transitividade; e
- 3) Função Textual: constitui-se na configuração da informação, sendo um recurso que assegura a relevância do que é dito. Ou seja, ao se concentrar na criação do texto, expressa a estrutura da informação e a relação de cada parte do discurso com o todo e com sua localização. Está ligado a essa função o sistema tema/rema, que organiza a oração, a fim de interpretar a informação principal do contexto geral do texto.

No contexto brasileiro, cabe a referência aos trabalhos de Vasconcellos (1997) e Vasconcellos (1998) que, embora não sejam contemplados na revisão feita por Munday (2001), são considerados trabalhos pioneiros no Brasil, com a proposta de interface entre a teoria sistêmica de Halliday e os Estudos da Tradução. Vasconcellos (1997) parte dos conceitos de função textual para analisar sua realização no par lingüístico inglês/português brasileiro; em Vasconcellos (1998), temos um estudo baseado na função ideacional, através

do sistema da transitividade, para analisar sua realização num conto de James Joyce – *Araby* – e suas traduções para o português brasileiro.

Cabe, também, destacar Pagano (2003), um artigo focalizado nas possibilidades que a lingüística sistêmica proporciona para a análise de textos traduzidos. A autora parte da investigação conjunta das funções ideacional e textual, propostas por Halliday, e dos conceitos de textualização e retextualização, propostos por Coulthard, a fim de tratar questões relativas ao estudo da tradução sob uma perspectiva discursiva e interligada às abordagens funcionais.

Como já foi mencionado, o sistema da transitividade está associado à função ideacional e, através dele, é possível a configuração dos processos, dos participantes envolvidos e das circunstâncias em que ocorrem. A transitividade, portanto, especifica os diferentes tipos de processos que são reconhecidos na linguagem e as estruturas pelas quais eles são expressos.

Halliday trabalha com o conceito de “goings-on” inerentes aos textos, os quais revelam os contextos em que a mensagem está inserida, ou seja, uma mensagem é construída a partir de uma ação, ou a partir de um pensamento, ou a partir de um comportamento, e assim por diante, de forma que uma análise dos processos presentes no texto evidenciarão os “goings-on” do texto.

Ainda sob esse aspecto, Halliday parte do pressuposto de que todo texto é elaborado através de escolhas lingüísticas realizadas por um autor e, segundo ele, toda escolha está relacionada com outras, não havendo escolhas totalmente independentes. Desse modo, para o autor de um texto não há opções sem sentido, pois todas as escolhas estão inseridas no âmbito lingüístico e possuem uma determinada função no contexto da mensagem.

Halliday ainda assevera que a estrutura semântica básica para a representação dos processos na oração consiste, potencialmente, de três componentes: (a) o próprio processo; (b) os participantes do processo; e (c) as circunstâncias associadas ao processo. Logo, os conceitos de processo, participante e circunstância são categorias semânticas que explicam como os fenômenos do mundo real são representados dentro de uma estrutura linguística com viés discursivo.

Com esses argumentos, Halliday (1994) classifica os processos em três grupos principais: material, mental e relacional; e três grupos intermediários: verbal, existencial e comportamental.

O autor concebe a oração como unidade mínima de estudo da representação do discurso. Tendo a oração como objeto de investigação, Halliday propõe a realização da análise através do sistema lógico-semântico de projeções. Baseando-se no sistema de “taxe” (*taxis*), Halliday (1994) apresenta duas subdivisões: a oração de projeção paratática e a oração de projeção hipotática.

A projeção paratática, classificada por Halliday como aquela que projeta a elocução propriamente dita, representa duas orações independentes, uma que projeta o enunciado e outra que contém o enunciado (oração projetada). Um exemplo desse tipo de oração é: *“She keeps saying to us ‘I stay up till twelve o’clock every night’.*” (Halliday, 1994: 250), em que temos na oração sublinhada, a projeção do enunciado (ou da elocução).

De outro modo, a projeção hipotática ou projeção da idéia, temos duas orações dependentes uma da outra. Em vez de uma oração de processo verbal que projeta o que é dito, temos uma oração de processo mental que projeta um significado. Como podemos ver no exemplo: *“Dr. Singleman always believed that his patient would recover.”* (Halliday,

1994: 252). Assim, a oração sublinhada é tida como a oração de processo mental que faz a projeção da idéia (ou significado).

É necessário destacar que, além dos processos verbais apontados pelo autor como sinalizadores de elocução, há outros tipos de processos que podem ser utilizados como elementos elocucionários no *corpus* desta pesquisa.

Há, também, elementos na oração que devem ser levados em consideração para uma análise completa dos processos, que são denominados por Halliday como “elementos circunstanciais”. Eles funcionam como complementos dos verbos de elocução e como expansão dos mesmos. Os principais tipos de elementos circunstanciais, segundo o autor, são “modo”, “causa”, “contingência”, “acompanhamento”, “função”, “importância” e “ponto de vista”, “extensão” e “locação” (no tempo e no espaço).”

A estrutura típica da “extensão” é constituída por um grupo nominal com um quantificador (finito ou infinito) e pode conter ou não preposição. Exemplos deste tipo são: *five days, many miles, a long way* (Halliday, 1994:152). Já a estrutura típica da locação é um grupo adverbial ou um sintagma preposicionado como, por exemplo, *in Canberra, by the door, before sunset*. (ibid:152). Além desses elementos, devemos destacar aqueles referentes ao “modo”, pois constatamos uma grande incidência deles no *corpus* em estudo. Compreendem três subcategorias: meio, qualidade e comparação. O meio é tipicamente expresso por um sintagma preposicionado com a preposição “por” (*by*) ou “com” (*with*). A qualidade é geralmente expressa por um grupo adverbial, principalmente com a terminação “-mente” (*-ly*). E, por fim, a comparação consiste de um sintagma preposicionado ou um grupo adverbial de similaridade ou diferença, por exemplo, “como” (*like*) e “diferentemente” (*unlike*).

É oportuno, então, explicar, brevemente, as características de cada grupo de processos e como podem ser considerados como formas de representação do discurso.

1) Processos Materiais: processos de fazer

Os processos materiais são caracterizados por se referirem a uma ação, criação ou mudança praticada pelo ator do processo. No entanto, há processos materiais que não são eventos necessariamente concretos e físicos, podendo se apresentar também como acontecimentos abstratos, como nos exemplos de Halliday (1994:111): “*The mayor resigned*” e “*The mayor dissolved the committee.*”

Halliday afirma que, na visão tradicional da lingüística ocidental, todo processo possui um *Ator (Actor)*; alguns processos também possuem um outro participante, que se denomina *Meta (Goal)*. O termo “meta” implica, segundo o autor, “direcionado a”. Outro termo que é usado para esse participante é *Paciente*, significando aquele que sofre ou recebe o processo. São exemplos desses processos: *make/ fazer, paint/ pintar, play/ jogar ou tocar.*

2) Processos Mentais: processos de sentir, pensar e saber

Os processos mentais subdividem-se em três tipos: os que indicam cognição (*pensar, saber, entender*), afeição (*gostar, temer*) ou percepção (*ver, escutar*). Os participantes de orações de processos mentais são classificados como *experienciador* e *fenômeno*. O *experienciador* é o ser consciente, aquele que sente, pensa ou enxerga, já o *fenômeno* representa o que é sentido, pensado ou visto.

Halliday aponta uma importante diferença entre os processos mentais e os processos materiais. Em orações de processos mentais, a variedade de participantes que possuem a função de sentir, pensar ou saber é muito maior do que se percebe em orações cujo

participante possui a função de agente ou ator de uma ação, uma vez que nos processos mentais o participante pode ser tanto um ser humano quanto algo inanimado que é personificado. Podemos ver no exemplo: “*the empty house was longing for the children to return*” (Halliday, 1994:114), que a *casa vazia (the empty house)* é entendida como algo que sente - que é consciente - sendo, portanto, o participante da oração de processo mental. Diferentemente, uma oração de processo material não apresenta a distinção entre seres conscientes e inconscientes como caracterizadores dos participantes da oração.

3) Processos Relacionais: processos de ser

Os processos relacionais, por sua vez, são caracterizados por se referirem a um atributo ou identidade possuídos pelo participante do processo. São subdivididos em três tipos: intensivos, circunstanciais e possessivos. A proposição central das orações desse tipo situa-se no fato de que alguma coisa é algo. Surge, daí, uma peculiaridade, pois cada língua possui em sua gramática, um número distinto de modos de ser, expressos como tipos diferentes de processos relacionais na oração. São exemplos desses processos: *be/ser - estar, have/ ter, seem/ parecer, belong/ pertencer*.

Halliday (1994:119), então, apresenta uma distinção entre o caráter identificador e o caráter atributivo do processo relacional, na medida em que o primeiro possui a característica de ser reversível, enquanto o segundo (o atributivo) não a possui. Por exemplo, a oração *Tomorrow is the 10th* (modo identificador) pode ser invertida como “*The 10th is tomorrow*”, enquanto na oração “*the piano is Peter’s*” (modo atributivo) a inversão “*Peter’s is the piano*” não é possível.

4) Processos Verbais: processos de dizer

Os processos verbais possuem a característica central de que algo é dito. No entanto, deve-se entender, segundo Halliday, esse “dizer” com um sentido de interpretação ampla, ou seja, esse tipo de processo pode incluir orações como: 1) *the notice tells you to keep quiet* e 2) *my watch says it's half past ten*. (Halliday, 1994:140). Desse modo, o processo verbal *dizer* remete-se a tipos de orações com troca simbólica de significado. Porém, diferentemente dos processos mentais, os processos verbais não exigem um participante consciente. Há quatro participantes em orações de processos verbais: 1) o participante principal, o *Dizente (Sayer)*, que pode se configurar como qualquer coisa: um semáforo, um relógio, uma notícia, etc; 2) o *Receptor (Receiver)*, para o qual o relato está sendo dirigido; 3) a *Verbiagem (Verbiage)*, que se refere ao conteúdo do que está sendo dito; e 4) o *Alvo (Target)*, que é o elemento-alvo do processo de dizer, como o próprio nome indica.

Deve-se ressaltar, ainda, que uma oração verbalizada pode ser considerada tanto uma proposição, como no exemplo “*he told me it was Tuesday*”, quanto uma proposta, como no exemplo “*he promised her that he would go home*” (Halliday, 1994:141).

5) Processos Existenciais: processos de existir ou acontecer

Esses processos sinalizam que algo existe ou acontece, como nos exemplos do autor: *there seems to be problem, there was a little guinea-pig* (Halliday, 1994:142). É notório em orações de processos existenciais a presença de verbos como existir e haver, seguidos por um grupo nominal funcionando como um *Existente*. Este, por sua vez, pode ser um fenômeno de qualquer tipo, sendo, freqüentemente, um evento.

Por fim, as orações existenciais geralmente contêm elementos circunstanciais, como demonstram os exemplos citados pelo autor: “*there was a picture on the wall*” e “*there’s someone waiting at the door*” (Halliday, 1994:142).

6) Processos Comportamentais: processos de comportamento fisiológico e psicológico

São processos que se caracterizam por representar os comportamentos fisiológicos e psicológicos dos participantes da oração. Segundo Halliday, estes processos encontram-se gramaticalmente entre os processos materiais e os mentais, uma vez que o *comportante* (*behave*) é tipicamente um ser consciente, como o *experenciador*, mas o processo sugere mais uma ação, um “fazer”. São exemplos desses processos: *breathe/ respirar, smile/ sorrir, cough/ tossir, dream/ sonhar, yawn/ bocejar e ponder/ meditar*.

Cabe destacar que a maioria das orações de processos comportamentais apresenta apenas um participante e podem incluir processos de consciência representados como formas de comportamento como, por exemplo, “*He’s always grumbling*”, “*I’m thinking*” e “*No-one’s listening*” (Halliday, 1994:139).

Como conclusão deste tópico, é importante ressaltar que a Gramática Sistêmica Funcional de Halliday focaliza o estudo das ocorrências lingüísticas da língua inglesa. A pesquisa que realizamos propõe uma aplicação das categorias de Halliday também para a língua portuguesa. Além disso, focalizaremos o estudo da representação do discurso, sendo este um termo empregado pelos lingüistas que tratam o discurso como forma de interpretação. A abordagem teórica de Halliday apresenta um estudo de representação do discurso de grande importância para o presente trabalho. Segundo Halliday (1994) a representação do discurso está relacionada com os sistemas de projeção paratática ou hipótatica, e é evidenciada através da análise das orações em que a projeção é realizada.

Na próxima seção, faremos uma revisão de estudos sobre os verbos de elocução, pois estes contribuem para ampliar o entendimento das formas de representação do discurso em que se baseia a análise da pesquisa referida.

1.2 – A representação de discursos: os verbos de elocução

De acordo com a literatura da área de Estudos Lingüísticos, o termo adotado para designar os verbos que introduzem um discurso representado é o de “verbos de elocução” (*reporting verbs*), também, utilizado pelos pesquisadores do CORDIALL⁵. O termo inclui estudos tanto da linguagem oral como da escrita, e parece estar restrito à classe dos verbos (sugerindo a não inclusão de outras classes, como os substantivos, adjetivos e adjuntos). É pertinente o uso desse termo concomitantemente ao uso do termo “representação do discurso” (*discourse representation*), utilizado primeiramente por Fairclough (1988:125), por considerarmos termos de maior abrangência e adequação para a análise realizada nesta dissertação.

A seguir, trataremos de teorias de autores estrangeiros que focalizaram sua pesquisa no estudo discursivo dos verbos de elocução, através da análise de *corpus* jornalístico (dentre outros), de especial interesse para o melhor embasamento desta dissertação.

⁵ A definição do Projeto CORDIALL está na seção 1.4, desta dissertação. Cf. trabalhos de Cruz (2003), Mauri (2003) e Jesus (2004), pesquisadores do CORDIALL que utilizam o termo “verbos de elocução”.

1.2.1 - Verbos de elocução em obras de referência

De grande relevância para a presente pesquisa, Biber et al. (1999) realizam um estudo baseado em *corpus* sobre o uso dos verbos de elocução, ressaltando, principalmente, a função desses verbos e de seus complementos no discurso direto da ficção e de reportagens jornalísticas.

Antes de tudo, os autores procuram definir uma oração de elocução como sendo aquela que acompanha relatos diretos da fala ou pensamento de alguém, podendo estar localizada na posição inicial, medial ou final. Segundo eles, cada oração desse tipo contém um verbo de elocução, tanto um verbo de dizer ou pensar quanto um verbo que identifica o modo de falar (murmurar, gritar), o tipo de ato de fala (oferecer, prometer) e a fase da fala (começar, continuar).

Os autores, então, apresentam a noção de inversão, freqüentemente utilizada nas orações de elocução. A inversão pode ser encontrada no meio ou no final da oração, contendo um verbo simples e um sujeito. Tal inversão pode, também, apresentar-se sob a ordem sujeito-verbo (*Laura said*, por exemplo).

As orações de elocução podem ser caracterizadas não apenas em termos de sua inversão e posição relativa à frase, mas também em termos de sua complexidade (expansão à esquerda, expansão à direita, nenhuma expansão). No exemplo abaixo temos uma oração com posição final e expansão à direita:

“Do you in point of fact want us to say that dreadnought doesn’t leak?” *asked Richard patiently.* (Biber et al., 1999: 921)

A partir de observações como essas, os autores concluem que orações de elocução finais freqüentemente têm expansões à direita, incluindo adjuntos adverbiais de tempo (como por exemplo, *disse ontem*⁶), adjuntos adverbiais de modo (*perguntou pacientemente*), uma especificação do destinatário (*contou para ela*), e orações de gerúndio. O último tipo é particularmente comum em ficção, de acordo com Biber et al. (1999:924), como podemos ver na parte sublinhada:

“That’s the whole trouble”, *said Gwen, laughing slightly*.

Por outro lado, os autores afirmam que as orações de elocução iniciais freqüentemente têm expansões à esquerda, podendo incluir, também, adjuntos adverbiais de tempo, de lugar, orações de gerúndio, e uma especificação do destinatário. Como no exemplo abaixo:

To the mother she said: “You should be happy, they bring luck to the household.”
(Biber et al., 1999:924)

Deve-se observar, no entanto, que as orações de elocução raramente incluem uma expansão à esquerda e uma à direita simultaneamente.

É oportuno, então, apresentar uma síntese das conclusões tiradas pelos autores a respeito da pesquisa realizada sobre a utilização dos verbos de elocução nos textos de ficção e de jornalismo. Eles observaram, principalmente, que:

⁶ Os exemplos em itálico são traduções dos exemplos de Biber (1999:924), respectivamente: “said yesterday”, “asked patiently”, “told her”.

- A posição final para as orações de elocução é a mais utilizada em ambos os textos. No entanto, as reportagens usam muito mais a posição inicial em comparação com os textos ficcionais;
- A maioria das orações de elocução não possui expansão. Quando há expansão, esta apresenta-se, preferencialmente, à direita, especialmente em orações com posição elocutória final;
- As orações de elocução com expansões são mais comuns na ficção do que nas reportagens jornalísticas, particularmente com orações na posição final de elocução, refletindo a maior necessidade de especificar o modo e as circunstâncias da fala nos textos ficcionais;
- Em textos ficcionais, tanto a ordem sujeito-verbo quanto a ordem verbo-sujeito são usadas para as orações de elocução, com uma leve preferência pela ordem regular sujeito-verbo; e por fim,
- A inversão é geralmente tão condicionada pelo contexto que é impossível normalizar a ordem sem afetar o elemento contextual da oração ou sem haver perda do efeito estilístico.

A gramática de Sinclair et al. (1993) remete-se à discussão em torno dos verbos de elocução ao propor conceitos e categorias importantes para o desenvolvimento da presente pesquisa de dissertação.

O capítulo inicia-se com a distinção entre a “estrutura de citação” (denominada pela gramática tradicional de discurso direto) e a “estrutura de relato” (discurso indireto). Segundo Sinclair et al. (1993), as estruturas de citação são principalmente usadas nas

estórias escritas. Dessa forma, quando se relatam os pensamentos das pessoas, quase sempre se utilizam estruturas de relato porque os pensamentos não aparecem geralmente na forma de palavras, não podendo, assim, serem citados de forma exata. Na verdade, as estruturas de relato podem ser usadas para relatar quase qualquer tipo de pensamento e enunciado.

Depois de esclarecidas tais distinções, Sinclair et al. (1993) entram no mérito dos verbos de elocução propriamente ditos, considerando-os membros indispensáveis a todas orações de relato (de discurso direto ou indireto). Cada categoria proposta pelos autores tem implicações as quais procurarei explicitar.

Os verbos básicos, por exemplo, indicam simplesmente o que alguém disse sem adicionar mais informações sobre o que está sendo relatado. Já os verbos que mostram o propósito da fala apontam para um propósito que um enunciado pretende servir.

Muitos verbos de elocução são usados para se referirem aos pensamentos dos participantes – é o que sugerem os verbos da terceira classificação de Sinclair et al. (1993). Esses verbos podem ser utilizados para muitos tipos diferentes de pensamento, incluindo crenças, desejos, esperanças, intenções e decisões. E podem, inclusive, ser usados para se referirem às ações de lembrar e esquecer.

A quarta classificação estabelecida pelos autores apresenta os verbos que se referem à aprendizagem e percepção de um determinado fato e a última classificação são de verbos que explicitam o modo pelo qual algo é dito. Um outro jeito de indicar o modo da fala, abordado pela gramática em questão, constitui-se de verbos que descrevem o som feito por um tipo particular de animal, ou de verbos que indicam a expressão do rosto de alguém enquanto está falando.

No tópico seguinte, farei uma revisão de outras teorias acerca de verbos de elocução que, apesar de utilizadas em menor escala como fonte teórica para a presente pesquisa, apresentam elementos enriquecedores como suporte para as abordagens descritas nesta seção.

1.2.2 - Verbos de elocução em estudos nos contextos internacional e nacional

O primeiro estudo em evidência nesta seção é a de Caldas-Coulthard (1994), ao propor o estudo dos verbos de elocução usados em textos factuais (jornalísticos) e ficcionais, com o intuito de discutir as seguintes questões:

- a) os meios e as implicações de inserir um texto em outro;
- b) a questão da veracidade e da sinceridade; e
- c) a exclusão das mulheres como falantes da imprensa.

Segundo a autora, o caso mais extremo de representação da fala na forma escrita é o texto ficcional, onde a estória revela-se através do diálogo. É notável, no entanto, a presença de um narrador, tanto no texto ficcional quanto no texto factual, uma vez que este último tem a função de relatar o que alguém supostamente disse. Os escritores, dessa forma, representam a interação oral fazendo uso de suas suposições sobre as estratégias interativas reais. Ainda sobre esse aspecto, Caldas-Coulthard (1994) afirma que um relato de interação - factual ou ficcional - é sempre uma redução de um evento comunicativo

inicial, especialmente porque a conversa relatada está embutida em um texto que tem um propósito diferente de um evento comunicativo original.

No mesmo capítulo, Caldas-Coulthard refere-se a Sinclair (1986) ao citar sua proposta no sentido de traçar uma distinção entre fato e ficção. Para Sinclair, “fato” consiste em uma conjuntura do mundo real que não requer verbalização, e “ficção” (ou “status de ficção”) é reservado para os enunciados que são declarados por um falante, criados por um autor que não os atribui a nenhum outro autor do mundo real. Verifica-se, desse modo, que o “status factual” exige declaração do autor real.

A autora afirma, ainda, que há um ponto em comum entre uma representação factual e uma representação ficcional de interação, na medida em que os “dizeres” são transformados em relatos pelos repórteres, a fim de torná-los significantes. Neste sentido, o repórter pode também ser uma espécie de criador do texto real, estando este sujeito à interferência da sua visão dos fatos, de suas percepções, ideologia e contexto social. A autora busca, com isso, discutir a questão do poder conferido aos escritores, em especial, aos jornalistas, que podem distorcer os fatos reais, com o intuito de manipular a opinião pública e privilegiar interesses políticos e/ou econômicos. Cabe destacar que, segundo a autora, os relatos diretos e indiretos nos jornais têm a função de legitimar o que é relatado. A representação da fala é, assim, uma das estratégias retóricas usadas pelo discurso da mídia para implicar confiabilidade. Além disso, este é um recurso usado para tornar a narrativa mais ágil.

Por fim, Caldas-Coulthard empenhou-se em demonstrar o fato de que as mulheres não possuem voz na imprensa, como foi dito no início deste tópico. Para isto, ela fez uso de listas de concordância dos verbos de *dizer* de um *corpus* de cinco milhões de palavras do jornal *The Times* e de um *corpus* de 20 milhões de palavras da rede de informação *BBC*

World Service, ambos acessados através do *Bank of English* da *Collins Cobuild Birmingham University International Language Database*. A partir daí, a autora selecionou do *corpus* do *The Times* o exemplo mais freqüente da taxonomia geral dos verbos de dizer e, depois, classificou as elocuições de acordo com sua função em relação à oração relatada. Após realizados esses procedimentos, Caldas-Coulthard confirmou suas hipóteses de que as mulheres representavam a minoria em relação às elocuições realizadas e transmitidas e que os homens eram relatados através de elocuições que se remetiam a eles como detentores do poder e de papéis profissionais imponentes, enquanto às mulheres cabiam referências a papéis domésticos e subalternos.

É oportuno deixar claro que a autora também se utiliza das proposições teóricas de Halliday para embasar as questões discutidas acima, principalmente em relação à possibilidade da interferência do escritor ao transmitir uma determinada elocução.

De outro modo, temos em Short (1988, 1996) trabalhos que abordam questões relativas às orações de elocução, embora não discorram, especificamente, sobre os verbos de elocução e uma proposta de classificação dos mesmos. Tais trabalhos remetem às noções desenvolvidas por Leech e Short (1981), com a elaboração dos conceitos de “apresentação da fala e do pensamento” (*speech and thought presentation*). Desse modo, os estudos referidos são significativos para o suporte teórico da presente pesquisa, uma vez que o autor parte dos cinco modos de representação do discurso – discurso direto e direto livre, indireto e indireto livre, e narrativa de ato de fala – para investigar as possibilidades de ocorrência dessas categorias em outros gêneros escritos além do romance.

Partindo da coleta de dados em jornais ingleses, Short chegou a conclusões a respeito de questões sobre representação da fala e do pensamento, como podemos enumerar abaixo:

- Entre outras coisas, Short concluiu que somente a fala é apresentada nos dados jornalísticos, enquanto no romance o pensamento também é freqüentemente relatado;
- Verificou que não havia distinção lingüística formal entre o romance e o artigo jornalístico, uma vez que todos os tipos de categorias de representação do discurso ocorrem nos artigos jornalísticos que o autor examinou;
- Por fim, o autor concluiu que as correlações semânticas dos tipos de representação são semelhantes àquelas encontradas no romance, mas não exatamente as mesmas, sendo que a situação discursiva é diferente.

Simpson (1993:22), baseando-se nas teorias de Leech e Short, corrobora a noção de discurso direto e discurso indireto como os dois modos principais de representação da fala. O autor enfatiza os conceitos de modos “livres” de discurso – discurso direto livre e discurso indireto livre – como orações que se caracterizam pela ausência de aspas e oração elocutória, o que acarreta na falta de interferência do narrador sobre a estória do texto. Dessa forma, quanto mais o autor utiliza orações discursivas “livres” para representar as falas dos personagens, menos orações elocutórias o texto apresentará e menos “controlada” será a narrativa, tornando-a mais simples e direta. Para ilustrar, Simpson apresenta exemplos dessas quatro formas de representação da fala, como reproduzimos abaixo:

“I know these tricks of yours!”, she said. ---- {Discurso direto}
She said that she knew those tricks of his.---- {Discurso indireto}
I know these tricks of yours! ----- {Discurso direto livre}
She knew those tricks of his! ----- {Discurso indireto livre}

O autor discorre, ainda, sobre a questão do ponto de vista em textos ficcionais. Citando Gerard Genette, Simpson afirma o contraste de dois termos referidos por Genette: diegese e narrativa. Segundo Genette, o primeiro incorpora a noção de assunto do texto (*plot*) e o segundo, ao contrário, “é o meio pelo qual a estória é contada, o texto real com todas as suas idiossincrasias lingüísticas” (apud Simpson, 1993:31). A questão do ponto de vista é relevante para a presente pesquisa, uma vez que se verifica a presença de duas perspectivas narrativas no *corpus* em estudo, discutidas na análise desenvolvida no Capítulo 3.

Sob outra perspectiva, a quarta abordagem apresentada nesta sub-seção constitui uma tentativa de apresentar uma discussão sobre os verbos de elocução, partindo da proposição de que reproduzir um discurso é um universal lingüístico. Maldonado (1991) propõe um estudo sobre os discursos direto e indireto. Segundo a autora, o *discurso direto* é a reprodução literal de palavras próprias ou alheias, enquanto o *discurso indireto* é a reprodução dessas palavras a partir do sistema de referências dêiticas do falante que as reproduz.

Outras definições como “discurso natural” e “discurso fictício” são utilizadas pela autora, a fim de traçar uma distinção entre os dois discursos. O discurso natural, para Maldonado, é aquele realizado por um falante real, em um lugar e em um tempo igualmente reais; já o discurso fictício é realizado através de enunciados reproduzidos na segunda pessoa que remetem a alguém alheio à situação da enunciação.

Retornando à discussão sobre as particularidades do discurso direto e indireto, a autora afirma que todo discurso direto é constituído por uma *expressão introdutora* (EI) que contém um verbo de elocução, uma *citação direta* (CD) marcada tipograficamente por travessões ou aspas, e o *conteúdo citado* (CC), sempre reproduzindo um enunciado

literalmente. Desse modo, a EI e a CD são separadas por uma pausa marcada tipograficamente pelos dois pontos. Por outro lado, o discurso indireto é constituído por uma *expressão introdutora* (EI) que contém um verbo de elocução, uma *citação indireta* (CI) cuja marca é a conjunção *que*, e o *conteúdo citado* (CC). Nesse caso, a CI está subordinada ao verbo da EI.

Além da classificação em categorias de verbos de elocução, a autora propõe o agrupamento dos verbos em dois grandes blocos, através de uma perspectiva temporal: 1) verbos com valor prospectivo (*anunciar, prognosticar, pressagiar, jurar, avisar, etc.*), e 2) verbos com valor retrospectivo (*recalcar, recordar, sublinhar, repetir, objetar, esclarecer, precisar, etc.*).

Cabe, por fim, apresentar alguns estudos sobre verbos de elocução que são direcionadas para o português brasileiro, destacando-se a teoria proposta por Neves (1999). Segundo a autora, os verbos de elocução são verbos introdutores do discurso, tanto do discurso direto quanto do discurso indireto. Podemos ver no quadro abaixo como são classificados os verbos de elocução de acordo com Neves:

QUADRO 1: Proposta de classificação dos verbos de elocução de Neves (1999:48)

Verbos <i>discendi</i>	Verbos neutros	<i>dizer, falar</i>
	Verbos que indicam o modo de realização do enunciado	<i>exclamar, murmurar, gritar, sussurrar, cochichar, etc.</i>
	Verbos que indicam cronologia discursiva	<i>retrucar, repetir, tornar, completar, emendar, etc.</i>
	Verbos que lexicalizam o modo que caracteriza o dizer	<i>queixar-se, comentar, confidenciar, observar, protestar, explicar, responder, sugerir, etc.</i>
Verbos que introduzem o discurso, mas não necessariamente indicam atos de fala	Verbos que instrumentalizam o que se diz	<i>acalmar, ameaçar, desiludir, garantir, consolar, etc.</i>
	Verbos que circunstanciam o que se diz	<i>sorrir, chorar, irritar-se, espantar-se, suspirar, etc.</i>

Alguns trabalhos têm sido feitos no âmbito do CORDIALL⁷, na área de Estudos da Tradução, na interface da lingüística sistêmica e lingüística de *corpus*, focalizando o uso de verbos de elocução. Citarei dois deles, devido a sua relevância para o presente trabalho.

Cruz (2003) teceu uma análise dos verbos de elocução do romance *Harry Potter and the chamber of secrets* e de sua tradução para o português brasileiro por Lia Wyler, à luz da lingüística sistêmica e dos estudos de *corpora*. Cruz constatou, entre outras coisas, que há uma escolha por outros processos e categorias de verbos de elocução na retextualização, para lidar com a significativa frequência do verbo *say*, na textualização; além disso, que há um número maior de verbos que sinalizam som particular de animal (além do verbo *say*) e verbos que sinalizam a expressão facial do falante na textualização. Em relação à articulação entre as categorias dos verbos propostos por Sinclair et al. (1993) e os processos da transitividade apresentados por Halliday (1994), Cruz verificou as diferentes escolhas por parte da autora e da tradutora, uma vez que a primeira opta por mais verbos que sinalizam o modo da fala, e a segunda escolhe verbos que sinalizam o propósito da fala. Quanto aos processos, observou-se a predominância dos processos comportamentais na textualização e dos processos verbais na retextualização. Segundo Cruz, esse fato permite concluir que os participantes do romance textualizado podem ser considerados a partir de comportamentos físicos e psicológicos, próprios de seres conscientes, autores dos processos. Por outro lado, os personagens do romance retextualizado apontam para a característica de seres falantes, podendo ser conscientes ou não, uma vez que se observou a preponderância de processos verbais. Por fim, Cruz corroborou a maioria dos resultados apresentados em Biber et al. (1999), principalmente em relação à posição final dos verbos de elocução e a discreta utilização de expansões dos verbos com elementos circunstanciais.

⁷ Na seção 1.4 está a descrição do projeto CORDIALL.

Por sua vez, Mauri (2003) apresentou um estudo da retextualização italiana de *Laços de Família*, realizada por Adelina Aletti, baseando-se na lingüística de *corpus* e na lingüística sistêmica, a fim de verificar a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução. Sua análise revelou que verbos de elocução pertencentes a outras categorias foram utilizados em *Laços de Família* com função de processos mentais. No entanto, sua segunda hipótese foi confirmada apenas em parte. Esta, baseada no fato de a língua portuguesa e a língua italiana terem semelhanças intrínsecas, previa encontrar escolhas semelhantes de verbos de elocução, tanto na textualização quanto na retextualização.

Mauri verificou, também, que possivelmente a tradutora fazia escolhas diferentes da textualização, pelo menos, por três principais motivos: 1) ou devido às estruturas próprias da língua italiana, ou 2) devido à influência de algumas colocações, ou 3) com o intuito de ressaltar o discurso direto, ao utilizar aspas, primeira pessoa do singular e evitar repetições.

Segundo a conclusão de Mauri, estas pequenas diferenças, às vezes, fazem com que os níveis de introspecção das personagens femininas variem na retextualização, uma vez que esses níveis são construídos, também, através do uso de outros tipos de discurso (como o indireto, indireto livre e monólogo interior), das repetições lexicais e de construções que remetem mais ao inconsciente.

A seguir, apresentaremos a abordagem sobre verbos de elocução utilizada nesta pesquisa, proposta por Thompson (1994), e os pontos da teoria de Halliday que se aplicam aos verbos de elocução – principais abordagens que servem de fundamentação teórica para a análise desenvolvida no Capítulo 3 desta dissertação.

1.2.3 – Verbos de elocução sob a perspectiva dos estudos de Thompson e Halliday

Em seu livro *Collins Cobuild Guides 5: Reporting*, Thompson (1994) se concentra no estudo criterioso de várias questões a respeito das estruturas de elocução, buscando demonstrar, entre outras coisas:

- 1) como as diferentes estruturas gramaticais podem ser usadas na linguagem de elocução;
- 2) qual é a função da marca de elocução para indicar diferentes atitudes dos falantes;
- 3) como diferentes tipos de mensagens podem ser escolhidas para diferentes propósitos;
- 4) como os falantes podem usar as estruturas de elocução para expressar sentimentos, idéias, opiniões; e
- 5) como quatro textos vinculados a gêneros diferentes (reportagem, conversação, romance e artigo acadêmico) mostram a elocução sendo representada em diferentes situações e para diferentes propósitos.

Thompson (1994:v) apresenta um estudo de representação do discurso, em que se baseia na articulação de sete elementos de relato/representação da língua (*language report*). São eles: o **falante/escritor**, o **ouvinte/leitor**, o **narrador**, o **evento lingüístico**, o **relato** e a **marca de representação**⁸ (ibid, vi). Segundo o autor, uma elocução geralmente consiste de duas partes: a marca de elocução e a mensagem. No exemplo, “*when he arrived, the general told reporters the meeting would not be a negotiation*” (ibid, 01), a parte

⁸ Grifos do autor.

sublinhada constitui a marca de elocução, enquanto a parte em negrito é a mensagem da estrutura de elocução. No entanto, a presente pesquisa não se baseará no termo “marca de elocução” para sua análise, uma vez que a mesma abrange outros elementos além do verbo (como substantivos e adjetivos), elementos não focalizados nesta pesquisa. Dessa forma, optamos pela análise da representação do discurso em um *corpus* ficcional, seguindo os fundamentos teóricos dos verbos de elocução propostos por Thompson.

Thompson (1994:33) classifica os verbos de elocução de acordo com a sua função na oração. Desse modo, ele apresenta a seguinte categorização:

QUADRO 2: Proposta de tradução da classificação apresentada por Thompson (1994:33)

Classificação dos verbos	Exemplos
Verbos neutros⁹	Mostram simplesmente que algo foi relatado, sem adicionar quaisquer informações. Say/dizer, tell/contar, ask/perguntar, write/escrever
Verbos que indicam o propósito do falante	Indicam o propósito do falante ao proferir ou escrever um relato. Admit/admitir, assure/assegurar, explain/explicar, plead/alegar, moan/queixar-se, warn/avisar, remind/lembrar, suggest/sugerir, etc.
Verbos que mostram o modo de dizer¹⁰	Evidenciam o modo pelo qual algo foi relatado. Cry/chorar, murmur/murmurar, shout/gritar, whisper/sussurrar, chatter/tagarelar, stammer/gaguejar, etc.
Verbos que indicam o que foi dito	Sugerem o conteúdo da mensagem proferida ou escrita. Attack/atacar, criticize/criticar, denigrate/denegrir, mock/ridicularizar, reprove/reprovar, slander/caluniar, etc.
Verbos que indicam como a mensagem se ajusta com a oração de elocução¹¹	repeat/repetir, add/acrescentar, agree/concordar, answer/responder, reply/replicar, retort/retorquir, start/começar, begin/iniciar, continue/continuar, interrupt/interromper, stop/parar, etc.
Verbos que podem indicar uma crença ou ideologia	indicam um posicionamento ou opinião sobre o relato proferido ou escrito. Acknowledge/reconhecer, confess/confessar, indicate/indicar, mention/mencionar, reveal/revelar, etc.

Além destas categorias, Thompson (1994:27) propõe um conceito de grande relevância para a presente pesquisa, o conceito de “relato descontínuo” (*discontinuous report*), desenvolvido no capítulo 1 de seu livro. Segundo o autor, estas estruturas não são estruturas de citação direta ou estruturas de relato indireto, mas apresentam-se claramente relacionadas. Dessa forma, uma oração de elocução pode funcionar sem o uso da pontuação de vírgula ou dois pontos, comumente utilizadas antes de uma citação direta. Em vez disso,

⁹ Havendo a intenção de resumir a mensagem ou de não dar informação sobre a mensagem, o autor considera, neste grupo, os verbos *speak/falar* e *talk/conversar*.

¹⁰ Há, também, um subgrupo de verbos que descrevem os sons feitos por animais como *cluck/cacarejar*, *growl/rosnar*, *squeak/guinchar*.

¹¹ Thompson exemplifica esse tipo de verbo na oração: “ ‘he is just old, sir,’ *replied* the soldier”. “Replied” (“*replicou*”) revela a ocorrência de uma pergunta antes.

nos casos de relato descontínuo é comum a citação direta vir precedida por ponto final. O autor revela que esse tipo de estrutura é bastante usual nos gêneros do discurso jornalístico. Constatamos a relevância deste conceito para a presente pesquisa, uma vez que a utilização deste tipo de estrutura de elocução é contemplada, com mais evidência, no *corpus* traduzido em estudo, como podemos ver em alguns exemplos:

1) /parágrafo/ “I see...” said the vampire thoughtfully, and slowly he walked across the room towards the window. (p.3)

/parágrafo/ -- **Compreendo...**

/parágrafo/ **Disse o vampiro pensativo, caminhando lentamente pela sala até a janela.** (p.11)

2) /parágrafo/ “(...) Perhaps the sheer wilderness of Louisiana only made it seem so, but seeming so, it was. I remember the imported furniture that cluttered the house.” The vampire smiled. “And the harpsichord; that was lovely. My sister used to play it. (...)” (p.6)

/parágrafo/ -- (...) **Talvez a completa solidão de Louisiana nos fizesse pensar assim, mas, uma vez formada esta impressão, ela passou a ser verdadeira. Lembro-me dos móveis importados que atravancavam a casa.** (...)

/parágrafo/ **O vampiro sorriu.**

/parágrafo/ -- **E o cravo. Era adorável. Minha irmã costumava tocar.**(...) (p.13)

3) /parágrafo/ “ (...)” (p.32)

/parágrafo/ -- **Ele sentia mais que um mero apreço pela riqueza de Pointe du Lac. (...) E, naquele momento, pegou uma taça, em uma das cristaleiras, dizendo:**

/parágrafo/ -- **Sinto realmente falta das taças.**

/parágrafo/ **Só que disse isto com um prazer diabólico que me obrigou a examiná-lo mais criticamente. Desagradava-me intensamente!**

/parágrafo/ -- **Quero lhe mostrar um pequeno truque -- disse. -- Isto é, se gostar de taças.** (p.38)

Os exemplos acima revelam o uso de relato descontínuo no *corpus* retextualizado. Há, também, muitos outros casos em que, além de se verificar um número muito maior de parágrafos (como nos exemplos 2 e 3), a retextualização do romance utiliza pontuação diferente (ponto final em vez de vírgula), o que evidencia uma pausa significativamente maior entre as orações do texto. Tal fato será retomado posteriormente por se mostrar relevante, tendo como base estudos sobre o gênero “entrevista”, abordados no Capítulo 2 e utilizadas na análise do Capítulo 3 desta dissertação.

É oportuno, então, declarar a escolha das categorias propostas por Thompson (1994) como fundamentação teórica sobre verbos de elocução para a presente pesquisa, sendo consideradas as mais abrangentes para a aplicação no *corpus* em questão. Particularmente, o tópico discutido sobre as estruturas descontínuas de elocução de Thompson é de grande importância, uma vez que tal definição não é apresentada pelos outros autores discutidos nesse capítulo e a ocorrência desses tipos de estruturas é significativa, tanto no *corpus* textualizado quanto no retextualizado.

A segunda principal abordagem sobre verbos de elocução na qual se baseia a presente pesquisa é a de Halliday (1994), fundamentada nos pressupostos da Gramática Sistêmica Funcional, anteriormente apresentada nesta dissertação.

Na seção 1.1, apresentamos a noção lógico-semântica de projeção, que constitui elemento fundamental na abordagem dos verbos de elocução de Halliday. Como foi dito, a projeção paratática é classificada por Halliday como aquela que projeta a elocução propriamente dita, representando duas orações independentes, uma que projeta o enunciado e outra que contém o enunciado (oração projetada). Um exemplo desse tipo de oração é: “*Brutus said: ‘Caesar was ambitious’*” (Halliday, 1994: 251), em que temos na oração

sublinhada, a projeção do enunciado (ou da elocução) e a não-sublinhada, a oração projetada.

É importante destacar que o autor não utiliza o termo “verbos de elocução”, mas adota conceitos equivalentes de representação do discurso como “discurso direto” (*direct speech*) e “discurso indireto” (*indirect speech*).

Dessa forma, o autor classifica os verbos de elocução através de uma perspectiva acerca de processos e participantes. Os processos verbais constituem as formas de representação do discurso direto, ou de projeção paratática, e os processos mentais as formas de representação do discurso indireto, ou de projeção hipotática (cf. página 19). Retomando o exemplo citado anteriormente, temos na oração que projeta o enunciado “*Brutus said*”, o verbo de elocução e o processo verbal *said*.

De grande pertinência para o presente trabalho, a abordagem de classificação dos verbos de elocução com projeção paratática proposta por Halliday (1994:252), divide-se em cinco categorias:

QUADRO 3: Tradução da classificação apresentada por Halliday (1994:252)

Classificação dos verbos	Exemplos
Verbo específico de dizer	say/ dizer
Verbos específicos para afirmação e pergunta	tell/contar, remark/comentar, observe/observar, point out/ apontar, announce/ anunciar, ask/perguntar, inquire/indagar, query/interrogar, demand/requerer, report/relatar
Verbos que combinam o verbo dizer com algum elemento circunstancial	reply/ dizer em resposta, explain/dizer em explicação, protest/dizer com protesto, continue/continuar a dizer, interrupt/dizer interrompendo, warn/dizer sobre conseqüências indesejáveis
Verbos contendo conotações de vários tipos	insist/dizer enfaticamente, complain/dizer irritadamente, cry e shout/dizer alto, boast/dizer orgulhosamente, murmur/dizer baixo, stammer/ dizer com constrangimento
Verbos que não são considerados elocutórios literalmente, mas são encontrados em textos de ficção, expressando atitudes, emoções e gestos que acompanham o ato de fala	sob/soluçar, snort/bufar, twinkle/faiscar, beam/brilhar, venture/atrever-se, breathe/sussurrar

A próxima seção tratará do desenvolvimento histórico da lingüística de *corpus*, enfatizando seu potencial teórico-metodológico para os Estudos da Tradução.

1.3 - Lingüística de *corpus* e os Estudos da Tradução

Há diversos fatores envolvidos no surgimento da lingüística de *corpus*. Segundo Tagnin (2004), os primeiros *corpora* começaram a ser compilados com o objetivo de servirem de base para uma descrição sistemática do inglês falado e escrito. Um outro fator, também, seria resultado de mudanças teóricas de lingüistas da época (final dos anos 50 e início dos 60) que propunham um enfoque maior na descrição dos fenômenos lingüísticos e não nos universais lingüísticos.

A primeira definição de *corpus*, no âmbito dos Estudos da Tradução, elaborada por Baker (1995:225), considera um *corpus* como “qualquer coleção de textos escritos na forma processada ou não, geralmente por um autor específico”. No contexto atual, esta definição se desmembrou em três. De acordo com a autora: 1) *corpus* agora significa qualquer coleção de textos inteiros processados em formato eletrônico e capazes de serem analisados automaticamente ou semi-automaticamente; 2) *corpus* também inclui os textos orais, não se restringindo mais aos textos escritos; e 3) um *corpus* pode armazenar grandes quantidades de textos de fontes variadas, por muitos escritores e falantes e sobre uma multiplicidade de tópicos. A diferença das duas definições, afirma Baker, encontra-se na maior explicitação da definição atual, ao deixar claro que os textos são colocados juntos a partir de um propósito particular e de acordo com critérios explícitos, a fim de assegurar que sejam representativos de uma determinada linguagem.

Partindo da definição atual de *corpus*, Kenny (2001), apresenta um estudo contextualizado das possibilidades metodológicas que a lingüística de *corpus* oferece, ao citar as quatro principais categorias ligadas ao processo de utilização de *corpus*, identificadas por Kennedy (1998). A primeira categoria refere-se ao desenho, compilação, armazenamento e anotação de *corpus* para uso amplo dos pesquisadores. A segunda refere-se à lingüística descritiva, uma vez que, nessa área, *corpus* é utilizado para descrever os aspectos lexicais e/ou gramaticais da língua em estudo. Na terceira categoria, verifica-se maior relevância em relação aos métodos estatísticos, muito usados pela lingüística computacional. Por fim, a última categoria, identificada por Kennedy, refere-se às aplicações que podem incluir áreas como a Lexicografia, o ensino/aprendizagem de línguas, o desenvolvimento de ferramentas NLP (*Natural Language Processing*) e a tradução estatística automática.

Kenny (2001) afirma, então, a evidência de uma proliferação de novos tipos de *corpora* e o notável aumento de iniciativas que visavam coletar e disseminar textos entre a comunidade internacional de pesquisa nos anos 80 e 90. Dessa forma, as duas últimas décadas do século XX foram, também, caracterizadas por um crescimento potencial de pesquisadores a processarem *corpus*, uma vez que acompanhava o progressivo desenvolvimento da informática e das capacidades de armazenamento e aperfeiçoamento das técnicas para manipular dados textuais. Com isso, os pesquisadores dispunham de benefícios como o de sustentar um *corpus* de milhões de palavras em um disco rígido de seus próprios computadores, em vez de utilizar apenas um computador-matriz compartilhado por toda uma equipe de pesquisadores.

No entanto, apesar da ascendência da lingüística de *corpus* como uma das abordagens em Estudos da Tradução, Baker (1996) revela que a consideração de suas ferramentas e técnicas como auxiliadoras no estudo da tradução tem mostrado relevância somente há pouco tempo no meio acadêmico. Em seu artigo intitulado *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*, Baker propõe a aplicação da teoria e metodologia da lingüística de *corpus* aos Estudos da Tradução, ao apresentar três tipos de *corpora*: os paralelos, multilingües e comparáveis. A presente pesquisa optou pelo estudo com *corpora* paralelos, que de acordo com Baker (1995), consistem de coleções de textos da língua de partida e de suas traduções para uma língua de chegada.¹²

Partindo da maior necessidade de investigações acadêmicas, observada por Baker, a presente pesquisa utiliza uma abordagem discursivo-funcional dos Estudos da Tradução que propõe uma interface da lingüística de sistêmica (com base no sistema da

¹² Cf. Baker (1995:230-235) para a definição de *corpora* multilingües e comparáveis.

transitividade) e a lingüística de *corpus* (utilizando-se de um *corpus* paralelo). A lingüística de *corpus* como abordagem teórico-metodológica dos Estudos da Tradução surge em decorrência de vertentes de estudos descritivos que se propunham repensar o estatuto do texto traduzido e do tradutor. Destacam-se duas principais vertentes: a primeira, de Toury (1978), com a proposta de um estudo das normas que regem a produção de textos traduzidos; e a segunda de Frawley (1984) com a consideração do ato tradutório como ato de recodificação e produção sígnica.

Cabe salientar, dessa forma, a importância de Gideon Toury na história de pesquisas que buscavam um elo entre os estudos de tradução e de *corpus*. A partir da consolidação da teoria dos Polissistemas de Even-Zohar (1978) e do início dos estudos descritivos de Toury (1978), o foco vira-se para a cultura de chegada, enfatizando os padrões que regem a tradução literária, vista como um sistema em interação com os demais sistemas de produção textual de uma certa cultura. Toury parte, então, para uma investigação comparativa de textos originais e traduzidos, centrado na teoria descritiva (e não prescritiva) da linguagem. Desse modo, Baker (1993) aponta o surgimento dos Estudos Descritivos da Tradução, elaborado por Toury (1991a), como o ponto de partida para os Estudos da Tradução baseados em *corpus*:

“[Os Estudos Descritivos da Tradução] constituem o ramo da disciplina que deve proporcionar uma metodologia consistente e procedimentos explícitos de pesquisa, de modo que os resultados de estudos descritivos individuais possam ser expressos em termos de generalizações sobre o comportamento tradutório” (BAKER, 1993:241).

Seguindo os fundamentos dos Estudos Descritivos da Tradução, destaca-se Baker (1993, 1995, 1996, 2000), como uma das principais propagadoras das potencialidades da lingüística de *corpus* em diálogo com os Estudos da Tradução. Para Baker (1993), o ponto

de partida para a análise do texto traduzido com aplicação dos dados de um *corpus* computadorizado é, em princípio, o reconhecimento da tradução como atividade essencial na formação da vida das pessoas e sua inclusão nas investigações do meio acadêmico. Segundo a autora, somente depois de se levar em consideração o texto traduzido como um “registro de eventos comunicativos genuínos” é que o acesso aos *corpora* seria bem aproveitado, possibilitando a exploração de diversas questões teóricas, que são difíceis de lidar com base em estudos de pequena escala. Desse modo, a importância desses dados computadorizados para o desenvolvimento da disciplina “Estudos da Tradução” é notória, uma vez que a utilização das técnicas e metodologias da lingüística de *corpus* tem acarretado uma distinção mais clara entre os ramos teórico e aplicado da disciplina, assim como outras mudanças significativas.

Partindo dessa perspectiva, a autora apóia a noção de traços universais da tradução como características inerentes aos textos traduzidos em relação aos textos originais. Apoiando-se em pesquisas desenvolvidas com os *corpora* comparáveis do inglês e *corpora* paralelos de várias línguas, Baker aponta quatro traços existentes em traduções: a explicitação, a simplificação, a normalização ou conservacionismo e o nivelamento. No entanto, devemos deixar claro que a presente pesquisa não propõe a aplicação dessa teoria, atendo-se apenas às formulações sobre a lingüística de *corpus* em articulação com os estudos de tradução desenvolvidas pela autora supracitada.

Assim como Baker, Laviosa (1997a, 1997b) também trabalha com *corpora* comparáveis e traços universais de tradução. Em Laviosa (1997a), a autora tem como meta a construção de um *corpus* que revele categorias comuns a todos os textos traduzidos. Por

outro lado, Laviosa (1997b), concentra-se na investigação da simplificação,¹³ usando como fonte de referência o *corpus* de artigos jornalísticos do *The Guardian* e *The European*. Sua pesquisa consiste de duas coleções de textos em inglês em formato eletrônico e procura identificar as evidências de simplificação nas traduções através de investigações focalizadas no léxico, na sintaxe e na estilística dos textos.

É oportuno enfatizar, que trabalhos como os de Baker (1993, 1995, 1996, 2000) e Laviosa (1997a, 1997b, 1998), baseados em *corpora* comparáveis constituem evidências do enorme potencial da vertente dos “Estudos da Tradução” que promove uma interface dos Estudos Descritivos de Toury e da Lingüística de *corpus*. Além desses pesquisadores, há também os que se concentram em pesquisas com *corpora* paralelos, como Kenny (2001) e Blum-Kulka (2000).

Em seu artigo, Tymoczko (1998) propõe uma discussão da centralidade dos estudos baseados em *corpus* dentro da disciplina Estudos da Tradução. Segundo a autora, essa centralidade é uma oportunidade de re-engajar os ramos teórico e pragmático dos Estudos da Tradução, uma vez que são áreas cada vez mais propensas a se desassociarem. A autora afirma, também, que um dos aspectos mais encorajadores das pesquisas pioneiras dos Estudos da Tradução baseados em *corpora* é o modo como as mesmas técnicas e questionamentos teóricos têm potencial prático e aplicabilidade imediata, tanto para o ensino da tradução quanto para o trabalho do tradutor profissional. No entanto, a autora adverte em seu artigo para o perigo de alguns pesquisadores, na busca de alcançar o rigor acadêmico como um fim em si mesmo, basearem-se em investigações quantitativas vazias e desnecessárias.

¹³ Uma das definições elaboradas por Baker (1993) dos traços universais de tradução, que se caracteriza por apresentar uma tendência de simplificar a linguagem usada na tradução, manifesta através da redução do tamanho das frases ou nas mudanças da pontuação no texto traduzido.

Outra característica importante para o embasamento da presente pesquisa encontra-se no caráter dimensional do *corpus*. Optamos por *corpus* de pequenas dimensões, em vez de grandes *corpora*, devido, principalmente, à necessidade levantada pelos pesquisadores do CORDIALL de uma maior investigação dos aspectos discursivos e cognitivos dos textos de menor escala, onde a prioridade encontra-se não na busca da objetividade e exaustividade, mas de crítica e questionamento na análise dos fenômenos lingüísticos.

Vale citar o que Sinclair (2001:ix) diz a respeito desses tipos de *corpora* em seu prefácio do livro *Small Corpus Studies and ELT*:

“(...) há uma espécie de relatividade quanto ao tamanho de um *corpus* – as dimensões de um *corpus* ‘pequeno’ variam de acordo com a data em que foi compilado; os *corpora* aparentemente densos de alguns anos atrás são considerados agora muito pequenos, e daqui a uma ou duas décadas será justificada a compilação de *corpora* cada vez maiores, tornando-se o trabalho mais fácil com o aumento da dimensão dos mesmos.”

Nesse mesmo prefácio, Sinclair chama a atenção para o fato de que há outros fatores, além das dimensões grande/pequeno, que devem ser utilizados para distinguir dois tipos diferentes de *corpus*. Segundo o autor, nos dias atuais, *corpora* “pequenos” e “grandes” são vistos como pólos opostos, devendo a diferença se pautar na metodologia, no tipo de intervenção humana e na análise realizada pelos pesquisadores, e não apenas no número de palavras que um *corpus* comporta.

Surgem, então, novos estudos interessados na investigação destas questões a partir de *corpora* de pequenas dimensões como, por exemplo, as pesquisas de Ghadessy e Gao (2001), com enfoque no ensino de tradução na China; e de pesquisadores do projeto CORDIALL, como Alves e Magalhães (2004), com o objetivo de esclarecer questões relacionadas ao mapeamento dos processos envolvidos na tradução (como a solução de

problemas e tomadas de decisão realizadas pelo tradutor); Cruz (2003) e Mauri (2003), em pesquisas com verbos de elocução com *corpus* paralelo; Jesus (2004), com a análise dos padrões de textualização na representação dos pensamentos das personagens de *corpus* paralelo; e Assis (2004) apresentando um estudo da transitividade na representação do discurso da personagem Sethe, também em *corpus* paralelo.

Destaca-se em Magalhães (2001), um estudo que parte da apresentação do percurso teórico do campo dos Estudos da Tradução até a sua consolidação como disciplina, incluindo o momento em que as técnicas e metodologias da lingüística de *corpus* começaram a ser utilizadas em análises textuais/discursivas nos Estudos da Tradução.

Embora tenham sido apontados acima trabalhos significativos com o aparato da lingüística de *corpus*, os estudos que utilizam sua metodologia ainda são incipientes no Brasil, quase sempre voltados aos campos de Processamento da Linguagem Natural (PLN), da Lexicografia e da Lingüística Computacional. Tagnin (2004) cita alguns *corpora* compilados para o português, de interesse para muitos pesquisadores brasileiros, como edições completas do jornal *A Folha de São Paulo*, disponíveis em CD-ROMS; o *Corpus* de Português Contemporâneo, compilado por uma equipe de pesquisadores da UNESP de Araraquara; o *CETEMPúblico*, que abrange 1.500.000 extratos do jornal diário *Público*; o COMET (*Corpus* Multilingüe para Ensino e Tradução), projetado por pesquisadores da Universidade de São Paulo e contendo rico material disponível para o ensino de línguas; e, por fim o projeto CORDIALL (*Corpus* Discursivo para Análises Lingüísticas e Literárias), em crescente desenvolvimento, formado por pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais.

Vale destacar Alves, Magalhães e Pagano (2004), um artigo que apresenta, detalhadamente, os fundamentos teóricos para a elaboração do *corpus* CORDIALL, ao

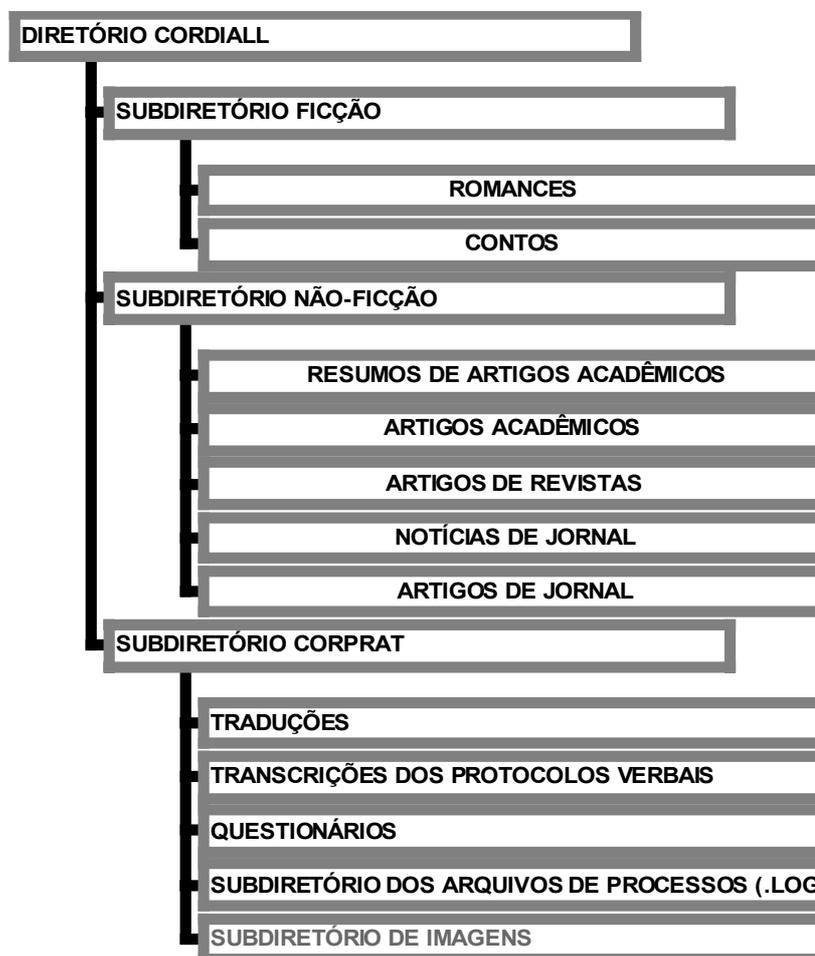
discorrer sobre os aspectos de sua construção e sua aplicação em estudos de questões discursivas e cognitivas.

A seguir, será feito um detalhamento do Projeto CORDIALL, por se tratar do projeto no qual a presente pesquisa se inclui.

1.4 - O PROJETO CORDIALL

O CORDIALL é um *corpus* em construção, idealizado pelos pesquisadores do Núcleo de Estudos da Tradução (NET) da Faculdade de Letras da UFMG, cujo objetivo geral é dar um suporte às pesquisas em tradução e análise do discurso, através de estudos com pequenos *corpora* – como é o caso dessa pesquisa. O *corpus* do CORDIALL começou a ser compilado em 1999 e já atingiu mais de 1 milhão de palavras, sendo constituído por textos eletrônicos que foram selecionados através de critérios específicos relacionados aos subprojetos de pesquisa implementados pelos pesquisadores do NET. Para uma melhor visualização do *corpus*, apresentamos na FIGURA 1, o diagrama reproduzido em Alves, Magalhães e Pagano (2004:147), que representa a estrutura dos arquivos no CORDIALL.

FIGURA 1: Diagrama representativo da estrutura do CORDIALL.



Vemos, pelo diagrama acima, que o CORDIALL é formado por subdiretórios que correspondem à classificação por gênero discursivo dentro do *corpus*. As duas categorias principais do projeto são a **ficção** e a **não-ficção**. No subdiretório “ficção” temos dois gêneros discursivos, o romance e o conto; enquanto o subdiretório de “não-ficção” se divide em cinco gêneros, artigos e notícias de jornal, artigos de revistas, artigos acadêmicos e resumos.

Seguindo abordagens cognitivas dos Estudos da Tradução, o sub-*corpus* CORPRAT constitui-se de arquivos de imagem, e arquivos de transcrições dos protocolos verbais, questionários e traduções inter-semióticas.

No próximo capítulo, apresentarei o *corpus* da presente pesquisa, bem como a metodologia usada para a abordagem desse *corpus*. Esta metodologia abrange desde o levantamento de dados biográficos da autora e da tradutora à leitura de estudos sobre os gêneros discursivos “romance” e “entrevista”, e de textos críticos sobre o romance até a aplicação das categorias de análise textual com o auxílio das ferramentas da lingüística de *corpus*.

CAPÍTULO 2

A Metodologia

Neste capítulo, abordarei as questões relativas ao *corpus* de pesquisa, aos dados biográficos da autora e da tradutora, ao gênero do discurso, especificamente as convenções que caracterizam o gênero “entrevista” e o gênero “romance”. Para isso, conto com o suporte teórico, principalmente, de Gotlib (1995) e Gelder (1994), da crítica literária; de Medina (1986) e Kress e Fowler (1979) para o estudo da “entrevista”; e Thompson (1994) para o estudo do “romance”. No final do capítulo, apresento a descrição dos procedimentos de análise utilizados nesta dissertação.

2.1 - O *corpus*: *Interview with the vampire/Entrevista com o vampiro*

Nesta seção, apontarei alguns traços característicos do romance utilizado como o *corpus* de pesquisa, utilizando informações da crítica literária e de fonte informatizada (*Internet*). Antes, porém, apresentarei alguns dados editoriais e contextuais do romance em questão.

A primeira edição de *Interview with the vampire*, publicada pela editora *The Ballantine Publishing Group*, ocorreu em 1976 e foi adaptada para o cinema em 1994. Decorridos mais de vinte anos desde a primeira edição, a edição lançada em 1997 e utilizada como *corpus* desta pesquisa, possui, ainda, grande repercussão de vendas nos Estados Unidos e em outros países, incluindo o Brasil.

Segundo a biografia disponibilizada pela autora em seu *site*¹⁴ na *Internet*, na época do lançamento do livro, não estavam entre suas pretensões o sucesso de vendas que o romance obteve. Anne Rice era uma autora desconhecida pelos leitores americanos, mas ganhou rápido reconhecimento como escritora de romance de vampiros, após o lançamento glorioso de *Interview with the vampire*, precursor de uma série de crônicas vampírescas feitas pela autora, denominada de *The vampire chronicles*.

Segundo Gelder (1994) *Interview with the vampire* apresenta uma abordagem não convencional do gênero “romance vampíresco gótico”, ao representar a figura do vampiro de forma bastante diferente. O vampiro de Rice é o protagonista da estória, aquele que possui a “voz” da narrativa e expressa desde suas emoções e impressões sobre o mundo que o cerca até seu ponto de vista sobre os acontecimentos vividos no passado com os outros personagens do romance, *Lestat, Cláudia e Armand*. *Louis* não é relatado e descrito como um monstro, ele é o “entrevistado” numa entrevista, em que revela angústias comuns às de um homem do século XX. Enfim, um vampiro com indagações existenciais e sentimentos de amor e piedade pelos seres humanos - algo totalmente contraditório para um personagem vampiro. Para o autor, essa estratégia narrativa (de elevar os vampiros ao *status* de protagonistas), e que, acrescento, se realiza através da entrevista, fortalece o contraste entre ilusão e desilusão, uma vez que *Louis* é apresentado como um “católico desiludido” por ter perdido sua fé, mas que, ao mesmo tempo, passa a acreditar em qualquer coisa, inclusive em vampiros. Podemos confirmar esse fato, num diálogo de *Louis* com o vampiro, *Armand*:

¹⁴ O endereço eletrônico de obtenção dos dados, disponibilizados pela própria autora, na Internet é: <http://www.annerice.com>

“(…) você me pergunta como posso acreditar que encontrarei um significado no sobrenatural! Digo-lhe que, após ver em que me transformei, poderia ter acreditado em qualquer coisa! Não faria o mesmo? E pensando desta forma, sabendo-me amaldiçoado, posso agora aceitar a mais fantástica das verdades: que não há nenhum significado nisto tudo!” (trad. Lispector, 1996:220)

A narrativa de *Interview with the vampire* tem início na década de 1980, na cidade de New Orleans, Louisiana, EUA, com o personagem *Louis de Pointe du Lac* relatando sua estória, a partir do ano de 1791, para o jovem entrevistador, cujo nome não é revelado neste romance. No início da entrevista é constatado um diálogo intenso, quando, aos poucos, o entrevistado vai tomando mais espaço no diálogo que se transforma num monólogo. Constata-se, então, uma narrativa em primeira pessoa dentro da narrativa em terceira pessoa que dá início ao romance. Essa característica, afirma Gelder (1994), faz com que o romance construa uma identificação do leitor com o personagem-entrevistador. Percebe-se, com isso, que o romance apresenta uma mistura de gêneros discursivos diferentes (romance e entrevista), além de ressaltar uma perspectiva diferente sobre o processo da entrevista: o leitor não apenas tem o acesso aos sentimentos do entrevistador, como também, é levado a se identificar com ele. Desse modo, esse personagem é construído de forma a tornar-se o *alter ego* do leitor: sentindo, pensando e fazendo as mesmas perguntas que o leitor faria, incluindo o momento em que o entrevistador se cala para deixar fluir a revelação do entrevistado. É interessante mencionar o fato de que o entrevistador não possui um nome que o designe no romance, ele é identificado apenas pela sua profissão de repórter-entrevistador, embora, também, não seja mencionado à qual instituição de trabalho (revista, jornal...) está vinculado.

Nas últimas cinco páginas do livro, o entrevistador se devota completamente ao vampiro, como se estivesse totalmente seduzido por ele e por sua estória de “morto-vivo”. Esse aspecto da sedução durante a entrevista é referido por Morin, citado por Medina (1986:13), como um critério de identificação primordial para que ocorra uma revelação autêntica no processo de entrevista com pesquisadores. Ou seja,

“É necessário que o entrevistado sinta um ótimo de distância e proximidade e, igualmente, um ótimo de projeção e de identificação em relação ao investigador.”

Com relação à retextualização do romance, temos Clarice Lispector como autora da tradução de *Interview with the vampire. Entrevista com o vampiro* teve sua primeira edição em 1977 pela editora *Artenova S.A.*, depois seus direitos foram conferidos com exclusividade à editora *Rocco LTDA* e incluem a edição utilizada nesta pesquisa (10ª edição), datada de 1996. Observa-se, também, que Lispector não utiliza notas explicativas das escolhas feitas por ela durante seu processo da tradução. É notório, também, que há diferenças entre os elementos paratextuais da textualização e da retextualização do romance como, por exemplo, com relação às capas¹⁵, em que o vampiro é representado com cores escuras e de costas (como se estivesse vagando pela noite ou em fuga) na textualização, enquanto na capa da retextualização, a cor rosa-claro envolve a figura do vampiro, vista de frente, através de uma janela de grades – sugerindo aprisionamento e sofrimento – imagem que representa muito mais um posição de vítima do que de vitimador. Deve-se deixar claro, no entanto, que a apresentação dos outros exemplos de diferenças entre os elementos

¹⁵ Cf. as cópias das capas nos anexos desta pesquisa.

paratextuais¹⁶ excedem o escopo proposto para a presente pesquisa e, por isso, nos atemos a exemplificar alguns casos apenas.

A explicitação de algumas características da (re)textualização do romance, utilizado como o *corpus* desta pesquisa, se mostra relevante como aspecto contextualizador para a investigação da representação dos personagens “entrevistado” e “entrevistador”, através dos verbos de elocução e dos processos de transitividade.

2.2 – Procedimentos metodológicos de exegese do corpus

As sub-seções que se seguem buscam elucidar os principais traços biográficos da autora e da tradutora e questões relativas ao gênero discursivo, em especial, aos gêneros “romance” e “entrevista” – pontos necessários para a descrição do *corpus* teórico da presente pesquisa.

2.2.1 – Aspectos biográficos da autora e da tradutora

De acordo com informações retiradas do *site*¹⁷ oficial da autora, colhemos dados sobre sua vida pessoal e sobre sua produção literária, a fim de ilustrar e contextualizar a investigação em torno das escolhas realizadas na textualização de Anne Rice e na retextualização feita por Clarice Lispector.

Nascida em 1941, na cidade de New Orleans (EUA), Anne Rice foi criada no Texas e morou na Califórnia antes de voltar à sua cidade natal, cenário da maioria de seus livros. Formada em "Escrita Criativa" pela Universidade de São Francisco, a escritora é conhecida

¹⁶ Entre eles, podemos, também, citar: falta de “orelhas” de páginas e de comentários a respeito da obra pela editora, na textualização; enquanto estes recursos são apresentados na retextualização.

¹⁷ Endereço eletrônico (*site*) mencionado na nota de rodapé da página 51, desta dissertação.

por tecer mundos visíveis e sobrenaturais junto a histórias épicas, ricas de elementos históricos, filosóficos, religiosos, místicos e de personagens sedutores.

Sua produção conta com 19 livros e, conforme dito anteriormente, desde seu primeiro livro, *Interview with the vampire*, foi constatado o sucesso como romancista de terror. Segundo Gelder (1994), suas crônicas sobre vampiros são as mais lidas pelo mundo contemporâneo: seu terceiro livro, *The Queen of the Damned*, lançado em 1988, “foi o primeiro da lista de *best-sellers* do *New York Times* durante sua primeira semana de publicação e permaneceu nas listas por dezessete semanas, vendendo mais de 400 mil exemplares” (Gelder, 1994:108). No entanto, segundo dados do *site*, nenhum livro de Rice teve tanto sucesso quanto *Interview with the vampire* – e sucesso, também, na versão cinematográfica de Hollywood, com atores consagrados como Tom Cruise, Brad Pitt e Antonio Bandeiras.

Em uma entrevista, Rice afirma ter tido, desde a infância, grande fascínio pelo mundo sobrenatural, pertencendo, na vida real, à religião “Wicca”, que exalta a natureza, baseando-se nos preceitos da bruxaria realizada antes do século XV. Além disso, Rice também revela momentos de grande sofrimento em sua vida, em que procurou exorcizar em seus livros como, por exemplo, a morte de sua mãe quando ela contava 14 anos de idade e que foi um dos motivos que a conduziram para a escrita do sombrio e do desconhecido. Outro fato marcante, reproduzido indiretamente em seu livro *Interview with the vampire*: a autora exorciza a perda de sua filha Michelle, morta aos sete anos de idade de leucemia, ao criar a personagem da vampirinha *Claudia*. Em uma entrevista à revista *People*, vale destacar o que a autora declara sobre sua escrita psicológica: “Quando eu estou escrevendo, a escuridão está sempre presente. Eu vou onde a dor está.” (Dez. 5, 1988).

Atualmente, Anne Rice vive e trabalha em New Orleans com seu marido e seu filho Christopher Rice, numa mansão histórica do Garden District, considerada por muitos como uma mansão ao estilo de filmes de fantasmas.

Outros dados biográficos de importante menção para esta pesquisa são os da tradutora e escritora, Clarice Lispector. Tradutora de *Interview with the vampire*, Lispector tem vários pontos em comum com Rice. Sua atuação como escritora de romances, em que revela uma busca pelo misterioso, é um desses pontos.

Nascida 21 anos antes de Anne Rice, Clarice Lispector, de origem ucraniana, vem aos dois anos de idade para o Brasil, com os pais e duas irmãs. Leitora de autores como Edgar Allan Poe e Agatha Christie, Lispector demonstra um encanto pelo terreno do sombrio, do oculto retratado pela produção literária desses autores, chegando a traduzir algumas de suas obras, consagradas como “literatura maldita”.

Segundo Gotlib (1995), o filho mais novo a considerava uma mãe vaidosa e dedicada, e para a irmã mais próxima, Clarice Lispector era uma pessoa sofrida. A autora enfatiza esse ponto, ao declarar que é a “marca do sofrimento um dos traços mais constantes de seus vários perfis, e (...) [registrado] pelo crítico Tristão de Athayde: ‘Marcada pela solidão. Marcada pelo grande amor de sua vida. Marcada pela luta constante contra a quase miséria material. Marcada pelas mãos maceradas pelo fogo, em defesa da vida de um filho. E pela sombra da insanidade rondando a vida do outro. (Gotlib, 1995:52)’”

No período em que estudava Direito, Lispector transitou por vários empregos, entre eles, o de redatora da Agência Nacional¹⁸, iniciando uma atividade jornalística que terá continuidade ao longo de toda a sua vida. Trabalha, primeiramente, como tradutora, depois

¹⁸ Órgão oficial de informação do Brasil, criado por Getúlio Vargas em 1934.

passa para a reportagem e, posteriormente, é transferida para o jornal *A Noite*, onde tem sua estréia como entrevistadora. De acordo com a reportagem de 12/12/2004, do *Estado de Minas*, “a mais importante colaboração de Clarice Lispector para a imprensa seria na seção de entrevistas de *Manchete*, que ganhou o nome de *Diálogos possíveis*. A entrevistadora Clarice conversou com músicos eruditos e populares (...), atrizes (...) e, principalmente, escritores, entre eles, Jorge Amado, Pablo Neruda, Érico Veríssimo e Fernando Sabino.” Em uma entrevista com Tom Jobim em 10/07/1971, Lispector pergunta: “-- Para quem você faz música e para quem eu escrevo?” E ele, então, responde:

“-- Acho que não nos foi perguntado nada a respeito e, desprevenidos, ouvimos no entanto a música e a palavra, sem tê-las realmente aprendido de ninguém. Não nos coube a escolha: você e eu trabalhamos sob uma inspiração. (...) A crítica que eu faria, Clarice, nesse confortável apartamento no Leme, é de sermos seres rarefeitos que só se dão conta em determinadas alturas. (...). Hoje quando leio uma partitura de Stravinsky ainda mais sinto uma vontade irreprímível de estar com o povo, embora a cultura jogada fora volte pelas janelas – estou roubando C.D.A.” (Lispector, 1984:562)

O aprendizado de outras línguas (o francês, o inglês e o italiano) se processa durante as estadas na Itália (1944-46), na Suíça (1946-49), na Inglaterra (1951) e nos Estados Unidos (1952-59), sempre acompanhada pelo marido Maury Gurgel Valente, um diplomata que conheceu na época em que ambos cursavam Direito. Ao mesmo tempo em que aprendia línguas e exercia a profissão de tradutora dessas línguas, Lispector se mostrava bastante criteriosa com relação às traduções de suas obras, como ressalta Varin (2002:34):

(...) “Recebi as provas da tradução de *Perto do coração selvagem*, já em certo tipo de papel que Érico [Veríssimo] reconheceu como sendo papel definitivo: isto quer dizer, minhas correções devem ter ido tarde demais. E foram tantas as correções que eles teriam que refazer toda a paginação, [...]. A conselho de Érico, mandei uma carta dizendo que a ‘tradução era escandalosamente má’, etc., que preferia que o livro nunca fosse publicado na França a sair como está, sem correções. E mandei exemplos dos erros de tradução. (...) vou procurar esquecer que o livro foi traduzido”.

Através dos dados biográficos de Lispector, observamos traços comuns que ligam a tradutora à Anne Rice: ambas considera(va)m suas obras como um reflexo de suas vidas; Clarice Lispector também vivenciou momentos de extrema dor, inclusive física (durante um acidente com fogo, queimando seriamente as mãos) que refletia em sua escrita por vezes solitária e extremamente psicológica. Gotlib (1995:156) declara, ainda, que a experiência vivida por Lispector como jornalista também influencia a escrita de seus livros:

“Pode-se afirmar, portanto, que a produção literária de Clarice nasce para o público concomitantemente a uma atividade jornalística. Além da contemporaneidade da produção, efetiva-se um intercâmbio de recursos entre tais modos de trabalhar a linguagem – o literário e o jornalístico – que se auto-complementam.”

Segundo Renard Perez, citado por Gotlib (1995:150), o trabalho de entrevistadora, particularmente, agradava Lispector, uma vez que sentia nele o gosto pelo “imprevisto, pelo que tem de aventura – nos inesperados contatos com os mais diversos tipos de personalidades que ele possibilita.”

Vale, por fim, citar o gosto também pelo sobrenatural, algo de que Clarice Lispector sempre declarou estar mais próxima e considerar tão real quanto a vida. Assim como Anne Rice propõe o questionamento existencial através dos dilemas apresentados pelo vampiro *Louis* acerca de sua identidade e de sua culpa pela necessidade física de matar, Lispector

tem, como um dos principais objetivos de sua escrita, o de questionar a existência humana e seu mistério.

É indiscutível, segundo a crítica literária, a importância da produção de Clarice Lispector na literatura brasileira. Faleceu em dezembro de 1977, no Rio de Janeiro, mas o estilo singular de seus textos é ainda objeto de muitos estudos acadêmicos.

Na seção seguinte, apresentarei elementos para a análise do gênero do discurso em pauta e, especificamente, as convenções que caracterizam o gênero “entrevista” e o gênero “romance”, a partir dos pressupostos teóricos de Swales (1990), Hoffnagel (2003), Kress e Fowler (1979), Thompson (1994), Medina (1986) e Lodi (1974). Vale a ressalva de que a análise de gênero não é objetivo desta pesquisa; assim, o que busco são elementos que elucidem aspectos da representação de discursos, num e noutro gênero, dentro do escopo da pesquisa proposta.

2.2.2 - Os gêneros discursivos “romance” e “entrevista”

Pode-se dizer que o romance *Interview with the vampire* é, como outros romances, um gênero híbrido do discurso literário, ou seja, um romance que contém características de outro(s) gênero(s) discursivos. Vale destacar, desse modo, os dois gêneros principais em diálogo nesse romance, na qual se concentrará a análise desta dissertação: o “romance” e a “entrevista”. Antes desta análise, apresentarei a noção de gênero do discurso em que se baseará a análise proposta.

Seguindo o suporte teórico de Swales (1990), estudioso da Análise de Gênero, um gênero discursivo é identificado conforme seus propósitos comunicativos e o papel que desempenha em uma determinada situação. Esse gênero se insere numa comunidade

discursiva que compartilha valores sociais e culturais semelhantes. Esta comunidade tem como finalidade utilizá-lo para alcançar seus objetivos. Um livro de receitas é um exemplo. Ele possui um grupo específico de usuários: pessoas que pretendem aplicar as instruções para a produção do alimento mostrado, pessoas com atividades profissionais ligadas à culinária, e pessoas com objetivo apenas de curiosidade e entretenimento.

Desse modo, o gênero torna-se uma categoria do discurso que desempenha uma função relevante com um propósito comunicativo definido. Swales (1990) ainda afirma que seu conceito está conectado à definição de comunidade discursiva, um grupo de pessoas que possuem pensamentos, valores, realidades e objetivos comunicativos em comum. Este grupo é reconhecido através dos textos que produz e de que faz uso.

Pode-se afirmar que textos literários assim como textos jornalísticos se vinculam à gêneros discursivos que possuem objetivos e convenções para sua produção textual, de tal modo que as comunidades discursivas a que se destinam sejam identificadas pelos discursos que constroem. A comunidade discursiva a que se destinam textos vinculados a gêneros do discurso jornalístico, por exemplo, reconhece as regras de convenções específicas de textos jornalísticos, enquanto outra comunidade discursiva, provavelmente, não as reconheceria. Todorov, citado por Swales (1990:36), corrobora a definição de gênero do autor, ao afirmar que

“(…) em uma sociedade, a recorrência de determinadas propriedades discursivas é institucionalizada e os textos individuais são produzidos e percebidos de acordo com a norma constituída por essa codificação. Um gênero, literário ou não, é não mais do que esta codificação de propriedades discursivas.”

Abarcando as noções de gênero discursivo, remeto a outra definição desenvolvida por Martin (1985), na qual o termo gênero é utilizado para contemplar cada um dos tipos de

atividades realizados lingüisticamente, os quais comportam muito da cultura representada por eles.

Partindo da definição de gênero como formas de construção discursiva, faz-se necessária uma revisão de estudos que tratam explicitamente das convenções dos gêneros “romance” e “entrevista”, a fim de elucidar algumas características dos mesmos para servir como suporte para a análise comparativa realizada nesta dissertação.

2.2.2.1 – O Romance

Como foi dito na seção 1.2.3, uma das teorias fundamentais para a presente análise do gênero romance é a desenvolvida por Thompson (1994), que busca demonstrar, entre outras coisas, como quatro textos vinculados a gêneros diferentes (reportagem, conversação, romance e artigo acadêmico) utilizam a elocução em diferentes situações e para diferentes propósitos. De acordo com Thompson (1994:169) “uma das principais características dos romances é que eles são, normalmente, voltados para eventos imaginários”. Ou seja, o escritor narra eventos imaginários como se eles tivessem acontecido, envolvendo conversas e pensamentos reais. Mas, Thompson afirma, também, que na escrita jornalística e na acadêmica, por exemplo, não faz sentido fazer perguntas, como: “com qual precisão a elocução expressa as palavras ou o significado do evento original da fala ou as intenções do falante ou escritor original” (ibidem, p.169).

Segundo o autor, a maioria dos romances contém uma mistura balanceada de citações diretas, relato indireto e narração de eventos. De especial interesse para a presente pesquisa é o que Thompson considera como funções da fala citada ou relatada no romance sob o olhar do leitor. A primeira função seria a de contribuir para o desenvolvimento do

tema do romance e a segunda a de revelar algo sobre a natureza da pessoa que está falando. No entanto, o autor adiciona outra possível função da elocução nos romances, ao desencadear complexidade e interesse no leitor. Ou seja,

“Em vez de apenas um ponto de vista – do escritor – ao leitor são apresentados vários pontos de vista. Os personagens no romance podem expressar idéias e opiniões com as quais o escritor, de fato, não concorda. Parte do entretenimento do romance vem das tentativas do leitor de decidir qual ponto de vista ele próprio deve aceitar.”
(Thompson, 1994:170)

Seguindo a linha de pensamento de Thompson quanto às características do gênero “romance”, temos o enfoque do autor nos verbos de elocução como introdutores de pensamentos, sentimentos e opiniões que permeiam um romance. De acordo com o autor, cabe ao escritor a escolha da elocução para relatar, por exemplo, o que se passa na mente de um ou mais personagens – característica própria do “romance”, em detrimento dos outros tipos de gêneros pesquisados por Thompson. Podemos enumerar outros aspectos destacados pelo autor sobre as diversas peculiaridades de gênero “romance”.

Quando o escritor relata os pensamentos de apenas um dos personagens, os eventos do romance provavelmente serão vistos através daquele personagem, e o conhecimento dos eventos pelo leitor serão restritos àquilo que tal personagem sabe. O escritor pode usar a elocução para dar ou manter informações anteriores, ditas ou sugeridas pelo personagem que conduz os eventos.

Se o escritor opta por relatar os pensamentos de um ou mais personagens, aqueles personagens terão maior influência sobre a interpretação dos eventos do romance pelo leitor.

Muitas vezes ocorre de o escritor utilizar os pensamentos dos personagens com o objetivo de guiar o leitor à interpretação que ele (o escritor) deseja expressar. Em outros casos, o escritor pode sugerir, sem explicitamente declarar isso, que o ponto de vista relatado pelos principais personagens não é necessariamente o correto. Para isso, demandaria ao escritor uma habilidade ainda maior, uma vez que este criaria situações discursivas (como o uso direcionado da elocução) em que ele, assumindo o papel de narrador, imprimiria sua crítica aos modos e falas dos personagens em questão.

Segundo Thompson, um outro caso no qual o uso da elocução pode direcionar a interpretação da narrativa ou despertar maior interesse para o romance, está no fato de o romance permitir uma variedade de vozes e estilos. Para isso, o escritor pode utilizar formas discursivas diferentes para introduzir a fala dos personagens ou, mesmo, misturar as vozes dos personagens com a sua própria. Isto é feito, especialmente, através do uso de citações indiretas da fala e dos pensamentos.

Por fim, o autor afirma que é esperado do leitor o confronto com diversos tipos de relato na narrativa do romance. Desse modo, é previsível que ele tenha, pelo menos, duas interpretações: 1) perceber como as formas elocutórias representam os personagens do romance; e 2) de que forma essa representação está associada ao desenvolvimento e significado do romance como um todo.

2.2.2.2 - A Entrevista

Tomando gênero como um evento comunicativo e não como uma forma lingüística, Hoffnagel (2003:180) considera a entrevista “como uma constelação de eventos possíveis

que se realizam como gêneros (ou sub-gêneros) diversos”, diferenciando-se quanto aos propósitos para sua realização (a entrevista médica, por exemplo, tem a função de obter informações do paciente para, então, formular um possível diagnóstico).

A autora cita o esquema formulado por Marcuschi (2000:110) para delimitar a organização básica de qualquer tipo de entrevista, como podemos observar abaixo:

“Entrevistador: pergunta [estabelece um tópico]
Entrevistado: responde [em relação ao tópico proposto]
Entrevistador: pergunta [sobre o mesmo ou outro tópico]
Entrevistado: responde [em relação ao posto]” (apud Hoffnagel, 2003:181)

Partindo desse esquema, Hoffnagel afirma ser justamente a forma “pergunta/resposta” a caracterização básica de uma entrevista, mas a interpretação desta deve-se, principalmente, ao modo como é realizada a interação “entrevistador/entrevistado”. Para isso, o entrevistador pode se utilizar de várias possibilidades como: 1) elaborar perguntas abertas (que permitem maior participação e controle por parte do entrevistado) ou fechadas (que direcionam a respostas curtas); e 2) elaborar perguntas diretas (proferidas sem explicações ou justificativas) ou indiretas (feitas de forma polida, sugerindo mais um pedido do que propriamente uma pergunta). Por fim, a autora discorre sobre a questão do controle subjacente a todo tipo de entrevista, no qual aponta o entrevistador como o detentor de maior poder durante a realização desse tipo de interação.

Sobre esse aspecto do poder, pesquisadores afiliados, à época, à lingüística crítica, Kress e Fowler (1979), indicam outras questões pertinentes, através do desenvolvimento de um estudo sobre o processo da entrevista.

Nesta pesquisa, Kress e Fowler abordam a diferença de *status* entre o entrevistador e o entrevistado como um fator relevante na determinação do controle da entrevista. Segundo os autores, o entrevistador deve possuir o controle da “mecânica” da entrevista: é ele quem deve iniciar o processo, quem tem o direito de fazer perguntas, e quem deve terminar a entrevista. Ao entrevistado é reservado, apenas, o direito de responder ou comentar a pergunta feita pelo entrevistador. No entanto, Kress e Fowler apontam a possível inversão de poder na entrevista quando há inversão de *status* entre os participantes. Com isso, eles sugerem que diferenças de classe ou autoridade estão envolvidos no discurso e que a influência desse *status* nas relações sociais pode ser evidenciada na estrutura das escolhas lingüísticas. Dessa forma, um entrevistador jovem e recém-formado pode perder o controle da entrevista se o entrevistado for, por exemplo, uma celebridade artística ou um representante político.

Com outro enfoque, teóricos da Comunicação e das Ciências Sociais discorrem sobre o gênero “entrevista”, considerando outros aspectos e características específicas.

De acordo com Medina (1986:08), jornalista e professora da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, a entrevista “é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa (...), que pode servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação. Em todos estes ou outros usos das Ciências Humanas, constitui sempre um meio cujo fim é o inter-relacionamento humano.”

Na área das Ciências Sociais e do Jornalismo, Edgar Morin, citado por Medina (1986:14/15), propõe quatro tipos de classificação da entrevista, vista como uma técnica de comunicação coletiva:

1) Entrevista-rito: as próprias palavras proferidas neste tipo de entrevista são consideradas “rituais”, como se fizessem parte de uma cerimônia. Um exemplo desse tipo

seriam as entrevistas feitas com jogadores de futebol, no final de uma partida decisiva ou com um ator após receber o *Oscar*;

2) Entrevista anedótica: é uma entrevista supérflua, sem objetivos intelectuais. Limita-se a questionamentos em torno de “fofocas” e, muitas vezes, provoca no entrevistador respostas de anedota picante, apelativas. Esse tipo de entrevista é bastante usual em programas de televisão de apelo popular;

3) Entrevista-diálogo: constata-se este tipo quando a entrevista se dilui enquanto técnica e se torna uma espécie de diálogo, em que já não há mais a preocupação de cumprir a pauta pré-estabelecida pelo entrevistador e, sim, expor uma verdade que diz respeito à pessoa do entrevistado ou a um problema;

4) Neoconfissões: neste tipo de entrevista, “o entrevistador se apaga diante do entrevistado. Este não continua na superfície de si mesmo, mas efetua, (...) o mergulho interior.” Tal entrevista é muito utilizada como técnica de auto-conhecimento, na área da psicologia social.

É preciso deixar claro que o gênero “entrevista” pode estar associado a diferentes tipos de ação social, como por exemplo, as ações sociais relativas à medicina. Neste trabalho, interessa-me a entrevista relacionada com ações sociais vinculadas à mídia. Portanto, faz-se necessário apresentar algumas características da entrevista jornalística.

De acordo com Medina, a entrevista jornalística é, acima de tudo, uma técnica de obtenção de informações que recorre ao particular. Com isso, para realizá-la, é necessário que a fonte individualizada tenha crédito, sem que o entrevistador aspire a questões de mérito científico. A autora enfatiza o caráter aleatório da entrevista de jornal, ao considerar, muitas vezes, uma abordagem com qualquer pessoa desconhecida como algo significativo,

em vez de abordar sempre alguém previamente selecionado de acordo com determinados requisitos e perfis.

Uma entrevista consiste, portanto, essencialmente em um diálogo entre um sujeito-emissor e um sujeito-receptor. Ambos interagindo durante este processo: o emissor (no caso, o entrevistador) com a função de perguntar e/ou comentar as respostas e observações do receptor (o entrevistado). Entretanto, poderíamos argumentar que, em relação ao romance de Anne Rice, a entrevista é realizada de tal forma que o entrevistador (em vez de se ater a recolher fatos e dialogar com o receptor-entrevistado) suspende sua tomada de turno na conversa durante grande parte da narrativa, deixando a estória fluir sem a sua interferência. De acordo com Medina (1986), esta característica é definida como própria da “neoconfissão”. Porém, segundo Lodi (1974:21), essa falta de interferência por parte do entrevistador no decorrer da narrativa é considerada como um recurso utilizado na entrevista, a técnica do silêncio. Ou seja, de acordo com o autor,

“[É muito freqüente] o uso de pausas silenciosas como instrumento para obter maior resposta do candidato [à entrevista]. O silêncio funciona como período de espera. Um hábil uso das pausas pode ser mais útil do que a pressa em fazer novas perguntas, preenchendo todos os vazios da entrevista.”

Medina (1986), por sua vez, argumenta que, uma maior ou menor comunicação durante o momento da entrevista está diretamente relacionada com a humanização do “contato interativo”. Segundo a autora, quando ambos, emissor e receptor, saem modificados dessa interação, a técnica da entrevista é “ultrapassada pela intimidade entre o EU e o TU”. Ou seja, ambos se transformaram em alguma coisa, elucidou-se certo conceito, determinada compreensão do mundo ou, mesmo, uma auto-compreensão. Tal argumento é retomado pela autora, quando ela enfatiza que:

“Para além da troca de experiências, informações, juízos de valor, há uma ambição ousada que filósofos como Martin Buber já dimensionaram: o diálogo que atinge a interação humana criadora, ou seja, ambos os partícipes do jogo da entrevista interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios.” (Medina, 1986:08)

A seguir, apresentarei os procedimentos metodológicos de análise dos dados utilizada nesta dissertação, a partir da descrição detalhada de cada procedimento realizado.

2.3 – Procedimentos metodológicos de análise textual

Conforme dito no Capítulo 1 desta dissertação, a abordagem principal na qual se baseia a presente pesquisa é a da interface entre a lingüística sistêmica e a lingüística de *corpus*, a partir da qual os textos foram analisados em formato eletrônico, através de *software*, no caso desta pesquisa, o *WordSmith Tools* (Scott, 1997). Cabe destacar que, dentro do campo dos Estudos da Tradução, a abordagem usada é funcional, promovendo um diálogo da lingüística sistêmica e de teorias sobre representação do discurso, com a utilização de métodos da lingüística de *corpus*.

À luz das teorias abordadas no Capítulo 1, ao que se refere à categorização dos verbos de elocução, as categorias de Thompson (1994), reproduzidas no quadro seguinte, são utilizadas na análise da representação do discurso nas entrevistas dos romances do *corpus*. Cabe esclarecer que, apesar de a classificação de Thompson ser baseada na língua inglesa, sua abordagem foi considerada produtiva para a análise do *corpus* do romance em português e, por esse motivo, adotada para a investigação comparativa dos dois textos que compõem o *corpus*.

Desse modo, temos, no QUADRO 4, a representação da proposta de categorização dos verbos de elocução desenvolvida por Thompson (1994).

QUADRO 4: Proposta de tradução da classificação apresentada por Thompson (1994:33)

Classificação dos Verbos	Exemplos
Verbos neutros	say/dizer, tell/contar, ask/perguntar, write/escrever
Verbos que indicam o propósito do falante	admit/admitir, assure/assegurar, explain/explicar, plead/alegar, moan/queixar-se, warn/avisar, remind/lembrar, suggest/sugerir, etc.
Verbos que mostram o modo de dizer	cry/chorar, murmur/murmurar, shout/gritar, whisper/sussurrar, chatter/tagarelar, stammer/gaguejar, etc.
Verbos que indicam o que foi dito	attack/atacar, criticise/criticar, denigrate/denegrir, mock/ridicularizar, reprove/reprovar, slander/caluniar, etc.
Verbos que indicam como a mensagem se ajusta com o resto da oração	repeat/repetir, add/acrescentar, agree/concordar, answer/responder, reply/replicar, retort/retorquir, start/começar, begin/iniciar, continue/continuar, interrupt/interromper, stop/parar, etc.
Verbos que podem indicar uma crença ou ideologia	acknowledge/reconhecer, confess/confessar, indicate/indicar, mention/mencionar, reveal/revelar, etc.

Vale destacar que, somada a essas categorias, encontra-se uma categoria que não consta na proposta de classificação de Thompson (1994), sendo, portanto, definida como uma categoria em que os verbos não são considerados intrinsecamente elocutórios¹⁹, mas, uma vez que exercem a função de projetar um enunciado dentro do *corpus*, devem ser incorporados na presente pesquisa. Os exemplos deste tipo de verbo retirados do *corpus* em estudo são: *burst out, come, draw, fight, ground, kneel, raise, rise, shake, shrug, sit* e *turn*;

¹⁹ O termo “verbos não elocutórios” foi, primeiramente, utilizado por Cruz (2003), provavelmente baseado em Halliday (1994).

e retextualizados como: *afastar, ajoelhar, amassar, chegar, encolher, encostar, erguer, explodir, levantar, pegar, sacudir, virar e voltar*.

Além disso, utilizamos as categorias da Gramática Sistemática Funcional, de M.A.K. Halliday (1994), conforme reproduzidas (de forma sintética) no QUADRO 5, abaixo. Vale lembrar que a explicação de cada categoria sistêmica-funcional encontra-se na seção 1.1, desta dissertação.

QUADRO 5: Síntese da proposta de categorização dos verbos como processos de transitividade de Halliday (1994)

Processos de Transitividade	Características Principais
Processos Comportamentais	Caracterizam-se por representar os comportamentos fisiológicos e psicológicos dos participantes da oração. São exemplos deste tipo de processo: <i>look/ olhar, smile/ sorrir</i>
Processos Existenciais	Sinalizam que algo existe ou acontece. São exemplos deste tipo de processo: <i>there is/ há, there seems to be/ parece haver</i>
Processos Materiais	Referem-se a uma ação, criação ou mudança praticada pelo ator do processo. São exemplos deste tipo de processo: <i>make/ fazer, paint/ pintar, fight/ lutar</i>
Processos Mentais	Subdividem-se em três tipos: os que indicam cognição (pensar, saber, entender), afeição (gostar, temer) ou percepção (ver, escutar). São exemplos deste processo: <i>feel/ sentir, guess/ achar, think/ pensar</i>
Processos Relacionais	Referem-se a um atributo ou identidade possuídos pelo participante do processo. São exemplos desses processos: <i>be/ser - estar, have/ ter, seem/ parecer</i>
Processos Verbais	Possuem a característica central de que algo é dito. São exemplos deste tipo de processo: <i>ask/ perguntar, tell/ contar, say/ dizer</i>

Acrescidos às teorias de Thompson e Halliday são utilizados, como suporte para a presente pesquisa, os subsídios da teoria literária, de estudos sobre gênero discursivo

(destacando-se estudos dos gêneros “romance” e “entrevista”) e das demais abordagens teóricas sobre verbos de elocução discutidas no Capítulo 1 da presente pesquisa.

Como foi mencionado, Anne Rice e Clarice Lispector apresentam traços biográficos semelhantes: escritoras de romances contemporâneos, procura(va)m reproduzir em suas obras os momentos de sofrimento que tiveram na vida real e, sobretudo, fascina(va)m-se pelo sobrenatural, pelo misterioso. No entanto, em meio a tantas semelhanças, um dado parece relevante para a formulação de uma das hipóteses da presente pesquisa: o fato de Clarice Lispector ter trabalhado, durante grande parte de sua vida, como repórter e entrevistadora para jornais brasileiros. Com o suporte da crítica literária e do estudo dos dados biográficos apresentados nas seções anteriores, formulamos as seguintes perguntas:

- 1) Em que medida são diferentes as escolhas feitas de verbos de elocução, introdutores dos discursos do entrevistador e do entrevistado, na representação do discurso da entrevista nos dois romances sob o ponto de vista do narrador e do entrevistado?
- 2) As diferentes escolhas feitas na tradução podem ser atribuídas a convenções da entrevista jornalística, que Lispector possa ter utilizado mais em decorrência de sua atuação como jornalista?

Baker, em seu estudo sobre o estilo do tradutor literário, assinala a necessidade de encarar a tradução como uma atividade criativa, e não somente reprodutiva. Segundo a autora, a partir dessa visão do ato tradutório, é “imperativo que comecemos a explorar a questão do estilo, pelo menos, na tradução literária, do ponto de vista do tradutor, ao invés do autor” (Baker, 2000:262). A autora enfatiza, ainda, a importância de se desenvolver uma

metodologia consistente para que o analista consiga “capturar” o traço pessoal impresso pelo tradutor literário.

Seguindo as indicações discutidas acima, foi realizada a análise dos dados, a fim de se investigar a pertinência das perguntas formuladas. Como citado no início dessa seção, os dados para as análises foram obtidos através da utilização dos recursos oferecidos pelo *software* específico para estudos de *corpora*, o *WordSmith Tools*. A primeira etapa consistiu na seleção dos textos do *corpus*. O *corpus* paralelo *Interview with the vampire/Entrevista com o vampiro* foi escolhido no escopo do Projeto Corpu(o)s Híbridos: identidades raciais em tradução, do Projeto CORDIALL, que abarca a representação de identidades em tradução, através da transitividade, entre outros aspectos léxico-gramaticais. Logo a seguir foi a etapa de digitalização e conferência dos mesmos, uma vez que o *corpus* apresenta muitas alterações após o processo de escaneamento. Após realizados esses procedimentos, o texto foi preparado de acordo com critérios estabelecidos no escopo do CORDIALL e transformado em formato *txt*, etapas que precedem a utilização das ferramentas do *software* para coleta de dados.

A partir daí, utilizamos a ferramenta *Wordlist* para o levantamento dos processos presentes no *corpus*. Depois deste levantamento, partimos para o uso da ferramenta *Concord*. Primeiramente separamos o *corpus* de acordo com a divisão em partes (quatro partes) para observarmos, também, a questão da representação da entrevista relacionada aos dois pontos de vista (em 1ª e 3ª pessoa). As aspas (“ ”) foram o signo de busca, à esquerda do qual foi possível localizar os verbos, em orações de discurso direto, de cada parte (re)textualizada do *corpus*. Utilizou-se, depois disso, o asterisco (*) após cada radical, a fim de obter todas as ocorrências dos verbos nas formas infinitiva e flexionada. Levantadas as ocorrências dos verbos nas narrativas em 1ª e 3ª pessoas (distribuídos nas quatro partes),

separamos as mesmas de acordo com os dois personagens envolvidos na entrevista. Cabe, nesse momento, explicitar a função de cada ferramenta utilizada na presente pesquisa.

Dentre as ferramentas mais utilizadas desse programa destacam-se a *WordList*, o *Concord* e o *Viewer and Aligner*. A *Wordlist*, por exemplo, oferece dados estatísticos a respeito do número de ocorrências de uma determinada palavra dentro do *corpus*, em ordem alfabética ou em ordem da frequência em que a palavra aparece, entre outras coisas. Já o *Concord* apresenta uma série de funções, sendo considerado o recurso que oferece mais dados para a presente análise textual. Esta ferramenta tem a função de disponibilizar linhas de concordância de uma certa palavra ou colocação no *corpus*, permitindo um exame mais detalhado de palavras que acompanham uma outra determinada. Por fim, o *Viewer and Aligner* tem como principal função possibilitar o alinhamento dos textos original e traduzido, a fim de visualizar melhor as sentenças e tornar ainda mais fácil e rápido o processo de comparação do par lingüístico estudado, no caso desta pesquisa, o inglês americano/português brasileiro. A título de ilustração, reproduzimos, nos QUADROS 6 e 7, os dados obtidos com a ferramenta *Concord*, correspondentes ao *corpus* textualizado e retextualizado, respectivamente.

QUADRO 6: Linhas de concordância de *Interview with the vampire*

N	Concordance
1	a small voice. "Not really," <Louis> said the vampire. "There are s
2	swept by a wind. One of them said he was about to say so
3	u a very long time,' I <Louis> said to him, my heart growing
4	. " 'A woman made it,' she said . 'She makes baby dolls,
5	w what a mystery you are!' he said . " But at least you kn
6	'They've made a fool of you,' I <Louis> said to him bitterly as they w
7	him for a moment. And then I said it, lifting my hand to mak
8	it were a relic. 'He must have said something else to you!"
9	im for a moment, and then he <vampire> said , "I was telling you..." "
10	aid. " 'A little more time...' I <Louis> said . And he nodded and patt
11	ht it a very simple request. He said only he wondered why I
12	th a tight fist. 'Madeleine,' she said under her breath, 'Louis i
13	a much more mundane idea," <Louis> said the vampire immediately.
14	lute. 'My master,' he said , his eyes flashing on me
15	out stakes through the heart," <BOY> said the boy, his cheeks colo
16	brupt sound when the vampire said his name which the vam
17	"And after a long interval he said , 'I want you. I want you
18	t her again, and then softly he said to her, 'Emily,' and I felt I'
19	he air. " 'You see,' Armand said , 'you really have no need
20	live. 'Don't touch it...' Claudia said to her, and gently guided
21	re they all return to camp,' he said . And quickly we set off a
22	en better all around if you had said nothing.' And he smiled t

QUADRO 7: Linhas de concordância de *Entrevista com o vampiro*

N	Concordance
7	r este assunto. -- A vida, como já disse , era possível. Por trás de s
8	-- Viu-me sob a luz do lampião -- <Louis> disse -lhe. -- E meu rosto lhe p
9	me para a frente. -- Sim -- <vampire> disse . -- Um amor tão forte que ne
10	há mais nada a fazer. -- Louis -- disse então, erguendo a cabeça, a
11	cia, quando minha mente <Louis> disse : Você é tolo, escute. E notei
12	ual a nós, e a nós dois como iguais. Disse -lhe que precisávamos conve
13	me estendia a mão. -- Aqui - ela disse . -- Devia ter percebido que
14	meneou a cabeça -- Louis! -- disse . -- Você está apaixonado por
15	sugava há anos a fio. -- Lestat -- disse ele. -- Ao menos desta vez nã
16	im. -- Para você a dor é terrível -- disse ele. -- Sente-a como nenhum
17	ramente. -- A mesma coisa -- <vampire> disse o vampiro. -- Burrice.
18	za. -- Pegue-a, acabe com isto -- disse ele. -- E eu senti novament
19	porta se abrisse. -- Lembre-se! -- disse -me finalmente. -- Rapidez e f
20	sto imóvel. -- Acertou. Não o fiz -- disse ele. -- Excita-me ficar perto
21	-- Acho que não seria educado! - disse , batendo subitamente nas co
22	aconteceu. -- Está bem --<vampire> disse o vampiro, com o mesmo
23	, mas acreditou em mim quando lhe disse que não havia. Usei então
24	ado, adormecido. -- Saia agora -- disse -me ela. Vultos negros se aco
25	se afastava. -- Desculpe-me -- <vampire> disse o vampiro. Não queri
26	eito. -- Agora dê-me Madeleine! -- disse , a cabeça se inclinando, os
27	trás. Agora não sentia medo. Como disse , acho que desejava algum
28	stat. -- Agora me escute, Louis -- disse ele, sentando-se a meu lado
29	ans... -- Ah, é este o sotaque... -- <BOY> disse o rapaz em voz baixa.
30	e seda. Ah... estou distraído. O que disse ? Que não percebia os sinais
31	o e medo. -- Ainda não viu -- <vampire> disse o vampiro. -- Mas, olh

Como podemos verificar, nos QUADROS 6 e 7, com o objetivo de identificar as ocorrências de estruturas de relato, destacou-se, em negrito, o verbo de elocução *said/disse* utilizado por todos os personagens do romance, a fim de facilitar sua visualização dentro da oração de análise. Depois disso, o *corpus* foi etiquetado, usando-se <Louis> para indicar a fala do vampiro-entrevistado (*Louis*) e <BOY> para indicar a fala do rapaz-entrevistador (que não é nomeado no romance). Como um recurso para distinguir a apresentação da fala do entrevistado em terceira pessoa da apresentação de sua fala, pelo narrador em primeira pessoa, o *corpus* foi etiquetado, usando-se <vampire> (em vez de <Louis>) para sinalizar a fala de *Louis*, apresentada pelo narrador em terceira pessoa. Abaixo, temos a reprodução dos dados fornecidos pela ferramenta *Viewer and Aligner*.

QUADRO 8: Dados do *corpus* paralelo, obtidos pela ferramenta *Viewer and Aligner*

N 1584 Sentences and headings

10 <!--L1, S 4-->"But how much tape do you have with you?" asked the vampire, turning now so the boy could see his profile.

11 <!--L1, S 8-->-- **Qual a quantidade de fita que você trouxe? -- perguntou o vampiro, virando-se agora de modo a que o menino pudesse ver seu perfil.**

12 <!--L2, S 7-->"Enough for the story of a life?"

13 <!--L1, S 9-->-- **O suficiente para registrar a história de uma vida?**

14 <!--L2, S 8-->"Sure, if it's a good life."

15 <!--L1, S 10-->-- **Certamente, se for uma vida movimentada.**

16 <!--L2, S 9-->"Sometimes I interview as many as three or four people a night if I'm lucky."

17 <!--L1, S 11-->-- **Às vezes chego a entrevistar três ou quatro pessoas, numa noite de sorte.**

18 <!--L2, S 10-->"But it has to be a good story."

19 <!--L1, S 12-->-- **Mas tem de ser uma boa história.**

20 <!--L2, S 13-->"I would like to tell you the story of my life, then."

21 <!--L1, S 14-->-- **Então, gostaria de lhe contar a história de minha vida.**

22 <!--L2, S 14-->"I would like to do that much."

23 <!--L1, S 15-->-- **Gostaria muitíssimo de fazê-lo.**

24 <!--L2, S 15-->"Great," said the boy.

25 <!--L1, S 16-->-- **Ótimo -- disse o jovem.**

26 <!--L2, S 16-->"And quickly he removed the small tape recorder from his brief case, making a check of the cassette and the batteries."

27 <!--L1, S 17-->-- **E tirou rapidamente o pequeno gravador da maleta, testando a fita e as pilhas.**

28 <!--L1, S 15-->"I'm really anxious to hear why you believe this, why you."

29 <!--L2, S 15-->-- **Estou realmente ansioso por saber por que você acredita nisso, por que.**

30 <!--L1, S 17-->"No," said the vampire abruptly.

31 <!--L2, S 17-->-- **Não -- disse o vampiro ríspidamente.**

32 <!--L1, S 18-->"We can't begin that way.
33 <!--L2, S 18-->-- **Não podemos começar desse jeito.**
34 <!--L1, S 19-->Is your equipment ready?
35 <!--L2, S 19-->**Seu equipamento já está pronto?**
36 <!--L1, S 20-->"Yes," said the boy.
37 <!--L2, S 20-->-- **Está.** [#]
38 <!--L1, S 21-->"Then sit down.
39 <!--L2, S 21-->-- **Então sente-se.**

Como objetivo de destacar os pontos relevantes para a pesquisa, após ordenar, manualmente, algumas das frases, (que, por vezes, apareciam fora de ordem, tendo em vista elipses oracionais ou expansões, dentre outros recursos), foram colocados em “negrito” as orações do *corpus* traduzido. Para indicar as elipses ocorridas na tradução foi utilizado o símbolo [#], visualizado na linha 37 do quadro acima. Com esses procedimentos, a visualização dos dados se tornou mais clara, resultando numa maior facilidade para a análise posterior dos mesmos.

No Capítulo 3, apresentarei a análise dos dados obtidos pelas ferramentas do *software* mencionado.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DOS DADOS

No presente capítulo, apresentaremos a análise dos dados extraídos do *corpus* composto pelos romances *Interview with the vampire* e *Entrevista com o vampiro*, realizada com o suporte das ferramentas do programa de computação *WordSmith Tools*, referidas no capítulo anterior. Tal análise está baseada, principalmente, nas categorias de Halliday (1994) e na abordagem de verbos de elocução de Thompson (1994). Vale retomar três pontos já mencionados nesta pesquisa que são de fundamental importância para o entendimento da análise pelo leitor: 1) o romance é dividido em quatro partes, de tamanhos irregulares; 2) em cada parte há a predominância do ponto de vista do narrador em 3ª pessoa ou do narrador em 1ª pessoa (que é o próprio personagem entrevistado); e 3) quando a narrativa predominante é em 3ª pessoa, configura-se a entrevista como interação – entrevistador/entrevistado, e quando esta é em 1ª pessoa, configura-se a entrevista como “neoconfissão” (cf. página 66).

Na seção seguinte, explicitaremos os dados quantitativos para cada categoria de verbos de elocução, começando pelos dados estatísticos fornecidos pela ferramenta *Wordlist*, e complementando com os dados oferecidos pelas ferramentas *Concord* e *Viewer and Aligner*, a fim de reunir todos os argumentos relevantes para uma análise discursiva e baseada nas teorias abordadas nesta dissertação. A seção 3.2 abarcará a análise sob a perspectiva dos processos de transitividade de Halliday (1994).

3.1 - Análise sob a perspectiva da representação do discurso

Na TABELA 1, apresento os dados retirados da lista de palavras fornecida pela *Wordlist*, em ordem alfabética, referentes aos verbos de elocução encontrados em cada *corpus* e sua ocorrência numérica nos mesmos.

TABELA 1
Lista dos verbos de elocução em projeção paratática em *Interview with the vampire*

Verbo de Elocução	Ocorrências	Verbo de Elocução	Ocorrências
Added	1	Nodded	5
Answered	19	Offered	1
Asked	98	Pleaded	4
Assured	3	Pointed	2
Began	5	Protested	3
Begged	2	Raised	1
Blurted	1	Repeated	4
Burst	2	Replied	1
Called	3	Rose	2
Came	1	Said, Say, Saying	317
Cautioned	1	Sat	3
Confessed	1	Shook	8
Cried	1	Shouted, Shouting	7
Cursing	1	Shrugged	2
Demanded	5	Sighed	7
Draw	1	Smiled	10
Explained	2	Speak	1
Felt	2	Stammered	2
Fought	1	Stared	1
Gasped	3	Started	2
Gestured	1	Suggested	1
Groaned	1	Thinking, Thought	8
Grounded	1	Told	6
Gussed	1	Threw	1
Insisted, Insisting	5	Turned	2
Knelt	1	Urged	2
Laugh	1	Uttered	1
Looked	5	Went	7
Murmur, Murmured	7	Whisper, Whispered	51
Mused	1		

Os dados acima nos mostram uma ocorrência muito maior do verbo *say* e suas flexões *said* e *saying*, com 317 ocorrências, em comparação com as outras formas verbais.

As ocorrências de *say*²⁰ corroboram estudos anteriores feitos por pesquisadores do CORDIAL. Seguindo *say* está o verbo *ask*, com 98 ocorrências que podem ser atribuídas às convenções do gênero “entrevista”, de perguntas e respostas. Já o número de ocorrências de *answer* (19) ou *reply* (1) não corresponde àquele de *ask*. Isso poderia ser atribuído, por exemplo, a uma maior variação de verbos usados para apresentar as respostas, dentre os quais destacamos *whisper*, *smile* e *murmur*, com 51, 10 e 7, respectivamente. Tal hipótese será analisada mais tarde.

A TABELA 2 apresenta os dados obtidos através da *Wordlist*, da lista de palavras referentes ao *corpus* traduzido.

²⁰ Com o objetivo de simplificar a discussão dos dados para o leitor, faremos a análise comparativa dos verbos na forma lematizada. As formas flexionadas são consideradas na análise somadas à forma lematizada.

TABELA 2

Lista dos verbos de elocução em projeção paratática em *Entrevista com o vampiro*

<i>Verbo de Elocução</i>	<i>Ocorrências</i>	<i>Verbo de Elocução</i>	<i>Ocorrências</i>
Afastei	1	Indagando, Indaguei	2
Ajoelhei	1	Inquiri	2
Aleguei	1	Insisti, Insistia	6
Amassou	1	Levantei, Levantou	3
Apontei	2	Murmurar, Murmurei,	50
Argumentei	1	Murmurou	
Arrisquei	1	Notei	1
Assegurei, Assegurou	3	Ofeguei	1
Assentiu	1	Ofereci	1
Avisei	1	Olhei, Olhou	5
Baluciei, Balbuciou	6	Peguei	1
Chamei, Chamava	2	Pensando, Pensar,	10
Cheguei	1	Pensava, Pensei	
Comecei, Começou	4		
Comentei, Comentou	3	Perguntando,	105
Completei	1	Perguntava, Perguntei,	
Concordei, Concordou	3	Perguntou	
Confessei	1	Proteste, Protestou	3
Continuei, Continuou	7	Puxei	1
Disse, Dizendo, Dizer,	213	Recomeçou	1
Dizia		Recusei	1
Encolheu	1	Repeti, Repetiu	9
Encostei	1	Respondeu, Respondi	43
Ergueu	1	Retrucou, Retruquei	6
Exclamei	1	Riu	5
Explicou, Expliquei	2	Sacudi, Sacudiu	8
Explodi	1	Sentiu	2
Falei, Falou	46	Sorriu	11
Fez	1	Sugeri	1
Fitei	1	Suspirou	5
Gaguejei, Gaguejava	5	Sussurrei, Sussurrou	5
Gritei	9	Virou	1
Grunhiu	1	Voltou	3
Implorei	4	Xingar	1

Podemos ver, pela TABELA 2, que os dados concernentes aos verbos de elocução, encontrados na narrativa retextualizada de *Interview with the vampire*, apresentam diferenças quantitativas em comparação com os dados do *corpus* textualizado. Corroborando estudos anteriores, observa-se uma menor ocorrência de verbo *dizer* (213),

tendo em vista as convenções do gênero em português brasileiro, menos afeito à repetição simples deste verbo em comparação com o gênero em inglês, que permite a freqüente repetição de *say*. Observa-se, em segundo lugar, uma grande ocorrência dos lemas *perguntar* (105), *responder* (43), *retrucar* (6) e *falar* (46), dos três primeiros uma ocorrência esperada pelas convenções do gênero *entrevista* e a terceira usada como um recurso de sinonímia possível para *responder* ou *dizer*. Vale ressaltar as ocorrências de *murmurar* (50), *sussurrar* (5) – possíveis equivalentes de *whisper* e *murmur* – e *sorrir* (11).

Para um maior refinamento da análise, demonstraremos, a seguir, os resultados obtidos com o programa *WordSmith Tools*, para cada categoria de verbos de elocução nas quatro partes da (re)textualização, concernentes à apresentação da fala dos dois personagens protagonistas da entrevista: *Louis* – o entrevistado – e o rapaz-entrevistador. Utilizamos, então, a ferramenta *Concord* para obtenção de dados, uma vez que a *Wordlist* não possui recursos para localizar verbos em projeção paratática ou hipotática, além de outras informações necessárias para uma análise da representação dos discursos dos dois personagens referidos.

Conforme dito nos Capítulos 1 e 2, uma das teorias fundamentais para a presente análise é a desenvolvida por Thompson (1994), a qual busca demonstrar, entre outras coisas, como quatro textos vinculados a gêneros diferentes (reportagem, conversação, romance e artigo acadêmico) utilizam a elocução em diferentes situações e para diferentes propósitos. Retomaremos, então, as categorias classificatórias dos verbos de elocução propostas por Thompson, aplicando-as nas quatro partes do romance original e traduzido. Nas TABELAS 3 e 4 temos a porcentagem²¹ dos verbos de elocução encontrados na

²¹ Os dados foram dispostos na forma porcentual, uma vez que as partes do romance não têm o mesmo tamanho e apresentariam, portanto, dados numéricos não comparáveis.

narrativa em 1ª e em 3ª pessoas, distribuídos nas quatro partes do romance, utilizados para introduzir a fala do entrevistado e do entrevistador. Cumpre esclarecer que as nomenclaturas adotadas por Thompson (1994) para os verbos de elocução foram simplificadas para se adequarem às proporções das tabelas, quais sejam:

- | | |
|---|--------------------------------------|
| 1) Verbos neutros = | Neutros |
| 2) Verbos que indicam o propósito do falante = | Propósito do falante |
| 3) Verbos que mostram o modo de dizer = | Modo de dizer |
| 4) Verbos que indicam o que foi dito = | Indicam o conteúdo dito |
| 5) Verbos que indicam como a mensagem se ajusta com o resto da oração = | Ajuste da mensagem |
| 6) Verbos que podem indicar uma crença ou ideologia = | Verbos de crença ou ideologia |
| 7) Verbos não considerados em categoria de elocução por Thompson = | Verbos não elocutórios |

TABELA 3

Representação da entrevista na narrativa em 1ª pessoa, nas quatro partes do livro

Tipos de verbos	Textualização (TE)				Retextualização (RT)			
	1a	2ª	3a	4a	1a	2a	3a	4a
Neutros	66,9%	55,5%	61,8%	78,6%	60,6%	46,1%	42,6%	55,9%
Propósito do falante	5,8%	11,1%	3,8%	0	4,5%	7,7%	8,7%	0
Modo de dizer	20,5%	24,1%	16,7%	7,1%	21,2%	25,0%	17,4%	2,9%
Indicam o conteúdo dito	0,7%	3,7%	0	0	0,7%	1,9%	0	0
Ajuste da mensagem	5,8%	5,5%	9,9%	10,7%	11,4%	19,2%	21,7%	11,8
Verbos de crença ou ideologia	1,4%	0	2,9%	0	1,5%	0	5,0%	8,8%
Verbos não elocutórios	0	0	8,1%	3,6%	0,7%	0	7,6%	2,9%
TOTAL EM NÚMEROS	138	54	135	28	133	52	119	28

TABELA 4

Representação da entrevista na narrativa em 3ª pessoa, nas quatro partes do livro

Tipos de verbos	Textualização (TE)				Retextualização (RT)			
	1a	2ª	3a	4a	1a	2a	3a	4a
Neutros	71,7%	100%	0	60,0%	61,9%	100%	0	63,2%
Propósito do falante	1,4%	0	0	15,0%	2,0%	0	0	5,3%
Modo de dizer	15,9%	0	0	25,0%	14,1%	0	0	31,6%
Indicam o conteúdo dito	0,5%	0	0	0	0	0	0	0
Ajuste da mensagem	6,6%	0	0	0	16,2%	0	0	5,3%
Verbos de crença ou ideologia	0,5%	0	0	0	0,5%	0	0	0
Verbos não elocutórios	2,8%	0	0	0	5,1%	0	0	0
TOTAL em NÚMEROS	212	4	0	20	197	4	0	20

Como podemos ver nas tabelas acima, a entrevista contida no romance, quando narrada em 3ª pessoa, apresenta uma frequência maior de verbos de elocução apenas na primeira parte do romance, onde a convenção do gênero “entrevista” (de perguntas e respostas) é mais evidenciada em comparação com as demais partes do livro, onde a narrativa em 1ª pessoa apresenta uma frequência maior desses verbos. É notório, por exemplo, que a terceira parte do livro apresenta somente o ponto de vista do entrevistado, com todos os verbos que introduzem sua fala (também ao narrar seu diálogo com outros personagens) apresentados em 1ª pessoa, não havendo, portanto, a do narrador onisciente em nenhum momento.

Retomando as noções sobre os gêneros “entrevista” e “romance”, expostas no Capítulo 2 desta dissertação, pode-se afirmar que a primeira parte do livro (tanto no TE quanto no RT) apresenta mais convenções de uma “entrevista” – em detrimento do

“romance” – devido a sua maior representação na narrativa em 3ª pessoa, e por possuir, também, mais verbos de ajuste da mensagem (como *responder* e *repetir*). Na segunda parte, temos 50 verbos a mais narrados em 1ª pessoa distribuídos em cinco categorias, dentre as quais se destaca a categoria dos verbos de ajuste da mensagem, com 13,7% de verbos a mais na retextualização do romance, sugerindo que o entrevistado *diz* e *pergunta* menos, e *responde* mais, em diálogo com os outros personagens nessa parte. Já a terceira parte se configura no que Medina (1986) definiu como uma “neoconfissão”, em que ocorre o total apagamento da figura do entrevistador, deixando a narrativa fluir sem a intrusão do narrador onisciente, com a apresentação das falas pelo entrevistado. Observa-se, nessa parte, também, a ocorrência de 4,9% a mais de verbos de modo de dizer (como *murmurar* e *balbuciar*) e 11,8% a mais de verbos de ajuste da mensagem, na RT. Por fim, na quarta parte, verifica-se uma retomada da “entrevista”, embora com menos evidência em comparação com a primeira parte. Temos uma maior ocorrência de verbos neutros (+ 7,3%) e de verbos de modo de dizer (+ 28,7%) durante a entrevista – apresentada pela narrativa em 3ª pessoa – na RT; e mais verbos de ajuste da mensagem (+ 6,5%) e de verbos de crença ou ideologia (+ 8,8%) na tradução dos verbos narrados em 1ª pessoa. Isto indica maior representação do entrevistado como um personagem mais introspectivo e idealista durante sua “neoconfissão” (na parte retextualizada), em relação à sua representação em diálogo direto com o rapaz-entrevistador.

De forma resumida, podemos dizer que é na narrativa em 3ª pessoa, predominante nas primeira e quarta partes, que está representada a entrevista (-diálogo), enquanto a segunda e terceira partes, em que predomina o ponto de vista do entrevistado, há uma espécie de monólogo ou a entrevista “neoconfessional”. Pode-se, ainda, afirmar que há uma representação maior da interação de entrevista na retextualização do romance, mesmo

quando esta passa a se configurar como neoconfissão, uma vez que há menos verbos neutros e mais verbos de ajuste da mensagem também onde ela está representada.

Os QUADROS 9 e 10 mostram a classificação dos verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado, na narrativa em 1ª e 3ª pessoas, e o QUADRO 11 mostra a classificação dos verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistador, de acordo com as categorias definidas por Thompson (1994).

QUADRO 9: Verbos introdutores do discurso do entrevistado, na narrativa em 1ª pessoa

Categorias	Textualização	Retextualização
Neutros	ask, say, tell	dizer, falar, perguntar
Propósito do falante	assure, beg, call, caution, demand, explain, offer, plead, protest, urge	alegar, argumentar, arriscar, assegurar, avisar, chamar, comentar, explicar, implorar, indagar, inquirir, oferecer, protestar
Modo de dizer	blurt, cry out, gasp, gesture, laugh, look, murmur, shout, smile, stammer, stare, whisper	balbuciar, exclamar, fitar, gaguejar, gritar, ofegar, olhar, murmurar, sussurrar
Indicam o conteúdo dito	nod, curse	recusar, xingar
Ajuste da mensagem	add, answer, begin, insist, go on, point, repeat, reply	apontar, começar, completar, concordar, continuar, insistir, repetir, responder, retrucar
Verbos de crença ou ideologia	confess, feel, guess, think	confessar, notar, pensar, sentir
Verbos não elocutórios	burst out, draw back, fight, kneel, throw, rise, shake, sit	afastar, ajoelhar, chegar, encostar, explodir, levantar, pegar, puxar, sacudir

QUADRO 10: Verbos introdutores do discurso do entrevistado, na narrativa em 3ª pessoa

Categorias		

	Textualização	Retextualização
Neutros	ask, say	dizer, falar, perguntar
Propósito do falante	assure, demand, explain, utter	assegurar, explicar
Modo de dizer	laugh, look, murmur, sigh, smile, whisper	balbuciar, murmurar, olhar, sorrir, suspirar, rir
Indicam o conteúdo dito	--	--
Ajuste da mensagem	answer, begin, come, go on, repeat, start	começar, continuar, recomeçar, repetir, responder
Verbos de crença ou ideologia	muse	meditar
Verbos não elocutórios	come, raise, shake, turn	erguer, fazer, sacudir, voltar, virar

QUADRO 11: Verbos introdutores do discurso do entrevistador

Categorias	Textualização	Retextualização
Neutros	ask, say, speak	dizer, falar, perguntar
Propósito do falante	protest, suggest	comentar, protestar, sugerir
Modo de dizer	groan, whisper	balbuciar, grunhir, murmurar, sussurrar
Indicam o conteúdo dito	nod	--
Ajuste da mensagem	answer, begin, start	assentir, concordar, repetir, responder, retrucar
Verbos de crença ou ideologia	--	--
Verbos não elocutórios	ground, rise, shake, shrug	amassar, encolher, levantar, sacudir

Primeiramente, observamos, nos quadros acima, que a apresentação da fala do entrevistado em 1ª pessoa, em relação à variedade de verbos, é muito maior do que a sua apresentação em 3ª pessoa e do que a apresentação da fala do rapaz-entrevistador. É notório, também, que, para introduzir a fala do entrevistador, não há verbos de crença ou ideologia (tanto na TE quanto na RT); e de verbos que indicam o conteúdo dito na RT (apesar de haver mais verbos de modo de dizer e ajuste da mensagem na RT). Os verbos

que se destacam por representar somente a fala do rapaz-entrevistador são: *sugerir* (propósito do falante), *grunhir* (modo de dizer), *assentir* (ajuste da mensagem), *amassar* e *encolher* (verbos não elocutórios). Podemos ver, também, que o entrevistador nunca *argumenta*, *explica*, *gagueja* ou *sorri*. Esses dados sugerem que o entrevistador está sendo representado como um personagem passivo e muito mais próximo do animalesco do que o próprio (vampiro-) entrevistado.

A TABELA 5 apresenta os verbos acima sob a perspectiva quantitativa de ocorrência dos mesmos na (re)textualização do romance, em relação à representação do discurso do entrevistado, de acordo com seu próprio ponto de vista e o ponto de vista do narrador onisciente. Para uma melhor visualização da TABELA 5, esta será primeiramente apresentada em forma de gráficos (GRAFICOS 1 e 2). Cumpre esclarecer que as nomenclaturas adotadas por Thompson (1994) para os verbos de elocução foram abreviadas para se adequarem aos padrões da legenda. São elas:

VN = verbos neutros;

PF = verbos que indicam o propósito do falante;

MD = verbos que mostram o modo do dizer;

VD = verbos que indicam o que foi dito;

AM = verbos que indicam como a mensagem se ajusta com o resto da oração;

VCI = verbos que podem indicar uma crença ou ideologia; e

VNE = verbos não considerados em categoria de elocução por Thompson.

GRÁFICO 1

Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado, em 1ª pessoa

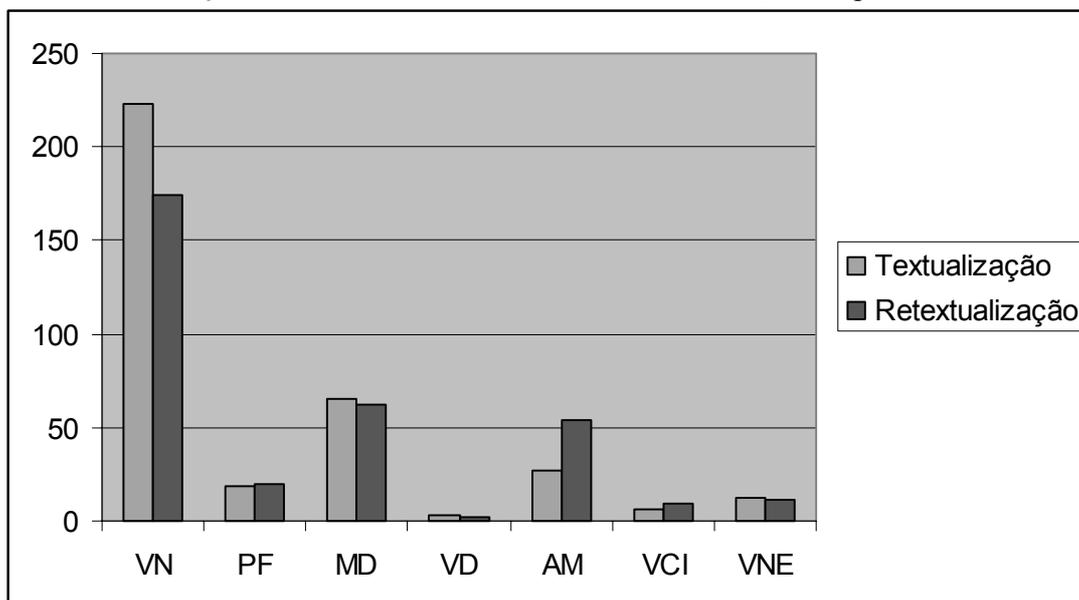


GRÁFICO 2

Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado, em 3ª pessoa

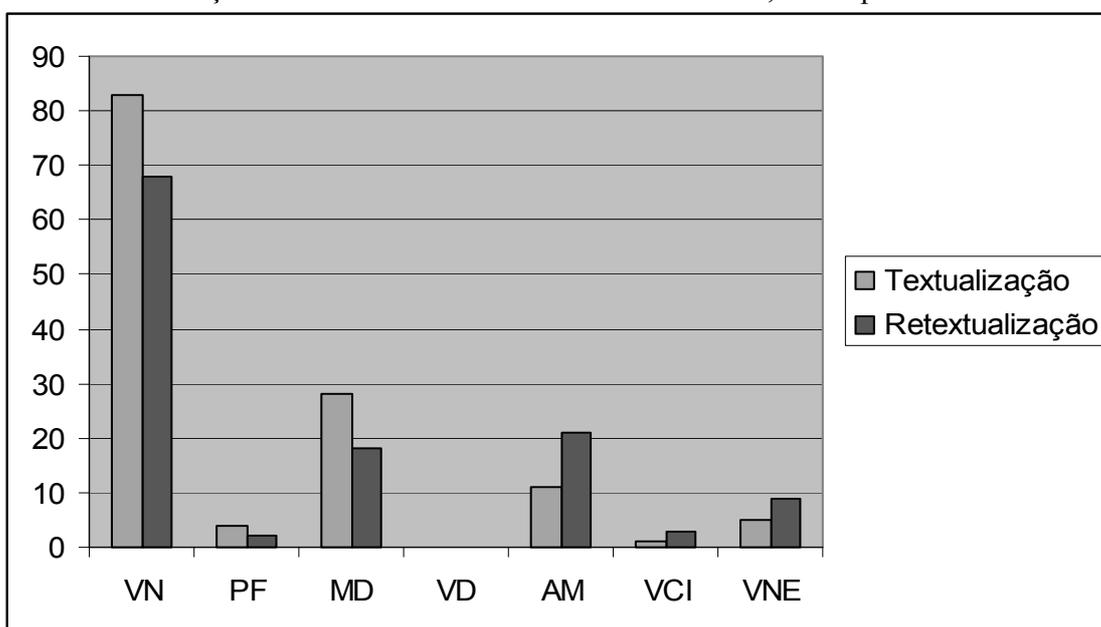


TABELA 5

Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistado

Tipos de verbos	Textualização (TE)				Retextualização (RT)			
	1ª pp	(%)	3ª pp	(%)	1ª pp	(%)	3ª pp	(%)
Neutros	223	62,8%	83	71,7%	174	52,4%	68	62,5%
Propósito do falante	19	5,3%	4	2,5%	20	6,0%	2	2,2%
Modo de dizer	65	18,3%	28	16,4%	62	18,7%	18	15,2%
Indicam o conteúdo dito	3	0,8%	0	0	2	0,6%	0	0
Ajuste da mensagem	27	7,6%	11	5,9%	54	16,3%	21	14,7%
Verbos de crença ou ideologia	6	1,7%	1	0,4%	9	2,7%	3	1,3%
Verbos não elocutórios	12	3,4%	5	2,5%	11	3,3%	9	4,0%
TOTAL	355	100%	132	100%	332	100%	121	100%

Os dados dos gráficos e da tabela acima evidenciam alguns traços característicos com relação à ocorrência dos verbos que introduzem o discurso do entrevistado, distribuídos, separadamente, de acordo com o ponto de vista da narrativa (em 3ª ou em 1ª pessoa). De início, observa-se que a narrativa em 1ª pessoa é bem mais freqüente em ambos os textos, do que a narrativa em 3ª pessoa, sugerindo uma tentativa de diálogo direto entre o vampiro e o leitor, que, ao narrar a estória sob o seu ponto de vista, se torna mais próximo dos “humanos-mortais” e, por consequência, do “leitor” (cf. seção 2.1 desta dissertação).

Com relação aos verbos, constata-se uma semelhança porcentual em todas as categorias de verbos na narrativa em 1ª pessoa nos dois textos, exceto a categoria dos verbos de ajuste da mensagem, apresentando uma diferença acentuada (de 7,6% na TE para 16,3% na RT). Observa-se, por exemplo, que o verbo *responder* foi utilizado na tradução de *say* 20 vezes (51,2% do total de ocorrências) para introduzir a fala do entrevistado,

sempre em que o verbo *say* poderia ser interpretado como *reply*. Isto sugere escolhas bem diferenciadas por parte da tradutora, provavelmente impostas pelas particularidades do gênero no português brasileiro que não aceita a repetição do verbo *say*, como é usual em inglês²² ou podem indicar, também, traços do estilo da tradutora, seja como escritora (reconhecida por sua narrativa psicológica e introspectiva), seja como entrevistadora, uma vez que Lispector dominava, por assim dizer, o estilo próprio de escrita do gênero entrevista: mais direto e fluente do que um romance (conforme explicitado no Capítulo 2, de acordo com alguns teóricos).

Quanto aos verbos encontrados na narrativa em 3ª pessoa, podemos afirmar que estes são mais numerosos na textualização. Verificamos, desse modo, uma diferença significativamente maior, na TE, dos verbos neutros (+15) e dos verbos de modo de dizer (+10).

Podemos, concluir, também, que o entrevistado é representado durante a entrevista, principalmente, através dos verbos que introduzem a sua fala em 1ª pessoa, apresentando, na RT, mais ênfase no modo como ele profere seu discurso (*sussurrando, murmurando, rindo...*), na mensagem proferida (*concordando, repetindo, respondendo...*) e no que ele acredita (*pensando, sentindo...*)

Independente da questão do ponto de vista, destaca-se a categoria dos verbos neutros devido a sua predominância em relação às outras categorias (mais de 50% em ambos os textos). Vale ressaltar que, apesar de apresentarem menos formas verbais flexionadas, os verbos na TE abrangem 34 verbos a mais em relação à RT; indicando que esses 34 verbos foram traduzidos por outra categoria ou que houve elipse de alguns deles.

²² Estudos citados por Baker (1992), utilizados como referência em Assis (2004) e Jesus (2004), abordam esta característica do sistema lingüístico do português brasileiro.

Para melhor entender a interação representada na entrevista contida no romance e a apresentação dos verbos que introduzem o discurso do entrevistador, temos, a seguir, o GRÁFICO 3, referente aos verbos de elocução introdutores do discurso do rapaz-entrevistador e, na TABELA 6, a síntese dos dados quantitativos desses verbos.

GRÁFICO 3

Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistador

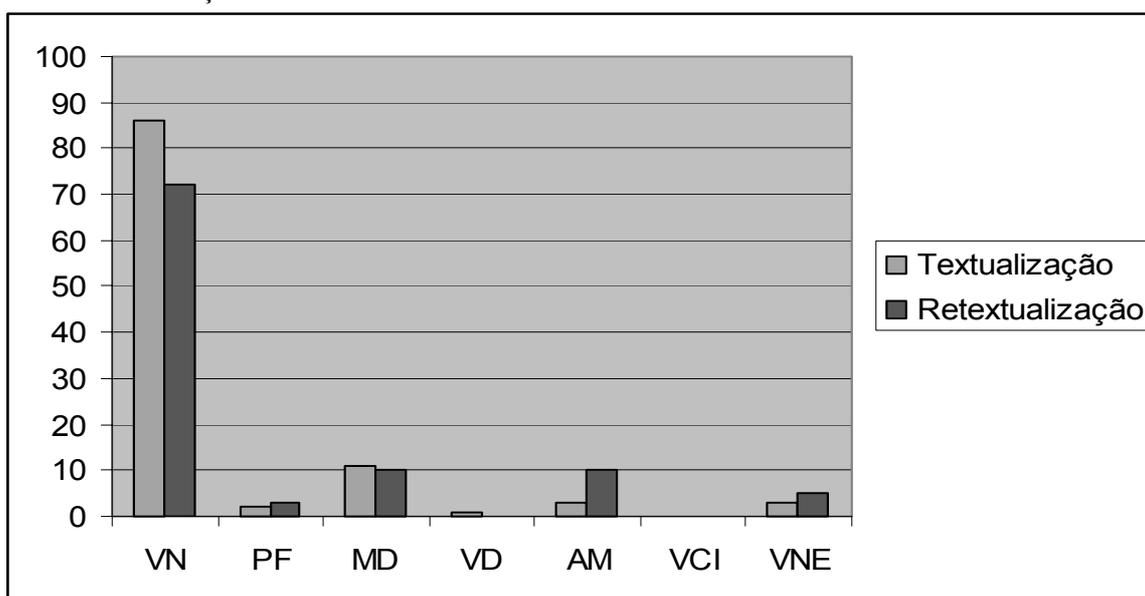


TABELA 6

Verbos de elocução introdutores do discurso do entrevistador

Tipos de verbos	Textualização		Retextualização	
	Ocorrências	(%)	Ocorrências	(%)
Neutros	86	81,1%	72	72,0%
Propósito do falante	2	1,8%	3	3,0%
Modo de dizer	11	10,4%	10	10,0%
Indicam o conteúdo dito	1	0,9%	0	0
Ajuste da mensagem	3	2,8%	10	10,0%
Verbos de crença ou ideologia	0	0	0	0
Verbos não elocutórios	3	2,8%	5	5,0%
TOTAL	106	100%	100	100%

Os dados em relação ao rapaz-entrevistador apontam algumas semelhanças em comparação aos dados referentes aos verbos de elocução introdutores da fala do entrevistado. Vemos, então, que os verbos neutros também predominam, com mais de 70% de verbos em ambos os textos; seguidos dos verbos de modo de dizer (com 10,4% na TE e 10,0% na RT). No entanto, verificamos uma discrepância muito maior entre a primeira categoria mais freqüente e a segunda, se comparado aos dados referentes ao entrevistado (com diferenças de 43,0% na TE e 35,8% na RT), o que nos leva a concluir que o discurso do entrevistador é representado, principalmente, pela sua expressão verbal, ou seja, em mais de 70% de sua narrativa, ele está *perguntando* ou *dizendo* algo, sem enfatizar muito o modo como realiza a pergunta ou a fala, ou mesmo, qual o seu propósito em dizer algo ou fazer uma pergunta.

Além das categorias citadas acima, outra categoria de verbos que se destaca pela diferença na retextualização da narrativa que introduz a fala do entrevistador é a dos verbos de ajuste da mensagem (2,8% dos verbos na TE e 10,0% na RT), devido à mesma característica apresentada na retextualização da narrativa do entrevistado, a qual sugere escolhas provavelmente impostas pelas convenções do gênero “romance” no português brasileiro ou pelas convenções do gênero “entrevista”, utilizadas pela tradutora decorrentes de possíveis influências de sua profissão como entrevistadora; ou, ainda, devido ao seu estilo como escritora de textos introspectivos.

Podemos, então, afirmar que há diferenças significativas entre os dois personagens, ao observar os verbos utilizados e não utilizados na narrativa de ambos. Enquanto temos verbos como *pensar*, *sorrir*, *rir*, *olhar*, *sentir*, *explicar* e *suspirar*, representando o discurso do entrevistado no *corpus*; temos verbos como *encolher* (os ombros) e *grunhir* representando a fala do rapaz-entrevistador. Conforme dito anteriormente, podemos

reafirmar que a ausência de verbos de crença ou ideologia, a utilização única de verbos que indicam o modo de um animal (*grunhir*) e o uso significativo de verbos não elocutórios (*amassar, encolher, levantar*), representam o entrevistador como um personagem que, paradoxalmente, tem características menos reflexivas e mais animais que o vampiro, em ambos os textos.

Na seção seguinte, apresento alguns exemplos de orações de elocução do *corpus*, com o objetivo de examinar, mais detalhadamente, padrões de escolhas dos verbos utilizados nas orações retextualizadas.

3.1.1 – Padrões de retextualização

Para um entendimento das escolhas de verbos de elocução do *corpus* em questão, apresento alguns exemplos de orações da TE de acordo com cada categoria de verbos de elocução e as escolhas realizadas na tradução, respectivamente. Para a obtenção destes dados, utilizou-se a ferramenta *Viewer and Aligner*, uma vez que esta proporciona o alinhamento das orações contidas nos dois tipos de textos (o textualizado e o retextualizado), facilitando a comparação dos mesmos.

Como já foi mencionado, o verbo *say* é retextualizado por uma variedade de outros verbos de elocução (diferentes da forma usual de *dizer*) consideravelmente maior em relação aos outros verbos de elocução (que apresentam, no máximo, dois tipos de retextualização por verbos de categorias diferentes). Apresentarei exemplos referentes às traduções desse verbo em quadros para um exame mais detalhado. No QUADRO 11, apresento os casos em que houve elipse do verbo *say* (neutro) na representação do discurso do entrevistado, seja em narrativa de 1ª ou 3ª pessoa:

QUADRO 12

Exemplos de elipse na retextualização do verbo *say*, introdutores da fala do entrevistado

1) “There’s a simple answer to that. I don’t believe I want to give simple answers,” said the vampire. “I think I want to tell the real story...”	1) -- Há uma resposta muito simples. Mas não acredito que queira dar respostas simples. Acho que desejo contar a verdadeira história...
2) “Do you see what I am! Why, if God exists, does He suffer me to exist?” I said to him. “You talk of sacrilege!”	2) -- Veja o que sou! Por que, se Deus existe, me obrigou a sofrer isto? Você fala em sacrilégio!
3) “I didn’t mean to interrupt you. You were coming to something”, he said .	3) -- Não queria interrompê-lo. Ia dizer algo.

Pode-se especular, com base em Halliday (1994), para o qual a elipse é um recurso coesivo mais freqüente na linguagem oral, que a elipse do verbo de elocução *say* na RT sugere uma entrevista ao vivo, dinâmica e fluente.

No QUADRO 13, temos exemplos de escolhas da tradutora por outras categorias de verbos de elocução para a retextualização do verbo *say* na representação do discurso do entrevistado por ele mesmo:

QUADRO 13

Padrões de retextualização do verbo *say* por outras categorias de verbos de elocução

1) “There must be someone else in the world to teach me these things” I said . “Certainly you’re not the only vampire!” [Neutro]	1) -- Deve haver alguém mais no mundo que possa me ensinar estas coisas -- retruquei . -- Certamente você não é o único vampiro! [Ajuste da mensagem]
2) “No, I know what to do; haven’t I done it in the past?” I said to her. [Neutro]	2) -- Não. Eu sei o que fazer. Já não o fiz no passado? -- recusei . [Indica conteúdo dito]
3) “I should have known,” I said , my eyes still fixed on that painting. [Neutro]	3) -- Devia ter percebido -- comentei , com o olhar ainda fixo no quadro. [Propósito do falante]
4) “This is madness!...” I said . [Neutro]	4) -- Isto é loucura!... -- exclamei . [Modo de dizer]
5) “We just don’t know.” “No, we don’t,” I said . [Neutro]	5) -- Simplesmente não sabemos. -- Não, não sabemos -- concordei . [Ajuste da mensagem]

Constatamos, então, que o verbo *say*, da categoria dos verbos neutros foi traduzido por verbos de ajuste da mensagem (*retrucar*), ou que indicam conteúdo dito (*recusar*) ou, ainda, verbos de propósito do falante (*comentar*). Dessa forma, podemos especular que a tradutora procurou explorar a função dos verbos dentro da oração, em vez de optar pela tradução usual de *dizer*, pois utilizou o verbo *exclamar* para uma oração exclamativa, o verbo *retrucar* para uma oração em resposta à outra anterior, e o verbo *concordar* para uma oração que expressa concordância com outra. Como já especulamos, tal fato pode ter relação com as convenções do romance ou, também, com as convenções da entrevista, uma vez que a tradutora optou por verbos que expressam uma função dentro da oração, tornando

o diálogo/a entrevista mais direto(a) e fluente. Podemos verificar alguns desses casos no QUADRO 14, abaixo:

QUADRO 14

Retextualizações do verbo *say* (**neutro**) por *responder* (**ajuste da mensagem**)

<p>1) “You do dream!” said the boy. “Often,” said the vampire. “I wish sometimes that I did not. For such dreams, such long and clear dreams I never had as a mortal; and such twisted nightmares I never had either.”</p>	<p>1) -- Você sonha! -- disse o rapaz. -- Frequentemente -- respondeu o vampiro. -- Às vezes desejo não consegui-lo, pois são sonhos tão longos e claros como jamais sonhei quando era mortal; e pesadelos tão confusos como jamais experimentei.</p>
<p>2) “You mean the blood had warmed him,” said the boy. “Oh, yes,” said the vampire. “After killing, a vampire is as warm as you are now.”</p>	<p>2) -- Quer dizer que o sangue o tinha aquecido -- disse o jovem. -- Oh, sim -- respondeu o vampiro. -- Após matar, o vampiro fica tão quente quanto você está agora.</p>
<p>3) “But you killed someone that night,” he said. “Every night,” said the vampire.</p>	<p>3) -- Mas você matou alguém naquela noite -- disse. -- Toda noite -- respondeu o vampiro.</p>
<p>4) “Is evil a great perilous gulf into which one falls with the first sin, plummeting to the depth?” “Yes, I think it is,” I said to him.</p>	<p>4) -- Será o mal um imenso e perigoso poço onde se cai ao primeiro pecado, mergulhando até o fundo? -- Sim, acho que é -- respondi.</p>

No QUADRO 15, apresento os exemplos das orações com verbos de elocução das demais categorias, utilizadas na narrativa que introduz o discurso do entrevistado.

QUADRO 15

Padrões de retextualização dos verbos de elocução por categorias diferentes

Textualização	Retextualização
1) “What’s the danger?” I urged him, gently. “Ah... danger! Barbarians!” he murmured. [Propósito do falante]	1) -- Qual o perigo? -- insisti , delicadamente. -- Ah... perigo! Bárbaros! – murmurou. [Ajuste da mensagem]
2) You’re a Frenchman, aren’t you? You know, I’m English.” “Yes,” I nodded . [Indica conteúdo dito]	2) -- É francês, não é? Sabe, eu sou inglês. -- Sim -- concordei . [Ajuste da mensagem]
3) I wish I could describe the passion that infected her round features, how her soft baby mouth was distorted. “And the child who did die?” I guessed , watching her. [Crença ou ideologia]	3) Gostaria de saber descrever a paixão que invadiu suas feições roliças e como sua delicada boca de bebê se transfigurou. -- É a criança que morreu? -- arrisquei , observando-a. [Propósito do falante]
4) “You don’t understand him!” I fought it, kissing her; I wanted to shower her with kisses, her cheek, her lips.” [Verbo não elocutório]	4) -- Você não compreendeu -- retruquei , beijando-a. Queria cobri-la de beijos, suas faces, seus lábios. [Ajuste da mensagem]

Vemos, portanto, que as categorias de verbos de modo de dizer e de ajuste da mensagem não apresentam retextualizações por categorias diferentes. No entanto, dos verbos retextualizados diferentemente, a categoria de verbos de ajuste da mensagem ocorre com frequência muito maior em relação à segunda categoria retextualizada (propósito do falante), sugerindo escolhas, pela tradutora, de verbos mais relacionados às convenções do gênero “entrevista”, devido à mesma tendência apontada em relação ao quadro anterior.

É interessante apontar casos em que verbos da textualização apresentam mais de uma tradução, embora pertencentes à mesma categoria de verbos. O verbo *whisper* (modo de dizer), por exemplo, foi traduzido por *murmurar*, *sussurrar* e *balbuciar*; o verbo *say* por *dizer* e *falar*; o verbo *plead* por *argumentar* e *alegar*; e o verbo *sigh* por *suspirar* e *sorrir*.

Tais ocorrências, explicitadas no quadro abaixo, provavelmente devem-se às convenções do romance em português brasileiro que, conforme dito, não aceitam a repetição lexical.

QUADRO 16

(Re)textualizações da mesma categoria de verbos de elocução com variação lexical

<p>1) “Tight, tight,” I whispered over the hot stream of her blood, her heart thundering in my ears, her blood swelling my satiated veins. “The lamp,” I whispered, “look at it!”</p> <p>2) “What am I to do?” I whispered. “Go away from them, go away from you? After all these years...”</p> <p style="text-align: center;">[Modo de dizer]</p>	<p>1) -- Força, força -- sussurrei sobre a torrente quente de seu sangue, seu coração rufando em meus ouvidos, seu sangue dilatando minhas veias saciadas. -- A lâmpada -- murmurei. -- Olhe para ela!</p> <p>2) -- O que devo fazer?-- balbuciei. -- Afastar-me deles, afastar-me de você? Após todos estes anos...</p> <p style="text-align: center;">[Modo de dizer]</p>
<p>3) “Tell the good father when he arrives that the vampire is dead, and then give him food and drink and have him wait for me,” I said. The woman was crossing herself. “You understand,” I said to her, as I hurried towards the stairs, “I couldn’t reveal my mission to you until after the vampire had been...”</p> <p style="text-align: center;">[Neutros]</p>	<p>3) -- Quando o bom padre chegar, diga-lhe que o vampiro está morto, sirva-lhe comida e bebida enquanto espera por mim -- disse eu. A mulher se benzia. Compreende -- falei galgando as escadas -- não podia revelar minha missão enquanto o vampiro não estivesse...</p> <p style="text-align: center;">[Neutros]</p>
<p>4) “But, why, Claudia...” I pleaded with her.</p> <p>5) “He is stronger than you know! Stronger than you dream! How do you mean to kill him? You can’t measure his kill. You don’t know!” I pleaded with her but could see her utterly unmoved, like a child staring in fascination through the window of a toy shop.</p> <p>6) “But it’s stupid, what you’re doing; don’t you understand? This woman’s dead!” I pleaded with her.</p> <p style="text-align: center;">[Propósito do falante]</p>	<p>4) --Mas por que, Claudia?... -- implorei.</p> <p>5) -- Ele é mais forte do que você pensa! Mais forte do que sonha! Como pretende matá-lo? Não pode calcular sua habilidade. Não a conhece! -- arguntei, mas podia vê-la irremovível, como uma criança a olhar fascinada uma vitrina de brinquedos.</p> <p>6) -- Mas o que estão fazendo é estúpido; não compreendem? Esta mulher está morta! -- aleguei.</p> <p style="text-align: center;">[Propósito do falante]</p>
<p>7) "But towards all this you had detachment, distance?" "Hmmm..." The vampire sighed. "Yes. I had it, and with it a supremely resolute anger.</p> <p>8) “(...) I checked myself because I realized that the drum was my heart, and the second drum had been his.” The vampire sighed. “Do you understand?”</p> <p style="text-align: center;">[Modo de dizer]</p>	<p>7) -- Mas você sentia desprezo, não? -- Hmmm... -- o vampiro suspirou. -- Sim. Sentia-o, ao lado de uma raiva fantasticamente resoluta.</p> <p>8) (...) Contive-me porque entendi que o rufar vinha de meu próprio coração, e que o segundo rufo vinha do dele. O vampiro sorriu. -- Compreende?</p> <p style="text-align: center;">[Modo de dizer]</p>

De acordo com o dicionário *Aurélio* (1971:1173), a palavra *murmurar* não possui distinção semântica significativa da palavra *sussurrar* (podendo ser seu sinônimo) mas possui conotação diferente da palavra *balbuciar*. *Murmurar* significa, de modo geral, “emitir som leve, frouxo; segredar; maldizer; criticar; resmungar”, enquanto *balbuciar* possui uma conotação relacionada a uma fala confusa e imperfeita, devido a um temor ou falta de domínio do assunto em articulação. Podemos, então, especular, também, se o uso de *balbuciar* na retextualização se deve ao carácter semântico da oração, levando a tradutora a optar por um verbo que se ajuste ao significado expresso na oração. Dessa forma, o entrevistado *balbucia* quando apresenta sua fala de modo confuso ou amedrontado. Os demais verbos apresentados no quadro acima, provavelmente, foram utilizados como recurso para evitar repetição lexical, pois apresentam conotações semânticas semelhantes.

A seguir, apresento os exemplos de orações com verbos de elocução introdutores do discurso do rapaz-entrevistador, na textualização e na retextualização. Os QUADROS 17 e 18 explicitam padrões de retextualização do verbo *say*, de forma destacada dos demais verbos, uma vez que ocorre de forma preponderante no *corpus*.

QUADRO 17

Exemplos de elipse na retextualização do verbo *say*, introdutor da fala do entrevistador

<p>1) “I’m not as shocked as I pretend to be. It’s only that I forget it from time to time. But let me go on...” “Please...” said the boy. “I was talking about the plantations. (...)”</p>	<p>1) -- Não estou tão chocado quanto pode parecer. Só que, de vez em quando, me esqueço. Mas, deixe-me continuar... -- Por favor... -- Falava sobre as plantações. (...)</p>
<p>2) “We can’t begin that way. Is your equipment ready?” “Yes,” said the boy.</p>	<p>2) -- Não podemos começar desse jeito. Seu equipamento já está pronto? -- Está.</p>
<p>3) “I was telling you...”</p>	<p>3) -- Estava lhe falando...</p>

“About your first kill,” said the boy.	-- Sobre seu primeiro assassinato.
---	------------------------------------

Os casos 1, 2 e 3 sugerem escolhas, na retextualização, pela elipse de verbos, que tornam o rapaz-entrevistador um personagem mais suplicante, em vez de polido (caso 1) e mais lacônico e objetivo (casos 2 e 3), o que confere à retextualização da entrevista um caráter mais versátil e dinâmico, corroborando padrões revelados com relação aos exemplos referentes ao personagem entrevistado. No QUADRO 18, temos outros exemplos de retextualização dos verbos de elocução, introdutórios da fala do entrevistador, cujas características apontam as mesmas escolhas por verbos que representam a dinâmica do gênero entrevista, principalmente, através do uso de verbos de ajuste da mensagem.

QUADRO 18

Padrões de retextualização do verbo **neutro** *say* por verbos de **ajuste da mensagem**

1) “You mean... he sucked your blood?” the boy asked. “Yes,” the vampire laughed. “He sucked my blood. That is the way it’s done.” “But you lived,” said the young man.	1) -- Quer dizer... que ele sugou seu sangue? – perguntou o rapaz. -- Sim – o vampiro sorriu. -- É assim que se faz. -- Mas você sobreviveu -- retrucou o rapaz.
2) “You mean love,” said the vampire. “Why do you hesitate to say it?” “Because you spoke of detachment,” said the boy.	2) -- Quer dizer amor -- respondeu o vampiro. -- Por que hesita em mencioná-lo? -- Porque você falou em insensibilidade -- retrucou o rapaz.
3) The boy’s lips shaped the word no, but no sound came out. He cleared his throat. “No,” he said .	3) Os lábios do rapaz tomaram a forma de um não , mas não emitiu nenhum som. Pigarreou. -- Não -- respondeu .
4) “(...) Why don’t you smoke one of your cigarettes? I see you have them in your shirt pocket.” “Oh, thank you,” the boy said , as if it were a marvelous suggestion.	4) -- (...) Por que não fuma um cigarro? Observei que tem alguns no bolso da camisa. -- Oh, obrigado -- respondeu o rapaz, como se aquela fosse uma sugestão maravilhosa.
5) “Do you think that angels are detached?”	5) -- Pensa que os anjos são insensíveis? --

asked the vampire. The boy thought for a moment. “Yes,” he said .	perguntou o vampiro. O rapaz pensou um pouco. -- Sim -- respondeu .
---	--

No QUADRO 19, apresento os padrões de retextualizações dos demais verbos de elocução que apresentam a fala do entrevistador – mesmo procedimento utilizado para a análise da representação do discurso do personagem entrevistado.

QUADRO 19

Padrões de retextualização dos demais verbos de elocução, referentes ao entrevistado

Textualização	Retextualização
1) “As you can see, my face is very white and has a smooth, highly reflective surface, rather like of polished marble.” “Yes,” the boy nodded , and appeared flustered. [Indica conteúdo dito]	1) -- Como pode ver, meu rosto é muito branco e suave, uma superfície bastante refletiva, quase como a do mármore polido. -- Sim -- concordou o rapaz. [Ajuste da mensagem]
2) “You weren’t always a vampire, were you?” he began . “No, answered the vampire.” [Ajuste da mensagem]	2) -- Você não foi sempre vampiro, não é? -- Não -- respondeu o vampiro. [elipse]
3) “But...” the boy started . “Yes?” said the vampire. “I’m afraid I don’t allow you to ask enough questions.” [Ajuste da mensagem]	3) -- Mas... -- balbuciou o rapaz. -- Sim? -- disse o vampiro. -- Sinto não estar permitindo que faça muitas perguntas. [Modo de dizer]

Conforme dito anteriormente, *balbuciar* possui uma conotação relacionada a uma fala confusa e amedrontada. Dessa forma, é possível, também, atribuir o uso de *balbuciar*, na retextualização da fala do entrevistador, como um recurso semântico de adequação à função do verbo expressada na oração. Sendo assim, o entrevistador *balbucia* (como no caso 3, acima) quando apresenta sua fala de modo amedrontado frente a um assunto que não domina – a vida dos vampiros – e/ou devido à possibilidade de estar entrevistando seu

próprio assassino. Talvez, por causa desse mesmo medo, a fala do rapaz-entrevistador nunca é apresentada com os verbos *rir* ou *sorrir*; cabendo apenas ao entrevistado tais comportamentos durante o ato da entrevista. Isto evidencia, inclusive, a questão da inversão do *status/poder* (cf. Capítulo 2) da entrevista narrada no romance; diferentemente do que se espera da entrevista jornalística, cujo poder e controle são conferidos ao entrevistador, e não ao entrevistado.

3.2 - Análise dos dados sob a perspectiva da transitividade

Analisando, nesta seção, os dados sob a perspectiva da transitividade, seguindo a classificação proposta pela Gramática Sistêmica Funcional de Halliday (1994)²³. Abaixo, apresento os dados nas TABELAS 7 e 8 referentes à entrevista narrada no romance, sob os pontos de vista do entrevistado e do narrador em 3ª pessoa, respectivamente.

TABELA 7

Representação da entrevista na narrativa em 1ª pessoa, nas quatro partes do livro

Processos	Textualização (TE)				Retextualização (RT)			
	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a
Verbais	78,3%	70,3%	68,1%	89,3%	76,7%	65,4%	64,7%	82,1%
Comportamentais	20,3%	24,1%	15,5%	7,1%	21,8%	25,0%	15,9%	3,6%
Materiais	0	5,6%	13,3%	3,6%	0,7%	3,8%	14,3%	3,6%
Mentais	1,4%	0	2,9%	0	0,7%	5,8%	5,0%	10,7%
TOTAL em NÚMEROS	138	54	135	28	133	52	119	28

²³ Confira análise semelhante à realizada nesta pesquisa em Halliday (1973), com o estudo das meta-funções no romance de William Golding, *The Inheritors*, com a ressalva de que o autor faz um exame abrangente dos processos no romance mas não analisa tradução e, aparentemente, não utiliza o aparato teórico-metodológico da lingüística de *corpus*.

TABELA 8

Representação da entrevista na narrativa em 3ª pessoa, nas quatro partes do livro

Processos	Textualização (TE)				Retextualização (RT)			
	1a	2a	3a	4a	1a	2a	3a	4a
Verbais	76,8%	100,0 %	0	75,0%	75,1%	100,0 %	0	70,0%
Comportamentais	16,0%	0	0	25,0%	14,2%	0	0	30,0%
Materiais	6,6%	0	0	0	9,1%	0	0	0
Mentais	0,5%	0	0	0	1,5%	0	0	0
TOTAL em NÚMEROS	212	4	0	20	197	4	0	20

Como os dados das tabelas acima mostram, da mesma forma que os dados de verbos de elocução, os processos utilizados na narrativa em 1ª pessoa ocorrem com maior frequência em ambos os textos, em comparação com aqueles utilizados pelo narrador em 3ª pessoa. Constata-se, também, que os processos verbais são preponderantes nos dois tipos de textos, nas quatro partes do livro e sob os dois pontos de vista (do narrador em 1ª pessoa e do narrador em 3ª pessoa).

Da mesma forma que os verbos de elocução, há menos processos de transitividade na retextualização do romance. Há menos processos verbais (em todas as partes) em ambos os pontos de vista. É interessante notar, contudo, que há mais processos comportamentais (com exceção da quarta parte, com -3,5%) e processos mentais na retextualização do romance em 1ª pessoa; e a ocorrência dos processos comportamentais se inverte na retextualização do romance em 3ª pessoa (com + 5,0% na quarta parte e -1,8% na primeira parte). Com isso, se verifica uma representação da entrevista contida no romance, evidenciada na primeira e quarta partes do livro, como sendo mais direta e fluente (com menos expressão verbal em geral) e apresentando mais ênfase nas ações que os participantes exercem no momento da entrevista (*levantando, sacudindo os ombros...*) e no

que pensam ou sentem no decorrer da interação, na primeira parte retextualizada; e é mais enfatizado o modo como os participantes se comportam ao proferir seu discurso (*rindo, gaguejando...*) na última parte da entrevista retextualizada.

Os QUADROS 20 e 21 mostram a classificação dos processos de transitividade referentes ao entrevistado, na sua narrativa em 1ª e 3ª pessoas, de acordo com as categorias definidas por Halliday (1994); e o QUADRO 22 mostra a mesma categorização a partir dos dados referentes ao discurso do rapaz-entrevistador.

QUADRO 20

Processos de transitividade para o entrevistado, na narrativa em 1ª pessoa

Processos	Textualização	Retextualização
Verbais	add, answer, ask, assure, beg, call, caution, confess, curse, demand, explain, insist, plead, protest, repeat, reply, say, tell, urge	alegar, argumentar, assegurar, avisar, chamar, comentar, confessar, dizer, exclamar, explicar, falar, implorar, indagar, inquirir, insistir, perguntar, protestar, repetir, responder, retrucar
Comportamentais	blurt, cry out, gasp, laugh, look, murmur, nod, shout, smile, stammer, stare, whisper	balbuciar, fitar, guaguejar, gritar, murmurar, ofegar, olhar, sorrir, sussurrar, rir, xingar
Materiais	begin, burst out, draw back, fight, gesture, go on, kneel, offer, point, rise, shake, sit, turn	afastar, ajoelhar, apontar, arriscar, chegar, começar, completar, continuar, encostar, explodir, levantar, oferecer, pegar, puxar, sacudir
Mentais	feel, guess, think	concordar, notar, pensar, recusar, sentir

QUADRO 21

Processos de transitividade para o entrevistado, na narrativa em 3ª pessoa

Processos	Textualização	Retextualização
------------------	----------------------	------------------------

Verbais	answer, ask, assure, demand, explain, repeat, say, utter	assegurar, dizer, falar, explicar, perguntar, repetir, responder
Comportamentais	laugh, look, murmur, sigh, smile, whisper	balbuciar, murmurar, olhar, sorrir, suspirar, rir
Materiais	begin, come, go on, raise, shake, start, turn	começar, continuar, erguer, fazer, recomeçar, sacudir, voltar, virar
Mentais	muse	meditar

QUADRO 22

Processos de transitividade utilizados para o entrevistador

Processos	Textualização	Retextualização
Verbais	answer, ask, protest, say, speak, suggest	dizer, falar, perguntar, protestar, repetir, responder, retrucar, sugerir
Comportamentais	groan, nod, shrug, whisper	balbuciar, grunhir, murmurar, sussurrar
Materiais	begin, ground, rise, shake, start	amassar, encolher, levantar, sacudir
Mentais	--	assentir, concordar

Antes de tudo, constata-se, novamente, que a apresentação da fala do entrevistado em 1ª pessoa, em relação à variedade de processos de transitividade, é muito maior do que sua apresentação em 3ª pessoa e do que a apresentação da fala do entrevistador. Do mesmo modo, também, observamos a ausência de processos mentais (assim como de verbos de crença ou ideologia) na textualização da fala do rapaz-entrevistador. De outro modo, há mais processos materiais na textualização do que na retextualização de sua fala. Podemos especular que, ao ser apresentado por processos mentais e por uma menor variedade de processos materiais na retextualização, o discurso do entrevistador sugere um personagem com características mais humanas na retextualização de sua fala durante a entrevista.

Para oferecer mais subsídios à análise, os GRÁFICOS 4, 5 e 6 apresentam a distribuição dos processos de transitividade encontrados no discurso do entrevistado e do

entrevistador; e as TABELAS 9 e 10 mostram os mesmos dados referentes aos GRÁFICOS 4 e 5 e ao GRÁFICO 6, de forma respectiva.

GRÁFICO 4

Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado em 1ª pessoa

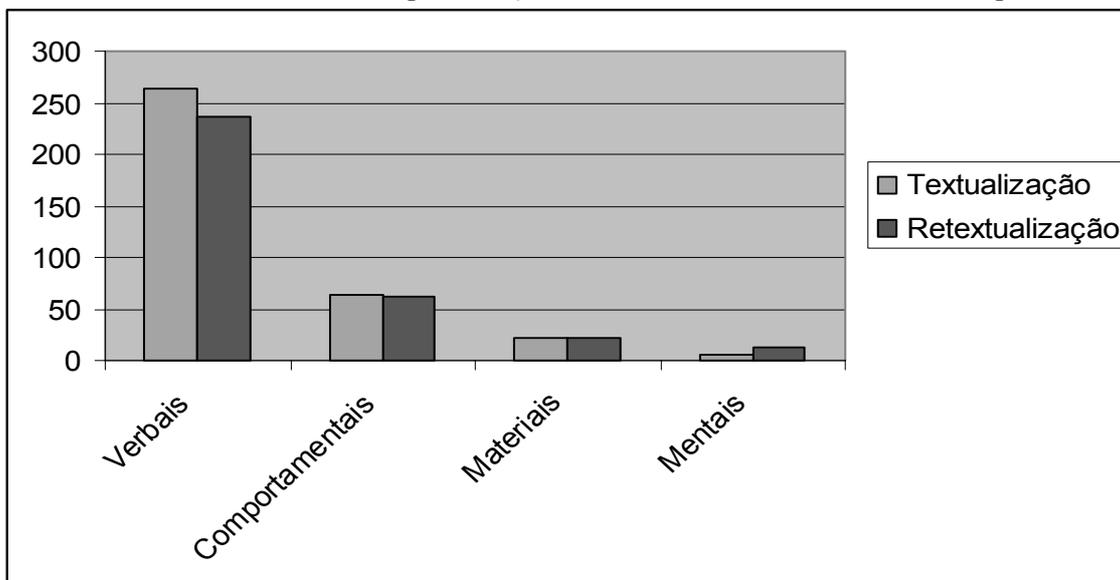


GRÁFICO 5

Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado em 3ª pessoa

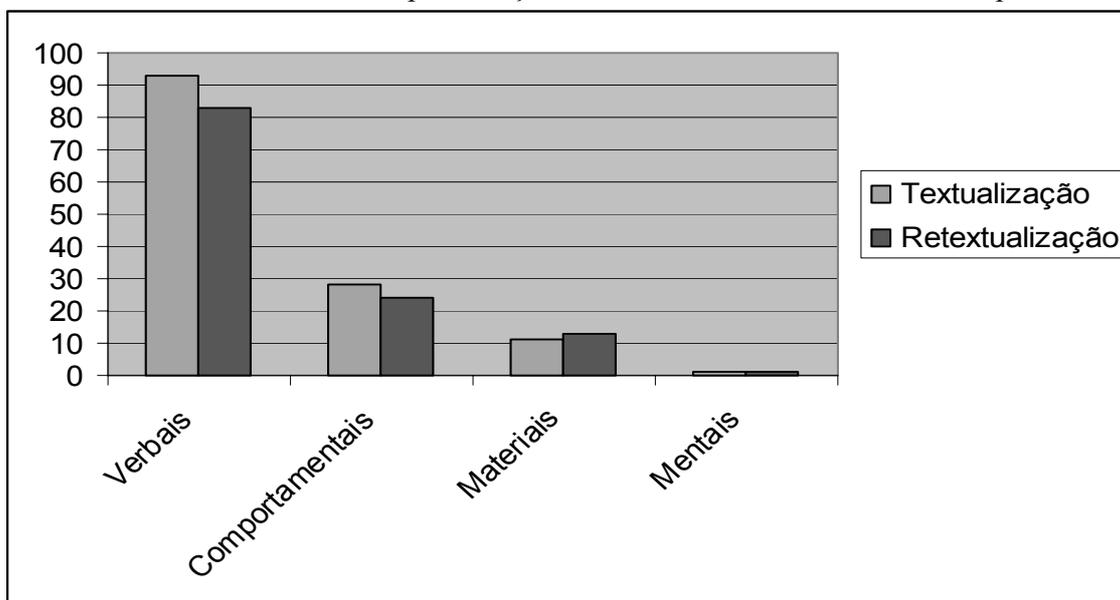


TABELA 9

Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistado

Processos	Textualização				Retextualização			
	1 ^a	(%)	3 ^a	(%)	1 ^a	(%)	3 ^a	(%)
Verbais	263	74,1%	93	69,9%	236	71,1%	83	68,6%
Comportamentais	64	18,0%	28	21,0%	62	18,7%	24	19,8%
Materiais	22	6,2%	10	8,3%	21	6,3%	13	10,7%
Mentais	6	1,7%	1	0,7%	13	3,9%	1	0,8%
TOTAL	355	100%	132	100%	332	100%	121	100%

GRÁFICO 6

Processos de transitividade na representação do discurso do entrevistador

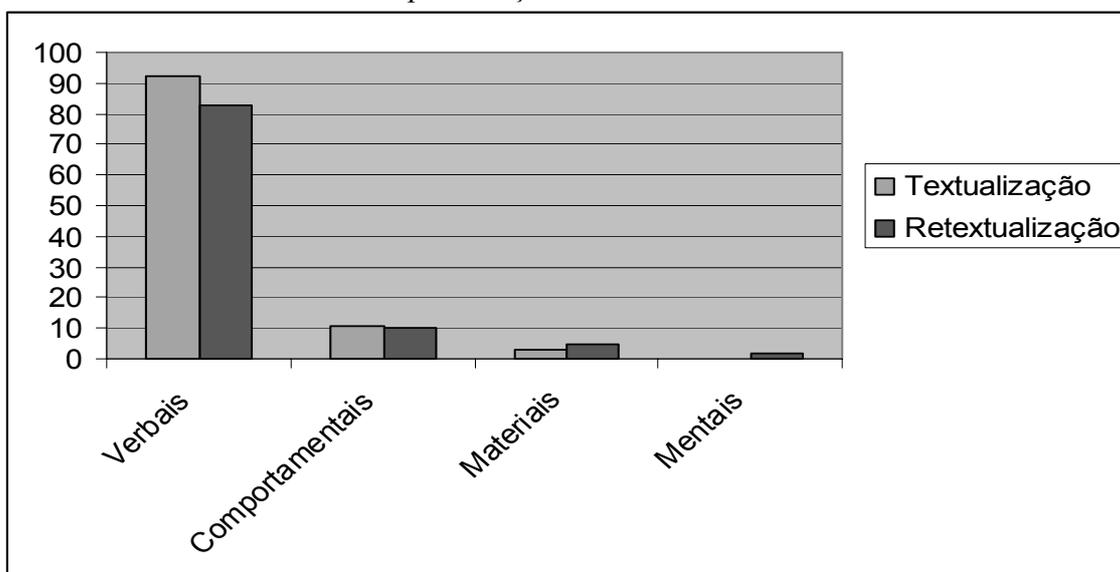


TABELA 10

Processos de transitividade na representação do discurso do rapaz-entrevistador

Processos	Textualização		Retextualização	
	Ocorrências	(%)	Ocorrências	(%)
Verbais	92	86,8%	83	83,0%
Comportamentais	11	10,4%	10	10,0%
Materiais	3	2,8%	5	5,0%
Mentais	0	0	2	2,0%
TOTAL	106	100%	100	100%

Através das tabelas e gráficos relativos aos processos de transitividade, dispostas acima, percebe-se a preponderância de processos verbais (mais de 70%) e de processos comportamentais (mais de 18%) em ambos os textos e pontos de vista, na representação do discurso do entrevistado, em relação ao rapaz-entrevistador. Retomando as noções desenvolvidas por Halliday (1994), o autor assinala a principal diferença entre os processos verbais e os comportamentais como sendo a que revela nos processos comportamentais a possibilidade somente de serem realizados por seres conscientes, enquanto os processos verbais podem ser realizados, inclusive, por seres inanimados como, por exemplo, um relógio, um semáforo, etc (cf. Capítulo 1). Quanto aos processos mentais, Halliday afirma que esses processos representam o mundo interno do participante humano – ele é o Experienciador (*Senser*), que pensa, vê ou sente algo frente a um fenômeno (*Phenomenon*). Quanto a este aspecto, observa-se uma maior ocorrência de processos mentais (+2,2%) na representação da fala em 1ª pessoa do entrevistado.

Podemos, então, afirmar que a retextualização constrói personagens como participantes conscientes, com comportamentos físicos e sociais e com atitudes reflexivas, que experienciam fenômenos ou pensam neles. Partindo destes conceitos, o entrevistado, *Louis*, é representado em ambos os textos (através dos verbos introdutórios de sua fala) como um personagem que participa da história de forma consciente e reflexiva; sugerindo, com isso, a representação da figura do vampiro em *Interview with the vampire*, de uma maneira mais humana e sensível do que o próprio homem mortal – representado pelo personagem “entrevistador”.

Conforme já apontamos, no entanto, na retextualização da entrevista (verificada através dos dados relativos à representação do discurso do entrevistador e da narrativa em

3ª pessoa do entrevistado) o entrevistador é representado de forma mais humanizada e consciente do que se verifica na textualização da mesma.

Retomando todos os pontos citados, podemos afirmar, resumidamente, que o gênero “entrevista” é representado nas primeira e quarta partes do romance (re)textualizado, embora apresente-se mais evidenciado na sua retextualização, uma vez que há menos processos de transitividade e, em especial, menos processos verbais; o que torna a interação mais fluente (ponto destacado como uma das convenções do gênero, no Capítulo 2 desta pesquisa). Além disso, de acordo com o conceito de “neoconfissão”, descrito também no Capítulo 2, verificamos que a maior parte do romance (re)textualizado é constituído pela narrativa do entrevistado, ao narrar os acontecimentos de sua vida de vampiro para o entrevistador; fato já mencionado anteriormente, o que evidencia uma oposição ao caráter convencional da entrevista, no qual o papel do entrevistado se inverte e este passa a exercer o controle sobre a entrevista. Desse modo, a entrevista “neoconfissional” focaliza unicamente o entrevistado que, por sua vez, apresenta-se caracterizado como um personagem mais humanizado e reflexivo do que o próprio entrevistador, em ambos os textos e, com mais ênfase ainda, na retextualização do romance. Constatase, novamente, que até mesmo durante a “neoconfissão” na retextualização, o gênero entrevista parece estar mais evidenciado, através de recursos que sugerem uma pausa maior entre os diálogos com os outros personagens (incluindo uso de pontuação mais pausada, relato descontínuo e eclipse de verbos) e maior variedade lexical.

Os exemplos da próxima seção servem de elucidação das questões abordadas, ao mostrar as escolhas de Lispector, na retextualização dos processos, em que podemos visualizar, entre outras coisas, processos verbais retextualizados por processos comportamentais e mentais para introduzir a fala do entrevistado; e processos materiais

retexualizados por processos comportamental e mental para introduzir a fala do rapaz-entrevistador.

3.2.1 – Padrões de retexualização

Os QUADROS 23, 24, 25, 26 e 27 trazem exemplos de escolhas diferentes de processos de transitividade para introduzir a fala do entrevistado e do rapaz-entrevistador.

QUADRO 23

Padrões de retexualização de processo verbal na representação do entrevistado

Textualização	Retexualização
<p>1) “Did I kill him or did I not kill him!” (...) “What’s your guess?” “You did not,” I said numbly. “Because you invited me to go, and would never have invited me to share that kill.”</p> <p>[Verbal]</p>	<p>1) -- Matei-o ou não? -- (...) Qual seu palpite? -- Não -- gaguejei. -- Porque me convidou para ir e nunca teria me convidado a partilhar esta morte.</p> <p>[Comportamental]</p>
<p>2) “God,” the vampire uttered and, turning away from him, almost pushed the boy off-balance against the wall.</p> <p>[Verbal]</p>	<p>2) -- Deus -- balbuciou o vampiro e, se afastando, quase fez o rapaz perder o equilíbrio.</p> <p>[Comportamental]</p>
<p>3) “We don’t know the meaning of something like that until we see it!” (...) “We just don’t know.” “No, we don’t,” I said.</p> <p>[Verbal]</p>	<p>3) -- Direi... Não podemos saber o significado de nada até vê-lo! -- (...) -- Simplesmente não sabemos. -- Não, não sabemos -- concordei.</p> <p>[Mental]</p>
<p>4) “Drink,” she whispered, drawing nearer. “Drink.” And she held the soft, tender flesh of the wrist towards me. “No, I know what to do; haven’t I done it in the past?” I said to her.</p> <p>[Verbal]</p>	<p>4) -- Beba -- murmurou, chegando mais perto. -- Beba e me ofereceu a carne macia e tenra de seu pulso. -- Não. Eu sei o que fazer. Já não o fiz no passado? -- recusei.</p> <p>[Mental]</p>

QUADRO 24

Retextualização de processo comportamental na representação do entrevistado

Textualização	Retextualização
1) “Why did you become a vampire? I blurtd out. “And why such a vampire you are!” [Comportamental]	1) -- Por que se tornou um vampiro? -- falei sem pensar. -- E por que se tornou um vampiro deste tipo? [Verbal]

QUADRO 25

Padrões de retextualização de processo material na representação do entrevistado

Textualização	Retextualização
1) “A fool of you! You must reach Armand, Armand is the leader here,” I burst out . But he didn’t seem to understand. [Material]	1) -- Um tolo, você! Precisa encontrar Armand, ele é o líder daqui! -- gritei . Mas ele não pareceu compreender. [Comportamental]
2) “You don’t understand him!” I fought it, kissing her; I wanted to shower her with kisses, her cheek, her lips.” [Material]	2) -- Você não compreendeu -- retriquei , beijando-a. Queria cobri-la de beijos, suas faces, seus lábios. [Verbal]
3) “Perhaps you can bring some sanity to this place,” he said. “You’re a Frenchman, aren’t you? You know, I’m English.” “Yes,” I nodded . [Comportamental]	3) -- Talvez você traga alguma sanidade a este lugar -- disse ele. -- É francês, não é? Sabe, eu sou inglês. -- Sim -- concordei . [Mental]

QUADRO 26

Retextualização do processo mental na representação do entrevistado

Textualização	Retextualização
1) “(...) I wish I could describe the passion that infected her round features, how her soft baby mouth was distorted. “And the child who did die?” I guessed , watching her. I was picturing a doll shop, dolls with the same face. [Mental]	1) -- (...) Gostaria de saber descrever a paixão que invadiu suas feições roliças e como sua delicada boca de bebê se transfigurou. -- É a criança que morreu? -- arrisquei , observando-a. Imaginava uma loja de bonecas, bonecas de rosto idêntico. [Material]

QUADRO 27

Padrões de retextualização de processo material na representação do entrevistador

Textualização	Retextualização
<p>1) “But...” the boy started.</p> <p style="text-align: center;">[Material]</p> <p>“Yes?” said the vampire. “I’m afraid I don’t allow you to ask enough questions.”</p>	<p>1) -- Mas... -- balbuciou o rapaz.</p> <p style="text-align: center;">[Comportamental]</p> <p>-- Sim? -- disse o vampiro. -- Sinto não estar permitindo que faça muitas perguntas.</p>
<p>2) “(...) As you can see, my face is very white and has a smooth, highly reflective surface, rather like that of polished marble.”</p> <p>“Yes, the boy nodded, and appeared flustered. “It’s very... beautiful, actually,” said the boy.</p> <p style="text-align: center;">[Comportamental]</p>	<p>2) -- (...) Como pode ver, meu rosto é muito branco e suave, uma superfície bastante refletiva, quase como a do mármore polido.</p> <p>-- Sim -- concordou o rapaz. -- É muito... bonito, na verdade -- disse.</p> <p style="text-align: center;">[Mental]</p>

Podemos ilustrar os dados da TABELA 6 e 7 com os exemplos dos quadros acima, os quais explicitam os padrões utilizados na retextualização da narrativa do entrevistado e do rapaz-entrevistador. Podem-se comprovar, por exemplo, as diversas escolhas na tradução dos processos que introduzem a fala de ambos os personagens, embora apenas na introdução da fala do entrevistador haja retextualizações diferenciadas de processos materiais, fato que comprova os pontos já levantados, que indicam uma caracterização um pouco mais humanizada e reflexiva do entrevistador na RT. Concluimos, também, com os padrões apontados através dos quadros, que os processos verbais e comportamentais, introdutórios da fala do rapaz-entrevistador, tiveram uma tendência a serem traduzidos por processos do mesmo tipo, fato também revelado em Assis (2004:111).

A seguir, farei algumas considerações finais, procurando interligar, resumidamente, as questões discutidas nos capítulos desta dissertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada tencionou, acima de tudo, discutir questões relevantes para a disciplina, ainda pouco difundida, dos “Estudos da Tradução”, procurando dialogar com outros campos de estudo, entre os quais se destacam a lingüística sistêmica funcional e a lingüística de *corpus*.

À luz das teorias abordadas nesta dissertação, procurei estudar os padrões de (re)textualização dos verbos de elocução e processos de transitividade no *corpus* paralelo *Interview with the vampire* e *Entrevista com o vampiro*. A tradução, ou melhor, a retextualização – termo utilizado por Coulthard (1991) e adotado nesta pesquisa – feita por Clarice Lispector foi o objeto de investigação no qual busquei aplicar teorias sobre verbos de elocução e processos de transitividade, na tentativa de elucidar padrões de representação do discurso presentes em um *corpus* de pequena dimensão.

Através das análises realizadas com o suporte teórico, principalmente, de Thompson (1994) e de Halliday (1994), e com o aparato teórico-metodológico da lingüística de *corpus* com as ferramentas do programa de computação *WordSmith Tools*, constatei a ocorrência de escolha de outras categorias ou de elipse de verbos de elocução na RT; e o mesmo fenômeno ocorrendo em relação aos processos de transitividade. Os resultados atingiram os objetivos propostos nesta pesquisa, ao verificar que a retextualização utiliza mais recursos lingüísticos e convenções próprias do gênero “entrevista”, uma vez que há mais pausa entre as orações – com o uso de pontuação mais pausada, elipse de palavras e uso do relato descontínuo – e menos ocorrência de verbos de elocução e processos em geral e, em especial, na narrativa em que se realiza a entrevista contida no romance. No entanto,

constatou-se que tal entrevista (como interação) é representada em, apenas, 40% do romance (re)textualizado, enquanto a entrevista “neoconfissão”, segundo Medina (1986), em que o entrevistado toma o controle total sobre a entrevista e passa a narrar os acontecimentos sob o seu ponto de vista, é representada em 60%. Com isso, temos a representação do gênero *híbrido* “entrevista” e “romance” distribuídos, porcentualmente, da mesma forma nos dois textos, embora, com a utilização de recursos como o de relato descontínuo e outros que conferem maior pausa na narrativa, foram evidenciados mais elementos característicos do gênero “entrevista” na retextualização do romance.

Verificaram-se, também, os padrões de retextualização dos verbos de elocução e processos de transitividade, introdutores dos discursos do entrevistador e do entrevistado. Através deste estudo foi possível confirmar a afirmação anterior de escolhas diferenciadas feitas por Lispector, inclusive em relação à caracterização dos personagens envolvidos na entrevista referida. Por um lado, *Louis*, o vampiro-entrevistado, é representado como um personagem mais humanizado e sensível do que o próprio ser humano que o entrevista. Tal fato se justifica pelo uso muito maior de verbos de modo de dizer e de verbos de crença ou ideologia, e de processos comportamentais e mentais; e isto é ainda maior na retextualização de seu discurso. Por outro lado, temos o rapaz-entrevistador, com uma representação quantitativamente menor em comparação com a representação do discurso do entrevistado. Além disso, não possui verbos de crença ou ideologia introdutores de seu discurso e é significativamente representado por verbos não elocutórios que indicam características de animais e ações corriqueiras, e apresenta, apenas, dois processos mentais, sugerindo caracterização menos humana e reflexiva em comparação ao vampiro.

A respeito da questão abordada por Kress e Fowler (1979) sobre o aspecto do poder no decorrer de uma entrevista, chegou-se à confirmação de que o vampiro-entrevistado

apresenta maior controle sobre a entrevista contida no romance, uma vez que possui a predominância na narrativa em geral, possivelmente devido ao *status* superior de vampiro (ao possuir poderes que um ser humano não possui), chegando a apagar completamente, na terceira parte do livro, a figura do entrevistador.

De acordo com as considerações apresentadas acima, conclui que, apesar de *Interview with the vampire* apresentar dados quantitativos bastante aproximados dos dados contidos em *Entrevista com o vampiro*, as escolhas de Lispector indicam tendências em utilizar mais verbos que têm a função de tornar o diálogo mais fluente durante a entrevista. Outro ponto interessante é o fato de que, na retextualização de ambos os personagens analisados há menos verbos de elocução e menos processos verbais, apesar de apresentar mais variedade de verbos. Tais dados corroboram o trabalho de pesquisadores como Cruz (2003) e Assis (2004), sugerindo possível padrão de retextualização dos processos verbais pela elipse dos mesmos, o que indica uma forma distinta de representação do discurso em inglês e em português brasileiro.

Sob o aspecto da elipse de verbos e processos, podemos, inclusive, encontrar respaldo nas teorias sobre o gênero *entrevista*, apresentadas no Capítulo 2 desta dissertação. Retomando este aspecto, temos em Lodi (1974), a teoria que justifica o uso das pausas como um recurso usado pelo entrevistador, a fim de deixar fluir (sem interrupções) a revelação proferida pelo entrevistado. Por sua vez, Medina (1986) argumenta que uma maior ou menor comunicação durante o momento da entrevista está diretamente relacionada com a humanização do “contato interativo”. Conforme apontado, tal humanização mostra-se ainda mais acentuada na retextualização, de acordo com os dados referentes ao entrevistado. Pode-se, então, concluir que a humanização do contato entre vampiro *Louis* e o entrevistador, acrescida de recursos que evidenciam maior pausa na

retextualização do romance, indicam uma maior representatividade de elementos do gênero *entrevista* em *Entrevista com o vampiro*.

Outra ponte possível de se levantar é a de se apontar como influência na construção do texto de Clarice Lispector o fato, revelado em sua biografia, de que além de escritora e tradutora, Lispector atuou, profissionalmente, como entrevistadora e repórter de jornal. Conforme citado no Capítulo 2, Gotlib (1995:156) declara, sob esse aspecto biográfico de Lispector, que “além da contemporaneidade da produção [de Clarice Lispector], efetiva-se um intercâmbio de recursos entre tais modos de trabalhar a linguagem – o literário e o jornalístico – que se auto-complementam.” Com isso, seria razoável especular possíveis tendências em tornar sua retextualização, influenciada pelo exercício (durante anos) da escrita jornalística, mais representativa de elementos convencionais de uma entrevista. Outra hipótese da grande ocorrência de pausas, relato descontínuo e elipse de palavras, utilizados na retextualização, pode, também, ser baseada em fatores biográficos, ao apontarmos a questão do estilo tradutório, de acordo com Baker (2000). Conforme já citado, Lispector se caracteriza por apresentar uma escrita introspectiva²⁴, onde o silêncio exerce um papel fundamental na representação do discurso dos personagens. Sobre esta influência passível de ocorrer na realização de qualquer textualização, Baker afirma que,

“Se a tradução é uma atividade criativa, como eu acredito que seja, então os tradutores não podem estar simplesmente ‘reproduzindo’ o que eles encontram no texto fonte – em algum lugar de sua escrita cada tradutor deve estar deixando uma marca pessoal sobre o novo texto.” (Baker, 2000:262)

²⁴ Cf Mauri (2003), com relação à questão da introspecção e do silêncio como características recorrentes da escrita de Clarice Lispector.

Sobretudo, o estudo realizado neste trabalho, tencionou, apontar as possibilidades de escolhas e de traços do estilo de uma tradutora específica frente à tarefa de traduzir um gênero híbrido dos discursos literário e jornalístico.

“tradutores são intermediários de tradições literárias, e eles o são com algum objetivo em mente, que não é o de tornar o original disponível de uma forma neutra e objetiva. Os originais tornam-se, de fato, disponíveis, mas de acordo com os termos do tradutor, mesmo que esses termos acabem produzindo a mais literal das traduções.” (Vasconcellos, 1998:248)

Os resultados desta pesquisa abrem, também, uma perspectiva futura de análise mais pontual do relato descontínuo como traço de estilo da autora Clarice Lispector, através, por exemplo, de análise com *corpora* comparáveis.

ABSTRACT

This work aims at the analysis and comparison of the discourse representation of two characters in the parallel corpus *Interview with the vampire*, by Anne Rice, and *Entrevista com o vampiro*, by Clarice Lispector. The foci are reporting verbs and transitivity processes, in the patterns of (re)textualization which represent the discourse of the two characters in the interview narrated in the novel. The investigation is based on a functional approach to Translation Studies at the interface of Systemic Linguistics and Corpus Linguistics. The methodology was one of classification of introductory verbs of the interviewer's/interviewee's speech presentation, using the categories of reporting verbs and transitivity processes, and the resources offered by the software *WordSmith Tools*. The results of this inquiry suggest that, even though the distribution of reporting verbs and processes in the corpus is very similar, patterns of the retextualization seem to have more features of the genre "interview", as compared with patterns used in the textualization.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1) Corpus de base:

RICE, Anne. *Interview with the Vampire*. New York: Ed. Ballantine Books, 1997.

_____. *Entrevista com o Vampiro*. / Tradução de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

2) Bibliografia Teórica e Literária:

ALVES, F. e MAGALHÃES, C. Using small corpora to tap and map the process-product interface in translation. *TradTerm*, São Paulo, vol.10, p.179-211, 2004.

ALVES, F., MAGALHÃES, C., PAGANO, A. Towards the construction of a multilingual, multifunctional corpus: factors in the design and application of Cordiall. *TradTerm*, São Paulo, vol.10, p.143-161, 2004.

ASSIS, R. C. *A transitividade na representação de Sethe no corpus paralelo Beloved-Amada*. Dissertação (Mestrado em Estudos Lingüísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

BAKER, M. *In Other Words: A Coursebook on Translation*. London and New York: Routledge, 1992.

_____. Corpus linguistics and translation studies: implications and applications. In: BAKER, M., FRANCIS, G. e TOGNINI-BONELLI, E. (Eds.). *Text and technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1993. p.233-250.

_____. *Corpora in Translation Studies: an overview and some suggestions for future research*. Target, Amsterdam, v.7, n. 2, p. 223-243, 1995.

_____. Corpus-based translation studies: The challenges that lie ahead. In: SOMERS, H. (Ed.). *Terminology, LSP and Translation Studies in language engineering in honour of Juan C. Sager*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., 1996. 177-186.

_____. (Ed.). *Encyclopedia of Translation Studies*. London: Routledge, 1998.

- _____. Towards a methodology for investigating the style of a literary translator. *Target*, v.12, n.2, p.241-266, 2000.
- BERBER-SARDINHA, T. Usando WordSmith Tools na investigação da linguagem. *DIRECT Papers* 40, 2003. Disponível no sítio eletrônico: <<http://lael.pucsp.br/~tony/download.htm>>
- BIBER, D. *et al.* *Longman Grammar of Spoken and Written English*. Harlow: Longman, 1999.
- BIBER, D., CONRAD, S., REPPEN, R. *Corpus Linguistics. Investigating language structure and use*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- BLUM-KULKA, S. Shifts of cohesion and coherence in translation. In: VENUTI, L., BAKER, M. (Ed.). *The translation studies reader*. London and New York: Routledge, 2000. p.298-313.
- CALDAS-COULTHARD, C. On reporting reporting: the representation of speech in factual and factional narratives. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge, 1994. p.295-320.
- COULTHARD, M. A tradução e seus problemas. In: COULTHARD, M., CALDAS-COULTHARD, C. (Orgs.). *Tradução: teoria e prática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1991. p.1-15.
- _____. On analysing and evaluating written text. In: COULTHARD, M. (Ed.). *Advances in written text analysis*. London and New York: Routledge, 1992. p.1-11.
- CRUZ, O. 'Harry Potter and the chamber of secrets' e sua tradução para o português do Brasil: uma análise dos verbos de elocução, com base na lingüística sistêmica e nos estudos de corpora. (Dissertação de mestrado/UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, 2003.
- EVEN-ZOHAR, I. The position of translated literature within the literary polysystem. In: VENUTI, L. (Ed.) *The Translation Studies Reader*. London and New York: Routledge, 1978/2000. p.192-197.
- FAIRCLOUGH, N. Discourse representation in media discourse. *Sociolinguistics*, n.17, p.125-139, 1988.
- FRANÇA, J. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 6ª ed. rev. e ampl. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- FRAWLEY, W. *Translation: literary, linguistic, and philosophical perspectives*. London; Toronto: Associated University Press, 1984. [Versão revisada em VENUTI, L. (Ed.) *The Translation Studies reader* London and New York: Routledge, 2000].

- GELDER, K. *Reading the Vampire*. London and New York: Routledge, 1994.
- GHADESSY, M., GAO, Y. Small corpora and translation; Comparing thematic organization in two languages. In: GHADESSY, M., HENRY, A.; ROSEBERRY, R. (Eds.). *Small Corpus Studies and ELT*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.335-339.
- GOTLIB, N. B. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.
- HALLIDAY, M.A.K. The linguistic basis of a mechanical thesaurus. *Mechanical Translation*. 3.3, p.81-88, 1956.
- _____. Linguistics and Machine Translation. *Zeitschrift für Phonetik, Sprachwissenschaft und Kommunikationsforschung*. 15.1, p.145-158, 1962.
- _____. Linguistics function and literary style: an inquiry into the language of William Golding's *The Inheritors*. In: *Explorations in the functions of language*. London: Edward Arnold, 1973. p.103-141.
- _____. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.
- _____. Towards a theory of good translation. In: STEINER, E., YALLOP, C. (Eds.) *Exploring translation and multilingual text production: beyond content*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, 2001. p.13-18.
- HATIM, B., MASON, I. *Discourse and the translator*. London and New York: Longman, 1990.
- _____. *The translator as communicator*. London and New York: Routledge, 1997.
- HOFFNAGEL, J. Entrevista: uma conversa controlada. In: DIONISIO, A. et al. (Org.). *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.180-193.
- HOUSE, J. *A model for translation quality assessment*. Tübingen: Narr, 1977.
- JESUS, S. *Representação do discurso e tradução: padrões de textualização em corpora paralelo e comparável*. (Dissertação de mestrado/UFGM) Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, 2004.
- KENNY, D. *Lexis and creativity in translation: a corpus-based study*. Manchester/UK/Northampton: St. Jerome Publishing, 2001.
- KRESS, G., FOWLER, R. Interviews. In: KRESS, G. et al. *Language and Control*. London, Boston and Henley: Routledge; Kegan Paul, 1979. p.63-80.
- LAVIOSA, S. How comparable can 'comparable corpora' be? *Target*, Amsterdam, v.9, n.2, p.289-319, 1997a.

- _____. Investigating simplification in an English comparable corpus of newspaper articles. In: KLAUDY, K. e KOHN, J. (Eds.). *Transferre Necesses Est: Proceedings of the 2nd International Conference on Current Trends in Studies of Translation and Interpreting, 5-7 September, 1996, Budapest*. Hungary: Scholastica, 1997b. p.531-540.
- _____. Core patterns of lexical use in a comparable corpus of English narrative prose. *Meta*, Montreal, vol.43, n.4, p.557-570, 1998.
- LEECH, G., SHORT, M. *Style in Fiction*. London: Longman, 1981.
- LISPECTOR, C. *A descoberta do mundo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LODI, J. *A entrevista: teoria e prática*. 2^a edição. São Paulo: Pinoneira, 1974.
- MAGALHÃES, C. Pesquisas textuais/discursivas em tradução: o uso de corpora. In: PAGANO, A. (Org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.93-116.
- MAIA, B. Word order and the first person singular in Portuguese and English. *Meta*, Montreal, v.43, n.4, p.589-601, 1998.
- MALDONADO, C. *Discurso directo y discurso indirecto*. Madrid: Taurus Universitária, 1991.
- MARTIN et al. *Working With Functional Grammar*. London: Arnold, 1985/1997.
- MAURI, C. *Um estudo da tradução italiana de 'Laços de Família', de Clarice Lispector, a partir da abordagem em corpora: a construção da introspecção feminina através dos verbos de elocução*. (Dissertação de mestrado/UFMG) Universidade Federal de Minas Gerais: Faculdade de Letras, 2003.
- MEDINA, C. de A. *Entrevista; o diálogo possível*. São Paulo: Ed. Ática, 1986.
- MUNDAY, J. A corpus-assisted approach to the analysis of translation shifts. *Meta*. Vol. 43, n. 4, 1998.
- _____. *Introducing Translations Studies: Theories and Applications*. London: Routledge, 2001.
- NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo: UNESP, 1999.
- PAGANO, A. (Org.) *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.
- _____. Gêneros Híbridos. In: MAGALHÃES, C. (Org.). *Reflexões sobre a Análise Crítica do Discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001. p.83-119.

- _____. Abordagens sistêmicas da tradução. In: CALDAS-COULTHARD, C. *et al. Práticas discursivas: da teoria à ação social*; homenagem a Malcolm Coulthard. São Paulo: Contexto, 2003. (no prelo).
- PAULO, J. Objeto querido por Deus. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 12 dez. 2004. Caderno cultura, p.7.
- SCOTT, M. Comparing corpora and identifying key words, collocations, frequency distributions through the Wordsmith Tools suite of computer programs. In: GHADDESSY, M. *et al.* (Ed.). *Small corpus studies and ELT*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. p.47-67.
- SHORT, M. Speech presentation, the novel and the press. In: VAN PEER, W. (Ed.). *The taming of the text: explorations in language, literature and culture*. London and New York: Routledge, 1988. p.61-81
- SHORT, M. *et al.* Using a corpus for stylistics research: speech and thought presentation. In: THOMAS, J., SHORT, M. (Eds.). *Using corpora for language research*. London and New York: Longman, 1996. p.110-131.
- SIMPSON, P. Point of view in narrative fiction: preliminaries. In: _____. *Language, Ideology and Point of View*. London and New York: Routledge, 1993. p.11-45.
- SINCLAIR, J. *Corpus, concordance, collocation*. Oxford: Oxford University Press, 1991.
- _____. Preface. In: GHADDESSY, M. *et al.* (Ed.). *Small corpus studies and ELT: theory and practice*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2001. p.vii-xv.
- SINCLAIR, J. *et al.* (Ed.) *Collins Cobuild English Grammar / Collins Birmingham University International Language Database*. London: Harper Collins, 1993.
- SWALES, J. *Genre Analysis: english in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- TAGNIN, S. Um corpus multilingüe para ensino e tradução – o COMET: da construção à exploração. In: *TradTerm*, vol.10, p.117-141, 2004.
- THOMPSON, G. *Collins Cobuild English Guides 5: Reporting*. London: HarperCollins Publishers, 1994.
- _____. *Introducing functional grammar*. London: Arnold, 1996.
- TOURY, G. The nature and role of norms in literary translation. In: VENUTI (Ed.) *The Translation Studies Reader*. Londres and New York: Routledge, 1978/2000. p.198-211.

VARIN, C. *Línguas de fogo: ensaio sobre Clarice Lispector*. Tradução de Lúcia Peixoto Cherem. São Paulo: Limiar, 2002.

VASCONCELLOS, M. L. Can the translator play with the system, too? A study of thematic structure in some Portuguese translations. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.2, p.137-184, 1997.

_____. 'Araby' and meaning production in the source and translated texts: a systemic functional view of translation quality assessment. *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, n.3, p.215-254, 1998.

VENUTI, L. (ed.). *The translation studies reader*. Londres: Routledge, 2000.

TYMOCZKO, M. Computerized Corpora and the Future of Translation Studies. *Meta*, v.43, n.4, p.652-659, 1998.

3) Endereços Eletrônicos Consultados:

<http://www.google.com>

<http://www.annerice.com>

<http://lael.pucsp.br/~tony/download.htm>

ANEXOS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)